

ALEXANDRE MEDEIROS  
CHIE HIROSE  
ENIO STAROSKY  
JEAN LAUAND  
JOÃO SÉRGIO LAUAND  
SYLVIO R. G. HORTA

# ESTUDOS KEIRSEYIANOS NO CEMOROC

ORGANIZAÇÃO:  
ALEXANDRE MEDEIROS & JEAN LAUAND

CEMOROC – COLÉGIO LUTERANO SÃO PAULO – CENTRO DE ESTUDOS JÚLIO VERNE

EM PREPARAÇÃO DO 90º ANIVERSÁRIO DO CLSP E CELEBRANDO OS 50 ANOS DO CEJV

2022



EDIÇÕES  
**CEMOrOc**

## **Organização**

**Alexandre Medeiros & Jean Lauand**

Alexandre Medeiros  
Chie Hirose  
Enio Starosky  
Jean Lauand  
João Sérgio Lauand  
Sylvio R. G. Horta

# **Estudos Keirseyanos no Cemoroc**

**Cemoroc – ColégioLuterano São Paulo –**

**Centro de Estudos Júlio Verne**

(em preparação do 90º aniversário do COLUSP e  
celebrando os 50 anos do CEJV)

**2022**

Copyright © 2022 dos autores  
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2022

### **Conselho Editorial dos livros do Cemoroc**

#### **Diretores:**

Jean Lauand (Feusp)

Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)

Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

#### **Membros:**

Aida Hanania (FFLCH-USP)

Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)

Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University  
Indianapolis)

Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)

Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)

María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)

Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)

Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)

Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)

Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)

Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)

Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)

Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)

Terezinha Oliveira (Uem)

Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

---

Medeiros, Alexandre; Lauand, Jean (Org.)  
Estudos Keirseyanos no Cemoroc; São Paulo: Cemoroc, 2022

ISBN 978-65-00-34347-2

1. Psicologia 2. Religião 3. Educação I. Título CDD- 100 Psicologia e  
Filosofia

---

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC  
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

## SUMÁRIO

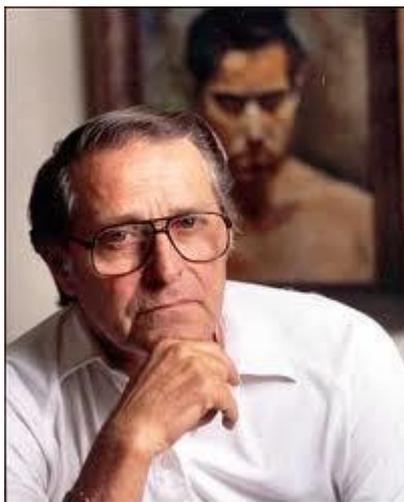
<b>Apresentação</b> .....	<b>05</b>
<b>Pessoa, identidade, auto-realização e identificação – o reconhecimento de Jesus e sua personalidade humana</b> <i>Jean Lauand, Sylvio R. G. Horta, Enio Starosky</i> .....	<b>07</b>
<b>Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas</b> <i>Jean Lauand, Alexandre Medeiros</i> .....	<b>30</b>
<b>Nota sobre as preferências J e P em David Keirsey: o decidir</b> <i>Chie Hirose, Enio Starosky</i> .....	<b>31</b>
<b>Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte I: os 4 tipos SP</b> <i>Alexandre Medeiros, Enio Starosky</i> .....	<b>37</b>
<b>Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte II: os 4 tipos SJ</b> <i>Alexandre Medeiros, Enio Starosky</i> .....	<b>59</b>
<b>“Verdade”, justiça ou misericórdia na religião? Keirsey, o fator T no tradicionalismo religioso e a educação</b> <i>Chie Hirose, Enio Starosky</i> .....	<b>87</b>
<b>Um notável ENFP: Paulo Ferreira da Cunha</b> <i>João Sérgio Lauand</i> .....	<b>95</b>
<b>Tipos e Estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv &amp; Cia.)</b> <i>Alexandre Medeiros</i> .....	<b>103</b>
<b>Estudos keirseyanianos nas revistas do Cemoroc: 2017-2021</b> <i>Alexandre Medeiros</i> .....	<b>121</b>
<b>Enio Starosky, a teoria de Keirsey e os tipos religiosos</b> <i>Jean Lauand</i> .....	<b>129</b>

## Apresentação

Como parte das celebrações dos 25 anos das revistas do Cemoroc e seus 300 volumes publicados, que se cumprem em 2022, publicamos a presente obra, que recolhe alguns dos mais recentes artigos de nossos pesquisadores sobre um dos principais campos de pesquisa do Centro: a teoria dos temperamentos e tipos psicológicos de David Keirsey. Ao todo, em nossas revistas, são já perto de 50 artigos sobre o tema.

A teoria keirseiana é uma constante no Cemoroc, a ela dedicamos tematicamente nosso Seminário Internacional de 2021: “XXII Seminário Internacional Filosofia e Educação – Keirsey, Identidade e Escola”, do qual procedem alguns dos estudos deste livro.

A celebração dos 25 anos das publicações do Cemoroc dá-se em uma feliz coincidência com a proximidade de aniversários redondos de duas instituições de ensino, também elas fortemente marcadas pelos estudos keirseianos: o Colégio Luterano São Paulo (que celebra seus 90 anos em 2023) e o Centro de Estudos Júlio Verne, que acaba de completar seus 50 anos (2021).



[https://en.wikipedia.org/wiki/David\\_Keirsey](https://en.wikipedia.org/wiki/David_Keirsey)

Ocorre que os diretores desses destacados colégios são dois de nossos mais fecundos pesquisadores: Enio Starosky, do Luterano, defendeu em 2020, seu brilhante doutorado na Umesp: “David Keirsey e a religião: a tipologia na compreensão de perfis religioso”, já publicado como livro, e Alexandre Medeiros, do Júlio Verne, está realizando um notável pós-doutorado na Feusp sobre Keirsey: “Tipos e estereótipos: uma análise keirseiana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)”.

Os demais autores são Chie Hirose, que concluiu seu pós-doutorado na Feusp em 2019, sobre os fatores T e J de Keirsey; João Sérgio Lauand, que fez na Feusp um pioneiro doutorado em 2011: “Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a

Educação - um estudo da sitcom “Everybody Loves Raymond”; e o sinólogo da Ffchusp, Sylvio R. G. Horta, que já nos brindou com a análise keirseiana de Confúcio e Lao-Tsé.

Neste livro, a partir da teoria de Keirsey oferecemos ao leitor algumas análises de fundo, como “Pessoa, identidade, auto-realização e identificação – o reconhecimento de Jesus e sua personalidade humana”; registros documentais, como “Estudos keirseianos nas revistas do Cemoroc: 2017-2021”, as “Galeria de Tipos SJ e SP – I e II” e a resenha sobre o livro de Enio Starosky; estudos sobre fatores básicos da teoria (J, P e T), como os de Hirose-Starosky; o estudo de caso ENFP, feito por João Sérgio Lauand e um par de análises de Alexandre Medeiros sobre Keirsey e a escola.

Jean Lauand

(p./ orgs.)

## Pessoa, identidade, auto-realização e identificação – o reconhecimento de Jesus e sua personalidade humana

Jean Lauand<sup>1</sup>  
Sylvio R. G. Horta<sup>2</sup>  
Enio Starosky<sup>3</sup>

**Resumo:** Notas de três conferências articuladas do “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação (Keirsey)” (2021). Este estudo apresenta alguns aspectos fundamentais da identidade da pessoa e do problema do reconhecimento de Jesus Cristo e de sua identidade humana.

**Palavras Chave:** Jesus Cristo. identidade. reconhecimento. lúdico. Shakespeare. Keirsey. Julián Marías.

**Abstract:** Notes of three lectures of the “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação – David Keirsey”. The article shows some basic aspects of personal identity and the problems of recognizing Jesus Christ and His human identity.

**Keywords:** Jesus Christ. identity. recognizing. ludic. Shakespeare. David Keirsey. Julián Marías.

*“Quem dizem os homens que eu sou”? “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8; 27. 29)*

*“Shakespeare era nada em si mesmo; mas era tudo que os outros eram, ou o que podiam se tornar.”  
William Hazlitt<sup>4</sup>*

### A pergunta fundamental de Shakespeare

Alguns estudiosos consideram a pergunta fundamental do *Hamlet* não o “*to be or not to be...*”, mas uma sentença aparentemente sem a menor importância, que é, no fundo, a mais essencial. Trata-se da primeiríssima fala da peça: é de noite e, ao aproximar-se para a troca de turno de sentinelas, um dos guardas faz a decisiva pergunta: - *Who’s there?*

---

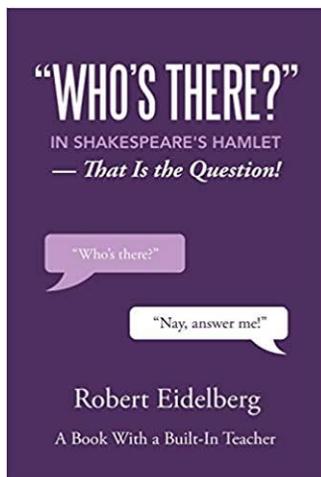
<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

<sup>2</sup>. Doutor em Filosofia da Educação pela FEUSP. Professor da FFLCHUSP - Departamento de Letras Orientais.

<sup>3</sup>. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

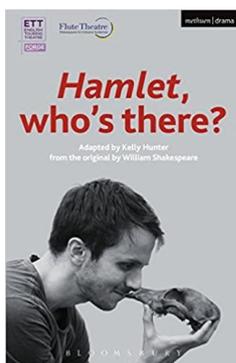
<sup>4</sup>. Citado por Thomas Armstrong, *Sete tipos de inteligência*, RJ, Record, 2003, pág. 139.

De fato, para Edward Yastion, um notável diretor de *Hamlet*, “Quem está aí?” é que é a *questão* e a peça inteira busca responder a ela. E Robert Eidelberg lançou recente livro: tematicamente dedicado a esta questão.



[https://www.amazon.com.br/Whos-There-Shakespeares-Hamlet-Question/dp/1796073202/ref=sr\\_1\\_7?dchild=1&qid=1618288093&refinements=p\\_27%3ARobert+Eidelberg&s=books&sr=1-7&text=Robert+Eidelberg](https://www.amazon.com.br/Whos-There-Shakespeares-Hamlet-Question/dp/1796073202/ref=sr_1_7?dchild=1&qid=1618288093&refinements=p_27%3ARobert+Eidelberg&s=books&sr=1-7&text=Robert+Eidelberg)

E Kelly Hunter inclui essa questão no próprio título da peça, em sua adaptação de *Hamlet*.



<https://www.amazon.com.br/Hamlet-Whos-There-William-Shakespeare/dp/1350006386>

E é que o próprio “*to be or not to be*” remete, afinal, a: Quem sou eu? Quem está aí? Quem sou eu? Quem é você? Quem é Fernando Pessoa; quem, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares? Quem está aí? Quem é o rei Claudius?

“Quem sou eu? Quem está aí?” (mais no sentido de “Who am I?” do que de “Who I am?”). Aí reside o caráter “dramático” da condição humana, do ser pessoa do homem, de sua realização, como *pro-jeto* ou, no dizer de Pieper: *selsbstverwirklichungsvorgang*, em processo de auto-realização. A tentativa de cristalizar o “quem sou eu” em uma resposta alheia a essa dinâmica de *pro-jeção*, resultaria em coisificação, como aponta Julián Marías:

Já há bastante tempo eu disse na *Antropologia Metafísica* que, do meu ponto de vista, não é certo que se possa reduzir tudo a uma pergunta: O que é o homem? E isso, precisamente num livro de antropologia. Eu

dizia: – Não, para começar, não está correta a pergunta: “O que é o homem?”. Essa pergunta tem sido feita pela filosofia já há muito tempo, mas é uma pergunta errada, é uma pergunta que propõe um problema de resposta falsa, porque o homem não é um “quê”. Se alguém bate à porta, não se pergunta “que”, mas sim “quem” é. Devemos distinguir radicalmente entre “que” e “quem”. A pergunta não é portanto “O que é o homem?”, nem tampouco “Quem é o homem?” - isto não tem sentido - a pergunta radical é “Quem sou eu?”.

(...) Porque “eu” é um pronome, é um pronome pessoal, que indica precisamente a posição existente e única. Quando alguém bate e se pergunta “Quem é”, frequentemente se responde: “eu”, se a voz for conhecida. “Eu”, não “o eu”, que é uma abstração; “eu”, rigorosamente pronominal. Portanto, a pergunta não seria “O que é o homem?”, a pergunta seria “Quem sou eu?”. Mas esta pergunta vai acompanhada de outra, inseparável: “O que vai ser de mim?”. São duas perguntas inseparáveis e que de certo modo se contrapõem: quero dizer que na medida em que posso responder plenamente a uma, a outra fica na sombra. Se eu sei quem sou, se eu me vejo a mim mesmo como pessoa, como “quem”, não acabo de saber o que vai ser de mim... Se, por outro lado, quero ter a certeza sobre o que vai ser de mim, evidentemente necessito apoiar-me em algo estável e executo a operação de – de certo modo – coisificação. Essas duas perguntas são inevitáveis, inseparáveis e – de algum modo – conflitantes. Por isso, é que eu acho que a vida humana é dramática.<sup>5</sup>

A vida humana é “dramática”, futura (Marías) – que tende ao futuro –, precisamente essa *pro-jeção*, o que posso (talvez...) ser exercendo minha liberdade, a múltiplas possibilidades em meu futuro.

Daí a importância que o próprio Marías dá à sentença chave do Quixote (e do próprio Cervantes): “Eu sei quem sou” (Cap. V da parte I).



José Moreno Carbonero “La aventura de los mercaderes” (1898)  
[https://auctionet.com/es/1057887-la-aventura-de-los-mercaderes/imagenes#image\\_2](https://auctionet.com/es/1057887-la-aventura-de-los-mercaderes/imagenes#image_2).

Recordemos: Dom Quixote está estendido no chão, moído por uma surra que acabara de tomar de uns mercadores zombeteiros a quem desafiara. Não consegue se

---

<sup>5</sup>. Marías, Julián “Kant”, *International Studies on Law and Education*, No.4, Harvard Law School Association – São Paulo, p.90.

erguer e consola-se pensando em situações de ferimentos de grandes cavaleiros nas histórias que lera. Por sorte, um vizinho passa por ali e o acode. Dom Quixote, saúda-o, como se esse pobre camponês fosse um grande personagem da cavalaria, como o próprio Quixote:

— Saiba vossa mercê, senhor dom Rodrigo de Narváez, que esta formosa Xarifa deque falei é agora a linda Dulcineia del Toboso, por quem eu fiz, faço e farei as maiores proezas de cavalaria que se viram, veem ou verão no mundo.

A isso o camponês respondeu:— Veja vossa mercê que, por bem de meus pecados, não sou dom Rodrigo de Narváez nem o marquês de Mântua, mas Pedro Alonso, seu vizinho. E nem vossa mercê é Valdovinos nem Abindarráez, mas o honrado fidalgo senhor Quixana [Quixote].

— Eu sei quem sou – respondeu dom Quixote – e sei que posso ser não apenas esses que mencionei como todos os Doze Pares de França e até os Nove da Fama, pois todas as façanhas que eles fizeram juntos, ou cada um por si, serão superadas pelas minhas.

(<http://itaudeminas.mg.gov.br/arquivos/ere/livros/Dom-Quixote-Miguel-de-Cervantes.pdf>)



[https://www.youtube.com/watch?v=EfA509jpsc8&list=PLmO7Jpa5j1fX2scgJuOKyWz4Q1ALM-Ha9&index=12&ab\\_channel=lenguayliteraturaNLN](https://www.youtube.com/watch?v=EfA509jpsc8&list=PLmO7Jpa5j1fX2scgJuOKyWz4Q1ALM-Ha9&index=12&ab_channel=lenguayliteraturaNLN)

### **O reconhecimento e a possibilidade de abertura para o real. Jesus lúdico.**

Buscar a resposta à pergunta “Who’s there?” é tarefa muito árdua; a tendência a não ver a realidade é prodigiosa, como mostram, por exemplo, diversos estudos de Clément Rosset. No estudo “A inobservância do real” ele nos diz:

Se há uma faculdade humana que merece atenção e assemelha-se ao prodígio é realmente essa aptidão, particular ao homem, de resistir a toda informação exterior quando esta não concorda com a ordem da expectativa e do desejo, de ignorá-la se for preciso e a seu bel-prazer; admitindo a possibilidade de opor a ela, se a realidade insiste, uma recusa de percepção que interrompe toda controvérsia e encerra o debate, naturalmente às custas do real. Esta faculdade de resistência à informação tem algo de fascinante e de mágico, nos limites do inacreditável e do sobrenatural: é impossível conceber como se utiliza o

aparelho perceptivo para não perceber, o olho para não ver, o ouvido para não ouvir. No entanto, essa faculdade, ou melhor, essa antifaculdade, existe; ela é mesmo das mais banais e qualquer um pode fazer sua observação cotidiana.<sup>6</sup>

Em um primeiro nível dessa procura da manifestação da verdade (outro problema é se a verdade vai ser aceita ou não...), Shakespeare propõe um sugestivo recurso de meta-linguagem: o personagem Hamlet vale-se do teatro e para certificar-se do assassinato do pai faz a companhia de atores encenar ante o rei a sequência do crime do qual ele é o suspeito. E é que o *lúdico* permite *aludir* a um fato: aliás, não por acaso, *aludir* do ponto de vista etimológico significa precisamente *ad-ludere* (no duplo sentido de brincar e representar um papel).

O próprio Cristo, diversas vezes, vale-se do recurso do “teatro” e como que brinca de desempenhar um papel, e, por assim dizer, disfarça-se, camufla-se, para possibilitar a seus interlocutores o reconhecimento de sua pessoa, a captação de uma verdade que, de outro modo, seria inacessível para eles.

É uma constante nas aparições de Cristo ressuscitado. Os discípulos de Emaús (Lc 24) eram incapazes de reconhecer que era Cristo quem estava a seu lado (*oculi illorum tenebantur ne eum agnoscerent*) e ouvem “o forasteiro” expor tudo “desde Moisés passando por todos os profetas” e só horas depois O reconhecem na fração do pão. Uma possibilidade de conversão e de sair do erro que lhes teria sido negada se Cristo se auto-apresentasse desde o início: a sutileza e o disfarce operam aqui como recursos pedagógicos, de refinada caridade. A auto-ocultação da identidade de Cristo, que se faz passar por um desconhecido e assume feições irreconhecíveis (ou semi-irreconhecíveis...), é a chance de que eles se abram aos fatos e reflitam sobre as razões da Escritura, apresentadas por Cristo que não se manifesta como tal precisamente para deixar que a realidade fale por si, sem a intromissão avassaladora de Sua autoridade.

No cap. 20 de João (11-18), a mesma camuflagem: Maria Madalena não reconhece os anjos e muito menos Jesus lúdico. Ela pensa que está conversando com o encarregado do horto...:

Entretanto, Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: “Mulher, por que choras?”. Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”. Ditas essas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”. Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar”. Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se ela, exclamou em hebraico: “Rabôni!” (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele lhe tinha falado.”

---

<sup>6</sup>. Rosset, Clément “A inobservância do real” in *O Princípio da Crueldade*, Rio de Janeiro, Rocco, 2002, pp. 52-3.

No capítulo seguinte (Jo 21: 1-14), as vítimas do “engodo” são os apóstolos que não sabem Quem está lá na praia e lhes diz : “Ei, vocês têm alguma coisa para comer? Joguem a rede à direita...”.

Depois disso, tornou Jesus a manifestar-se aos seus discípulos junto ao lago de Tiberíades. Manifestou-se deste modo: Estavam juntos Simão Pedro, Tomé (chamado Dídimo), Natanael (que era de Caná da Galileia), os filhos de Zebedeu e outros dois dos seus discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: “Vou pescar”. Responderam-lhe eles: “Também nós vamos contigo”. Partiram e entraram na barca. Naquela noite, porém, nada apanharam. Chegada a manhã, Jesus estava na praia. Todavia, os discípulos não o reconheceram. Perguntou-lhes Jesus: “Amigos, não tendes acaso alguma coisa para comer?”. – “Não”, responderam-lhe. Disse-lhes ele: “Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis”. Lançaram-na, e já não podiam arrastá-la por causa da grande quantidade de peixes. Então, aquele discípulo a quem Jesus amava, disse a Pedro: “É o Senhor!”. Quando Simão Pedro ouviu dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se às águas. Os outros discípulos vieram na barca, arrastando a rede dos peixes (pois não estavam longe da terra, senão cerca de duzentos côvados). Ao saltarem em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus: “Trazei aqui alguns dos peixes que agora apanhastes”. Subiu Simão Pedro e puxou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. Disse-lhes Jesus: “Vinde, comei”. Nenhum dos discípulos ousou perguntar-lhe: “Quem és tu?” –, pois bem sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se, tomou o pão e lhes deu, e do mesmo modo o peixe.

E assim diversas vezes na Bíblia surge o problema da dificuldade do reconhecimento (mesmo em nível superficial do “Who’s there?”): problemas de reconhecimento de anjos; do cego de nascença curado por Jesus (Jo 9); de Esaú por Isaque: “És realmente meu filho Esaú?” (Gn 27, 24); de José do Egito etc.

O caso de José do Egito, do reconhecimento de José por seus irmãos, apresenta requintes de dissimulação lúdico-teatrais a serviço da verdade e da conversão do erro. Até o nome é mudado, ele não aparece como José, mas como Saphanet Phanec (Gn 41, 45). Quando Jacó, aflito pela fome em Israel, envia seus outros filhos ao Egito, “José reconheceu seus irmãos, mas eles não o reconheceram” (Gn 42, 8). E aí começa o jogo teatral orquestrado por José (que além de estar sob o “pseudônimo” Saphanet Phanec ainda por cima, “cinicamente”, vale-se de um intérprete (Gn 42-43), como se não entendesse a língua de seus irmãos!). Seus irmãos, iludidos, relatam a seu pai:

Chegando em casa, contaram ao pai tudo o que tinha acontecido. “O governador do Egito foi duro conosco,” disseram eles a Jacó. “Ele ficou dizendo que estávamos lá como espiões! “Nós dissemos: ‘Somos gente honesta. Não somos espiões. Somos doze irmãos por parte de pai. Um não existe mais, e o menor está em casa, na terra de Canaã.’ “Mas aquele homem, que é a maior autoridade do Egito, respondeu: ‘Só vejo um modo de vocês provarem que são honestos. Um de vocês fica detido aqui. Os outros podem ir para casa, levando mantimento para socorrer

as famílias de cada um. Depois vocês vão ter de voltar para cá, trazendo o irmão mais novo. Se fizerem isso, ficará provado que estão sendo sinceros. Aí soltarei o seu irmão, e vocês poderão negociar à vontade no Egito.” (Gn 42, 29-34).

A “farsa” de José prossegue com detalhes como o de “plantar prova de crime”, mandando seu mordomo esconder uma taça de prata na bagagem de Benjamim para acusá-los (Gn 44, 2) etc. Se José tivesse dito, desde o primeiro momento, “Sou vosso irmão a quem queríeis eliminar”, seus irmãos não teriam percorrido o caminho da conversão.

O capítulo 9 de João, o caso do cego de nascença curado por Jesus, é ainda o melhor tratado sobre a dificuldade – ou, para alguns, até mesmo a impossibilidade – do reconhecimento: das pessoas (“*Who’s there?*”) e da verdade.

A cena começa com Jesus curando o cego. Seguem-se as dificuldades de reconhecimento (“será que este homem que hoje vê é mesmo o ceguinho que conhecíamos?”; o interrogatório dos pais e do ex-cego etc.) e, sobretudo, as dificuldades provenientes da “cegueira” de espírito, que chega até o extremo da negação do fato (“esse homem é um pecador, logo não pode ter operado cura”) e a expulsão do ex-cego. No final, ele reencontra Jesus e o *reconhece* como Deus, enquanto os fariseus aferram-se à sua “cegueira”. E o capítulo termina com a terrível sentença de Jesus sobre cegos que vêem e videntes que são cegos. E ainda pior: “Se fôsseis cegos não teríeis pecado, mas como dizeis ‘Nós vemos’, então vosso pecado permanece”.

Josef Pieper escreveu um genial estudo sobre o caso do cego do Evangelho - “A experiência com a cegueira” (<http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>) -, focando precisamente essa incapacidade de reconhecimento. Recolho aqui apenas os inquietantes parágrafos inicial e final:

Meditando sobre os descaminhos do mundo, surge o desejo de que a verdade pudesse, alguma vez, mostrar-se de forma totalmente irrefutável, como algo simplesmente irresistível, pela sua própria força arrebatadora. Mas, quão incertos são tais desejos e quão sinistras podem ser as formas em que, na realidade, dá-se a liberdade e também a fraqueza dos homens e como a verdade de modo algum “se impõe”, tudo isto torna-se manifesto na história que narraremos a seguir. [o cap. 9 de João] (...) Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego. Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

(...)

E quando um dos que por lá estavam, um do partido dos poderosos, disse, irônico e ameaçador, que então, segundo isso [“cegos que vêem e videntes que são cegos”], eles, os poderosos, seriam também cegos, obteve de Jesus a resposta de que precisamente isto é que era o mal: que eles não eram cegos. Aí já não houve mais ninguém que perguntasse o que isso [“cegos que vêem e videntes que são cegos”] significava; perguntavam-se, sim, se tinha afinal algum significado, se havia, afinal, algo a ser compreendido. E assim termina a experiência com a cegueira. Disse eu que termina a experiência com a cegueira? Não, esta seria uma formulação um tanto imprecisa, e até mesmo injusta. O que terminou foi o relato; a experiência..., a experiência continua...

## Shakespeare – A coruja era filha do padeiro

Voltemos à pergunta de Shakespeare e à tese de Julián Marías: a única coisa que importa é saber “*who’s there?*” e, mais precisamente, “quem sou eu?”. E este ser que eu sou não é coisificado, não é estático: o “*to be or not to be*” refere-se a um ser dinâmico, ao *ultimum potentiae* do homem, ao máximo do que se pode ser, como tantas vezes diz Tomás de Aquino. Daí que a pergunta “Quem sou eu?” vá acompanhada de outra, inseparável: “O que vai ser de mim?”. Ou como se diz na *Tabacaria* de Fernando Pessoa: “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?” (Pessoa ou Álvaro de Campos? *Who’s there?*). Um *to be* dinâmico e que envolve a abertura para o outro, segundo a célebre sentença de Ortega: “*Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo*”; e a sugestiva paráfrase de Juan Ramón Jiménez: “*‘Dime con quién andas, y te diré quién eres’. Ando solo. Dime quién soy*”...<sup>7</sup>

Assim se compreende que o problema da falta de liberdade, da tirania, resida precisamente neste aborto do *pro-jeto* do ser pessoa. Shakespeare completa genialmente o questionamento do “*to be or not...*”, quando Ofélia, em sua loucura, dialoga com o ignóbil rei Claudius:

King Claudius: How do you, pretty lady?

Ophelia: Well, God dild you! They say the owl was a baker's daughter.  
Lord, we know what we are, but know not what we may be. God be at  
your table (*Hamlet* IV. 5).

Trata-se de uma passagem riquíssima e cheia de alusões enigmáticas. Sem liberdade, sabemos o que somos (nas limitações da coisificação, da nossa redução ao “Manual de Instruções” do tirano etc.) mas não sabemos o que podemos ser, não podemos empreender a realização daquele máximo: a coruja era filha do padeiro!(?)

O que significa essa misteriosa coruja, filha do padeiro? Os comentadores remetem a uma antiga lenda segundo a qual Cristo, em suas andanças, detém-se numa casa, a do padeiro, e lhe pede de comer. Generosamente, preparam-lhe uma massa com fermento, para pôr no forno, mas a mesquinha filha do padeiro, achando que aquilo era um desperdício, subtrai a maior parte e deixa apenas um pedacinho para assar. Ao ver o milagre de que aquele pedacinho comece a crescer enormemente, ela exclama assustada, como coruja: “Hu, hu, hu!” e, como castigo, é transformada em coruja!

O símbolo da coruja recebe interpretações tradicionais. Segundo S. Tomás de Aquino, a coruja alegoricamente representa: a astuta “prudência da carne” (e o correspondente embotamento do espírito) e a incapacidade de ver o sol (e o Sol é Cristo)<sup>8</sup>.

Já a massa de pão com fermento representaria a tendência à realização do ser em direção àquele máximo (*ultimum*) do “*to be*” dinâmico a que Deus chama cada pessoa. Esse processo é impedido pela mesquinharia e pela opressão do tirano, sob a qual só sabemos o que somos, mas não o que podemos ser... Daí que o castigo divino reduza a filha do padeiro a coruja. Há um escárnio na fala de Ofélia para o rei: “*God dild you!*” (em vez de *God yield you*). Talvez no sentido de que, tal como à filha do

---

<sup>7</sup> Cit. por Pedro Laín Entralgo *El Problema de ser cristiano*, Barcelona, Galaxia Gutenberg, 1997, p. 81.

<sup>8</sup> “*Nycticorax, quae in nocte acuti est visus, in die autem non videt, significat eos qui in temporalibus sunt astuti, in spiritualibus hebetes (I-II, 102, 6 ad 1). E “Solem etsi non videat oculus nycticoracis etc.” (In Metaph. 2, 1, 286).*

padeiro, Deus te retribua (o mal que fizeste). Uma aproximação da tradução desse *God dild you!* de Ofélia poderia ser “Deus lhe prague!”.

Em sentido contrário ao da opressão dos tiranos, as “manifestações” de Cristo são no sentido da realização: o vinho de Caná é vinho excelente; a pesca é de 153 peixes grandes; o cego recobra a visão... É nessa grandeza, que aponta para que a realidade realize o plano do Verbo, que se reconhece Cristo: Jesus lúdico que, como Mestre, se esconde para poder de verdade se manifestar. Àqueles que tenham olhos de ver a Cristo que passa...

### **Nota sobre a dificuldade de reconhecer Cristo na Teoria de David Keirsey<sup>9</sup>**

Não é fácil, ou mesmo possível, assinalar algum tipo específico, dentre os 16 estabelecidos por DK - David Keirsey (ISFP, ENFJ, etc.), ou mesmo um temperamento, dentre os 4 propostos por DK (SJ, SP, NF e NT) para a identidade humana de Jesus Cristo. Felizmente, a teoria de DK admite tipos híbridos.

Isso não impede que analisemos Jesus Cristo à luz dos quatro pares de fatores (opostos) que são a base do pensamento de DK: I/E, S/N, J/P, F/T e dos 4 tipos de temperamentos que deles resultam.

Uma exposição resumida dos fatores encontra-se no capítulo de Jean Lauand “Os elementos fundamentais E/I; S/N; J/P; F/T”, na obra por ele organizada: *Sobre a Tipologia de David Keirsey* (Santo André: Kapeken, 2019 - <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/tipologia.pdf>). Recordemo-los, brevemente, a partir de trechos desse capítulo.

#### **1. O par E/I (Extroversão / Introversão)**

(...) Resumindo ao máximo, o tipo E recarrega suas baterias de energia interior na interação com os outros; já o I (que não deve ser confundido com “o tímido”) se desgasta rapidamente ao interagir com “*la gente*”, com muitas pessoas e desconhecidas (Keirsey 1984, p. 14). (...)

#### **2. O par S/N**

Keirsey (1984, p. 16 e ss.) distingue a preferência S (de *Sensible*, c. 80% da população), que quer fatos, liga-se aos fatos, confia nos fatos, recorda-se dos fatos. É a preferência de quem crê na experiência e conhece por meio da experiência (a história como mestra), tanto pessoal como coletiva. Os pés no chão. Já a preferência N (de *iNtuition*), foca no futuro, nas possibilidades.

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa “sensível”, mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que “se liga” mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para o futuro. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos, antecipando já um pouco os temperamentos. (...)

#### **3. As preferências: F x T**

As preferências F / T, apresentadas também de modo maximamente reduzido, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*),

---

<sup>9</sup> Nesta Nota, recolhemos algumas ideias do capítulo “The personality of Jesus” de GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*. Nashville: Abingdon Press, 1997.

valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência **T** (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão. (...)

#### **4. O par J/P**

Keirsey (1984, p. 22 e ss.) distingue resumidamente a preferência **J** (de *Judging*) da preferência **P** (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas. (...)

Naturalmente, a preferência **J** conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o **P** propende mais ao “deixa a vida me levar”...

#### **5. Nota antecipando os quatro temperamentos: SP, SJ, NF e NT**

(...) Os **SP**, tipicamente falando, são movidos a ação e impulso (para eles é dirigido o slogan da Nike “Just do it!”), são lúdicos, hedonistas e focados no “aqui e agora” (“carpe diem” ou a canção “Paradise is here” de Tina Turner, com seu refrão “Right now!”). Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos.

Os **SJ**, tipicamente falando, são movidos a dever e responsabilidade. Confiam na experiência (o que lhes dá também uma tendência ao pessimismo: se Vasco da Gama é **SP** – navegar é preciso – o velho do Restelo é **SJ**, com seu saber de experiências feito). Prezam as tradições e as instituições, que transmitem às novas gerações os valores para o bom funcionamento da sociedade. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiães de regras.

O **NF** anseia por encontrar o (enigmático) sentido humano e do seu self, como na canção “Eu caçador de mim” de Milton Nascimento.

Já o frio **NT**, como vimos anteriormente, procura as possibilidades racionais e tecnológicas oferecidas pela realidade. (...)

Jesus Cristo é **I** e é **E**. Alguém puramente extrovertido não aguentaria – para além da fome e da sede – 40 dias de solidão no deserto. E vemos que muitas vezes se retira para um lugar onde possa ficar só etc. Por outro lado, Ele sente-se à vontade com as multidões, com refeições de muitos convivas, com seus muitos amigos etc.

O mesmo acontece com o par **S / N**: Cristo é ambos, como expõe Goldsmith (pp. 99-101):

When we look at the Sensing-iNtuiting axis, we can again see that Jesus was able to operate effectively and appropriately at either end. He noticed small details, a common practice of Sensers. He was aware of the woman touching the hem of his garment; he noticed Zacchaeus in the branches of the tree; and Nathanael sitting in the shade of a fig tree. In his teaching, Jesus often encouraged people to be specific and to think of small details—“consider the lilies of the field”—and he reminded them that the very hairs on their head were numbered. He was aware of the practical problems when a large number of people followed him and did not have enough to eat, and he was quite specific about the details he gave to his disciples when asking them to prepare

things for his entry into Jerusalem for the Passover. A considerable amount of detail is given in the New Testament about eating and drinking, and the institution of the Last Supper is a quite specific piece of detailed action. Glancing through the Gospels quickly, for instance when I am looking for a particular passage, I am time and again struck by how much of the material is specifically related to individual people and to particular happenings. There is a sense of immediacy and practicality about them, and within such a context Jesus quite easily and naturally assumes the personality of a Sensing person. But the content of much of Jesus' teaching was the kingdom of God, and the kingdom is a theme which has enormous appeal to iNtuitives. The kingdom is concerned with the "big picture" of peace, justice, and righteousness; and Jesus shows himself to be a true iNtuitive when he speaks of the future, or when he poses questions. Time and time again he seems to get right to the heart of a matter, cutting through all the extraneous material, not getting bogged down with details so that he misses the point. He saw the potential in the most unsuspecting people, and was able to summon up in them amazing acts of heroism, dedication, and courage. Jesus was prepared to take risks. He challenged people to work things out for themselves: "but what do you think," he seems to be saying repeatedly. He was able to see beyond what other people could see, and so on several occasions could say words such as "if only you had eyes to see and ears to hear." Jesus strides across the pages of the New Testament as a man with a vision, a purpose, and an allembracing understanding of the future which influenced virtually everything he did and said. Such a description would place him well within the ranks of the iNtuitives—and yet we know that he was also a Senser.

Quanto ao par F/T, chama muito a atenção em Cristo sua dimensão F: ele frequentemente se compadece e “quebra as regras” pela sensibilidade para com o outro. Assim é em seu primeiro milagre – o de transformar água em vinho nas bodas de Caná – para evitar um constrangimento aos noivos. E ao ver Maria, irmã de Lázaro em prantos pelo irmão morto, Jesus se entrega às lágrimas (Jo 11, 35) e ressuscita o amigo. Enfim, todo um manifesto F, encontramos em Mt 9, 9: “Aprendei, pois, o que significa: ‘Quero misericórdia e não sacrifício’. De fato, eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores”.

Por outro lado, seu senso de dever e missão exige, por vezes a “dureza” implacável do seu lado T. Como quando, aos 12 anos, deixa Maria e José aflitos, procurando-O por 3 dias, pois tinha ficado no templo. E quando sua mãe O interpela: “Filho, por que fizeste isso conosco?” (Lc 2, 48); sua dura resposta é: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?”. E quando Pedro tenta dissuadi-LO de enfrentar sua Paixão (Mc 8, 32) Jesus responde: “Afasta-te de mim, Satanás”.

Sobre a facilidade com que Jesus transita pelos fatores (opostos) J e P, falamos Goldsmith (pp. 102 e ss.):

When considering the Judging function [fator J] we are reminded of the need for closure, of the value of tradition and authority, of order and reliability, of trust and faithfulness—all aspects which can be found in the ministry and life of Jesus. In Mark's Gospel he bursts onto the scene

with a sense of urgency and purpose: "The time has come, the kingdom of God is near. Repent and believe the good news!" Jesus is conscious of a tradition, and sees himself continuing the ministry of John the Baptist. He goes back much further, to Elijah and, as the new lawgiver, he continues the work of Moses the old lawgiver. Matthew's Gospel is particularly concerned to show how Jesus saw himself within a particular tradition. He was a loyal and dependable friend, someone to turn to when in distress or afraid. Asleep in a boat when the weather turned stormy, the disciples woke Jesus up and looked to him to help them cope with a frightening situation. He was a man who had authority, an inner authority of his own, not like the authority of the scribes and Pharisees, and people listened to him and acted on his word. "Just say the word, and my daughter will be healed." He was a man who inspired confidence and trust, and people marveled at his words. He took responsibility for his actions, and he took upon himself the burdens and sins of others. There was clearly a great deal of J in his character. But once again, that is not the whole story. Jesus was able to keep his options open. He seemed free to wander around the countryside, going where he wanted and seeming not to follow any clearly defined and specific pattern or route. He mixed with "undesirables," he was not prepared to take people as others found them, he would make his own decision. When he was criticized for picking corn on the sabbath he replied that the sabbath was made for man and not the other way round. Although he had a mission and was committed to it with a sense of urgency, he could also relax; he could spend time with his friends and be deflected by people or circumstances. The little incident with the Canaanite woman is a good example of how he was open to new insight and was prepared to alter his perspective. The woman comes to him for help and the disciples want to turn her away. Jesus seems to agree with them, saying that he was sent only to the lost sheep of Israel, but the woman persists and kneels before him. Jesus tells her that it is not right to take children's bread and throw it to the dogs (hardly the conversation of an F!), but she counters that even the dogs eat the crumbs that fall from their master's table. Jesus is prepared to change his mind, and he replies, "Woman, you have great faith! Your request is granted." The woman's daughter was healed "from that very hour." That is the response of a person who is a P in terms of personality characteristics.

Jesus mostra uma personalidade que harmoniza os contrários: pode apresentar a impulsividade de um SP, a observância da lei de um SJ, a mais densa interioridade de um NF, o *logos* de um NT. Se os fatores de Keirsey são, frequentemente, fonte de viés preconceituoso no modo de ver e julgar o mundo e o outro; nEle, mostram-se integrados na vida e na missão, na harmonia de uma fascinante personalidade: a da realização, ao máximo – *Ecce Homo!* – de humanidade.

Recebido para publicação em 26-03-21; aceito em 18-04-21

## Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas

Jean Lauand<sup>10</sup>

Alexandre Medeiros<sup>11</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta os tipos de temperamentos dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade escolar e indicar possíveis pesquisas nessa direção.

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento. temperamento e escola.

**Abstract:** This article intends to show the temperaments of the psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in school and stimulate researches in this field.

**Keywords:** David Keirsey. psychological types. temperament types. temperament in school.

### 1. Os fundamentos da teoria de David Keirsey – os pares de fatores

Começamos pela recordação dos elementos básicos da teoria dos temperamentos de David Keirsey (abreviaremos por DK), tendo em vista aplicá-los à realidade escolar, em seus protagonistas: alunos, professores, pais e pessoal da administração.

DK distinguiu-se no campo da Psicologia, por aplicar, a seu modo, os pares de fatores de Jung (2015) em seu clássico livro *Tipos Psicológicos*, junto com outro par (JxP), proposto pela tipologia de Myers-Briggs (1995), em seu clássico teste MBTI, *Myers-Briggs Type Indicator*.

A originalidade de DK – e que constitui um poderoso diferencial em relação a Myers-Briggs – é agrupar os 16 tipos do MBTI em torno de 4 tipos de temperamentos (com quatro “sub tipos” cada um). Ao reabilitar, em versão contemporânea, a antiquíssima doutrina dos temperamentos, DK fornece uma poderosa ferramenta para auxiliar na compreensão do modo de ser de cada um, suas preferências de gostos, conhecimento, modos de agir e de reagir aos estímulos exteriores, estilos, enfim, sua instalação no mundo.

A palavra “compreensão” utiliza-se aqui com a feliz acumulação semântica que se dá em nossa língua (também no inglês, e em tantas outras): para além da mera captação intelectual, uma atitude de empatia e aceitação do modo (diferente) de ser do outro. Não por acaso, os dois livros fundamentais de DK se intitulam: *Please understand me* (1984) e *Please understand me II* (1998).

O temperamento, para DK, é uma “configuração” inata de alguns desses fatores, que é a base da personalidade: tudo aquilo que se constrói em cada um (e que cada um constrói) por conta de tantos fatores: educação, experiências marcantes, diversas influências da sociedade etc. etc.

---

<sup>10</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

<sup>11</sup>. Doutor em Ciências da Religião – UMESP/SP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

Advirta-se desde logo que não pretendemos fazer nenhum uso reducionista da teoria de DK: o temperamento é apenas um fator na compreensão de cada pessoa e, além do mais, é nada mais que um *Idealtypus*, com todas as limitações que a metodologia do tipo ideal impõe para o acesso à realidade. Desde logo, o tipo nunca se pode confundir com a própria realidade e o uso comum da palavra tipo parece confirmar essa prudente limitação para o método: na gíria, “tipo” é uma aproximação, que indica imprecisão: “orçamento eu não tenho, mas deve custar tipo uns 10 ou 15 mil reais”, “essa moça [junto com outras milhões] não faz meu tipo”. E quando dizemos que um salame é tipo italiano, estamos implicitamente afirmando que **não** é italiano. Um tipo é só uma acentuação teórica, caricata (não no sentido pejorativo) que permite uma primeira aproximação de uma realidade que, insistamos, está sempre longe de se esgotar no tipo.

Tenhamos em conta também que pertencer a este ou àquele tipo de temperamento não tem **nenhuma** conotação moral: há grandes santos e grandes criminosos em cada um dos 4 temperamentos e seus 16 “sub tipos”. Nem, de forma alguma, “é melhor” ser humano aquele que é deste ou daquele tipo. Trata-se simplesmente de uma preferência natural da pessoa em seu modo de relacionar-se com o mundo, como a preferência pelo uso da mão direita ou da esquerda.

Na teoria de DK, como na de Myers-Briggs, intervêm 4 pares de fatores, de preferências opostas: 3 deles procedem de Jung (as preferências I/E, S/N e F/T) e o quarto par é J/P (Myers Briggs e DK).

Desses 4 pares, DK extrai seus 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT que, combinados às possibilidades restantes, resultam em 16 tipos mais específicos (ESTJ, ISTJ, ESFJ, ISFJ, ESTP etc.).

Advertimos, desde já, que nos parece mais adequado designar os tipos pelas letras que abreviam cada caso, ao contrário de DK, que além dessas siglas, vale-se também de nomes para designá-los: o SJ sendo o Guardiã; o NF, Idealista; o NT, o Racional etc. Essas siglas preservam-nos de equívocos e mal entendidos, que poderiam ser sugeridos pelos nomes dos tipos ou dos fatores (por exemplo, J x P seria a oposição entre Julgamento e Percepção, que nada têm que ver com o uso comum dessas palavras...). Na verdade, muitas vezes em nossa comunicação geral, ficamos com as siglas e não sabemos (nem precisamos saber) o que estão elas abreviando: a Confederação Sul Americana de Futebol é a *Conmebol* e ninguém tem a menor ideia de que o *http* da internet abrevia *Hyper Text Transfer Protocol*?

Passemos agora a resumir, brevemente (somente para uma recordação sumária e alusiva), os fatores de que DK se vale.

Os fatores ExI (os mais fundamentais para Jung e os menos essenciais para DK, que não os faz integrar o núcleo de nenhum dos 4 temperamentos) são simplesmente a preferência pela Extroversão / Introversão. Quem tem a preferência pelo fator E energiza-se em contato com os outros, que podem ser muitos e desconhecidos, enquanto o I recarrega suas baterias sozinho, ou em contato com muito poucos e muito conhecidos. O fato de 80% ou mais das pessoas serem E e, além do mais, nossas instituições sociais (a escola entre elas), as *vigencias*, de que falava Ortega y Gasset, são feitas para os E (em detrimento das preferências I) e são um fator a mais de exclusão e desconforto para os introvertidos... O choque do 1º. Dia de retorno às aulas (para não falar do primeiro dia de ingresso na escola!) pode ser traumático para a criança I. Além do suplício de ser constantemente convocada para opinar e “participar”, em moldes que estão feitos para as crianças E. Sem falar nos rótulos, “Ela é quietinha assim mesmo, é o jeito dela, deixa ela...”, no bullying por conta da própria extroversão etc.

## BACK TO SCHOOL



<https://www.facebook.com/introvertdoodles/photos/a.1791051157833962/1929551940650549/>

O par S/N indica a preferência pelo fator S (de *sensible*, cerca de 80% da população), realista e de pés no chão, que se atém aos fatos enquanto tais, em oposição ao N (de *iNtuição*), para quem os fatos são mero trampolim para outra “dimensão”: a da leitura científica racional dos fatos (NT) ou a da realidade humana em seu sentido mais profundo (NF). Daí que os NF (ainda mais que os NT) encontrem-se muito à vontade com a comunicação por metáforas, enquanto a linguagem dos S tende a ser direta e factual.

A oposição SxN é registrada na oposição entre o capelão NF e o caricatural S, Sargento Tainha, do Recruta Zero. O capelão refere-se metaforicamente ao coração (no caso, seria melhor traduzido por “interior” ou “entranhas”), mas Tainha não alcança a metáfora:



A oposição FXT é de mais fácil e direta compreensão. F (de *feeling*) indica uma *approach* pessoal da realidade, incluindo as emoções e a afetividade. Já para o T (de *thinking*), o que conta é o *Sachverhalt*, o estado “objetivo” das coisas, à margem de considerações sobre as subjetividades envolvidas. No caso extremo, o T é um computador jogando xadrez: a decisão sobre o lance envolve somente a fria análise do tabuleiro.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T. Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

Don't ask me how I feel. Ask me what I think. People don't think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that's what interests me. (...) and I think I am fine.

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...). O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: "*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*" (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): "a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução".

Naturalmente, haverá divergências de estilo: um professor F, mais do que ao currículo ou ao programa, estará atento ao modo como cada um de seus alunos adquire os conhecimentos devidos; enquanto os professores T preocupar-se-ão mais em cumprir o programa estabelecido. Pode também na escola surgir o conflito entre a direção, exercida frequentemente por Ts, e professoras F... Etc.

Finalmente, a oposição JxP. Keirsey (1984, p. 22 e ss.) distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas. (...)

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao "deixa a vida me levar"... Claro que nas escolas tradicionalmente prevalece, por parte da direção e de muitos docentes, a preferência J.

## **2. Os fundamentos da teoria de David Keirsey – os 4 temperamentos**

Para DK, das combinações com os fatores S e N surgem os 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT.

Os SP, sempre tipicamente falando, são movidos pelo desejo de ação e pelo impulso: são lúdicos, hedonistas e focados no "aqui e agora". Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos.

Os SJ são muito focados no dever e na responsabilidade. Valorizam as tradições e as instituições, que transmitem às novas gerações os valores para o bom funcionamento da sociedade. Tendem ao pessimismo. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiões de regras.

O grande propósito do NF é a busca por encontrar o (sempre enigmático) sentido humano e do seu self.

Já o frio NT procura as possibilidades racionais e tecnológicas oferecidas pela realidade.

A seguir apresentamos (resumidamente e com cortes), a partir do site de DK (apud Lauand 2019), os 4 temperamentos (deixando os 16 tipos de Keirse para quando forem efetivamente reclamados).

### **Retrato do tipo SJ (*Guardian*) 40 a 45% da população**

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ tem um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares, e trabalhadores.
- são companheiros fiéis, pais responsáveis, e líderes que trazem estabilização.
- tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
- valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.

SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido. (...)

### **Retrato do tipo SP (*Artisan*) 30 a 35% da população**

(...) Todos os [4 tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

(...) Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã.

Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará!

### **Retrato do tipo NF (*Idealist*)**

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que eles podem ser - esta constante busca pelo autoconhecimento e autodesenvolvimento impulsiona sua imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
  - orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
  - tendem a ser dadivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
  - são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.
- (...)

### **Retrato do tipo NT (*Rational*) de 5 a 10% da população**

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos, e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- orgulham-se de ser engenhosos, independentes, e determinados.
- são cônjuges razoáveis<sup>12</sup>, pais individualizadores e líderes estratégicos.

---

<sup>12</sup> *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome *rationals*).

- são ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos. (...)

### 3. Os tipos de David Keirse na escola – algumas pesquisas possíveis

Neste artigo, apontaremos algumas (dentre as inúmeras) possíveis linhas de pesquisa sobre a importância da teoria de DK para identificar e, na medida do possível, apontar soluções, problemas no cotidiano escolar.

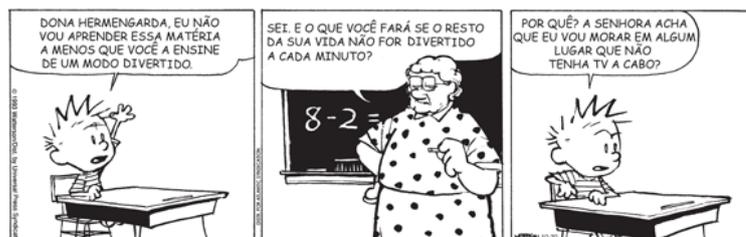
Uma linha central decorre do fato, tão simples quanto manifesto, de que a escola atrai irresistivelmente – para muitos cargos de direção e docência – profissionais do tipo SJ. De fato, a escola (como a Igreja, a associação de bairros, os grupos de escoteiros etc.) é um polo gravitacional para os SJ, por temperamento voltados a servir as instituições que estruturam a sociedade, a transmitir para as novas gerações o legado de valores da cultura e da ética, o senso de dever e responsabilidade, valores centrais para seu tipo. Junte-se a isto, seu talento em administrar bens e serviços e teremos configurada, para o bem e para o mal, a relação SJ e a escola de educação básica.

Se os SJ já são o tipo mais frequente na população em geral (40 a 45%), DK estima que alcancem a esmagadora maioria 75% dos cargos de direção e docência (KEIRSEY, 1998, p. 98).

Certamente, os 45% de alunos SJ estarão muito à vontade, nessa escola dominada por professores e direção de seu mesmo tipo. Mas o que dizer dos 35% de alunos SP?

Embora compartilhem o fator S, SP e SJ são estilos altamente conflitantes: para o SP, a liberdade, o viver o momento, a independência, a impulsividade e o lúdico são valores fundamentais e, ao contrário dos SJ, não têm nenhum apreço por dever, disciplina, hierarquia e responsabilidade. A fábula da cigarra e da formiga é bem o contraste entre os estilos SJ e SP.

E as crianças SP são lançadas em uma escola tediosa, cuja formatação lhes é estranha e até hostil. Daí as inúmeras clássicas situações de humor em filmes, séries, Histórias em Quadrinhos etc. criadas a partir das tentativas dos alunos SP em subtrair-se ao controle SJ exercido pela escola: horários, silêncio, ordem, lição de casa, regras, punições, carteiras enfileiradas... Os conflitos entre Calvin e sua Profa. Hermengarda; entre Chico Bento e a Profa. Dona Marocas, entre Chaves e o Prof. Girafales etc. etc. são já quase estereótipos dessa situação.



<https://novaescola.org.br/conteudo/3621/calvin-e-seus-amigos>



<https://www.youtube.com/watch?v=B2S8k6kiM7o>



<https://twitter.com/Chicobento0/status/1035365781830164480>



Os desentendimentos entre pais SP e a direção SJ da escola são também outras constantes. Como nos casos antológicos de Rochelle, mãe do Chris (da série “Todo mundo odeia o Chris”), defendendo os filhos como uma leoa.



<https://globoplay.globo.com/v/7879805/programa/?s=04m23s>

Ou o antológico discurso do Tenente Coronel Frank Slade (AL Pacino) em defesa de Charlie Simms ante o Conselho Diretor da Escola Baird – filme “Perfume de Mulher”.



<https://tvuol.uol.com.br/video/perfume-de-mulher--discurso-final-al-pacino-04021A3968C0894366>

Os tipos minoritários, NF e NT, também sofrem e são incompreendidos na escola feita à imagem e semelhança dos SJ. Os questionamentos sobre o humano e seu sentido, o próprio núcleo das aspirações NF não encontra muito espaço no âmbito SJ.



E quanto aos NT, também seu anseio de leitura racional, científica ou tecnológica do mundo, não encontra muito respaldo no modelo tradicional de escola. Muitos NT falam de seu ideal de uma escola que cultivasse a curiosidade científica. Stephen Hawking (2018) relembra o tédio que viveu na escola até encontrar um professor que compreendesse seu modo de ser NT:

Durante a infância, eu era apaixonado pelo funcionamento das coisas. Naquela época, era mais simples desmontar um objeto para ver seu mecanismo. Nem sempre eu conseguia remontar as peças dos brinquedos que abria, mas acho que aprendi mais do que uma criança aprenderia hoje se tentasse fazer o mesmo com um smartphone.

Meu trabalho ainda é descobrir como as coisas funcionam, embora em outra escala. Não destruo mais trenzinhos. Em vez disso, tento entender o funcionamento do universo usando as leis da física. Se sabemos como algo funciona, podemos controlá-lo. Soa tão simples quando falo dessa maneira... Mas é um trabalho cativante e complexo que me fascinou e empolgou durante toda minha vida adulta. Trabalhei com alguns dos maiores cientistas do mundo. Tive a sorte de viver no que tem sido um período glorioso para meu campo de estudo, a cosmologia, que investiga as origens do universo.

A mente humana é uma coisa incrível. Ela pode conceber a magnificência do firmamento e as complexidades dos componentes básicos da matéria. Porém, toda mente necessita de uma fagulha para atingir seu pleno potencial. A centelha da curiosidade e da dúvida.

Muitas vezes essa centelha vem de um professor. Deixe que me explique.

Não fui um aluno exemplar, demorei para aprender a ler e minha caligrafia era ruim. Mas quando estava com quatorze anos, meu professor em St. Albans, Dikran Tahta, mostrou-me como aproveitar minha energia e me encorajou a pensar criativamente em termos matemáticos. Ele abriu meus olhos para as matemáticas como o projeto de construção do próprio universo.

Por trás de toda pessoa excepcional, há um professor excepcional. Quando pensamos nas coisas que sabemos fazer na vida, há grandes chances de que as saibamos graças a um professor.

No entanto, a educação, a ciência e a tecnologia correm mais perigo do que nunca. Devido à recente crise financeira global e a medidas de austeridade, há um significativo corte de verbas em todas as áreas da ciência, mas a pesquisa básica tem sido profundamente afetada. Há a ameaça também de nos tornarmos culturalmente isolados e provincianos e cada vez mais distantes de onde o progresso está sendo feito. Na questão da pesquisa, o intercâmbio entre as fronteiras permite que as habilidades sejam transferidas mais rapidamente e proporciona diferentes ideias a novos pesquisadores, derivadas de seus diferentes contextos. Isso pode facilmente contribuir para o progresso nos lugares onde hoje enfrentamos maior dificuldade.

Infelizmente, não podemos voltar no tempo. Com o Brexit e Trump trazendo novas pressões sobre a imigração e o futuro da educação, presenciamos uma revolta mundial contra o conhecimento especializado, algo que inclui os cientistas. Assim, o que podemos fazer para assegurar o futuro da educação em ciência e tecnologia?

Volto a meu professor, o sr. Tahta. A base para o futuro da educação deve residir em escolas e professores inspiradores. As escolas, no entanto, oferecem apenas uma estrutura elementar onde às vezes a rotina de decoreba, equações e provas pode indispor os jovens contra a ciência. A maioria das pessoas responde a uma compreensão qualitativa, e não quantitativa, sem a necessidade de equações complicadas. Livros de divulgação científica e artigos sobre ciência também ajudam a explicar ideias sobre o modo como vivemos. Entretanto, apenas uma pequena parcela da população lê até mesmo o best-seller do momento. Documentários e filmes de ciência atingem um público imenso, mas não passam de comunicação de mão única.

As diferenças de postura começam cedo. Keirsey sugere a seguinte experiência: se olharmos para uma sala de aula de jardim de infância, podemos facilmente observar cerca de uma dúzia de crianças SJ de cinco anos, procurando com sinceridade e empenho as pistas que lhes indicarão o que devem fazer. O resto das crianças, principalmente SPs junto com um número pequeno de NTs e NFs, estarão como animaizinhos, pulando, brigando, cheirando e mastigando. Resumindo: esta escola feita por SJ e para os SJ, tem como objetivo transformar esses filhotes brincalhões em adultos sérios e orientados para o dever, que buscam apenas saber o que devem fazer (KEIRSEY, 1984, p. 40).

#### 4. Considerações finais

O objetivo deste artigo era o de apontar linhas de pesquisa sobre a importância do estudo da teoria de DK para a análise de problemas da vida escolar. Indicamos algumas poucas; mas pode-se facilmente perceber que há inúmeras outras, principalmente se, para além dos 4 temperamentos, ingressarmos na análise mais fina dos 16 tipos que deles derivam.

#### Referências

Briggs Myers, Isabel & Myers, Peter B. Keirsey. **Gifts Differing: Understanding Personality Type** - The original book behind the Myers-Briggs Type Indicator (MBTI). CPP: Mountain View, 2nd ed., 1995. e-book.

Hawking, Stephen **Breves respostas para grandes questões**. Intrínseca: Rio de Janeiro, 2018. E-book. Disponível em (acesso em 10-07-2020): [https://books.google.com.br/books?id=tI9yDwAAQBAJ&pg=PT160&lpg=PT160&dq=%22A+maioria+das+pe%C3%A7as+responde+a+uma+compreens%C3%A3o+qualitativa,+e+n%C3%A3o+quantitativa,%22&source=bl&ots=TuPeKEUKhh&sig=ACfU3U2YyxleS-sDB4J\\_oaOCShtBagfrTQ&hl=pt-](https://books.google.com.br/books?id=tI9yDwAAQBAJ&pg=PT160&lpg=PT160&dq=%22A+maioria+das+pe%C3%A7as+responde+a+uma+compreens%C3%A3o+qualitativa,+e+n%C3%A3o+quantitativa,%22&source=bl&ots=TuPeKEUKhh&sig=ACfU3U2YyxleS-sDB4J_oaOCShtBagfrTQ&hl=pt-)

BR&sa=X&ved=2ahUKEwi6gMKMhqXrAhUzEbkGHQC6DFkQ6AEwAnoECAEQAQ#v=onepage&q=%22A%20maioria%20das%20pessoas%20responde%20a%20uma%20compreens%C3%A3o%20qualitativa%2C%20e%20n%C3%A3o%20quantitativa%2C%22&f=false

Jung, C. G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2015.

Keirsey, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

KEIRSEY, D. **Please understand me II**: temperament, character, intelligence. California: Prometheus Nemesis Book, 1998<sub>a</sub>.

LAUAND, Jean (org.). **Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação**. Santo André: Kapenke, 2019.

Recebido para publicação em 12-07-20; aceito em 19-08-20

## Nota sobre as preferências J e P em David Keirsey: o decidir

Chie Hirose<sup>13</sup>  
Enio Starosky<sup>14</sup>

**Resumo:** O artigo discute o tema da tomada da decisão – ligado diretamente à oposição das preferências J e P (julgamento x percepção) – na tipologia de David Keirsey (e na de sua precursora: Myers-Briggs).

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos psicológicos. fatores no temperamento. julgamento x percepção.

**Abstract:** This article discusses the decision making in David Keirsey's typology, a theme linked to the opposition of preferences J (judging) x P (perceiving) in Keirsey's theory (and in Myers-Briggs).

**Keywords:** David Keirsey. psychological types. preferences in temperament. Judging (J) x perceiving (P).

### As preferências J e P em Myers-Briggs

A conhecida tipologia de Myers-Briggs (abreviaremos por M-B) e a (dela decorrente) de David Keirsey (abreviaremos por DK) têm, como se sabe, sua referência primordial em Jung (2011). Se a inovação de DK foi a de reunir os 16 tipos psicológicos de M-B em torno de 4 temperamentos (SP, SJ, NF e NT), uma das grandes contribuições de Myers-Briggs foi a de adicionar à teoria de Jung o par: Julgamento x Percepção:

Isabel B. Myers e Katharine C. Briggs não apenas construíram um questionário para tipificar as pessoas como acrescentaram à tipologia de Jung uma nova Atitude, visando determinar qual das quatro funções deveria ser a dominante. Essa nova Atitude, ao lado da Introversão e Extroversão, foi denominada Julgamento x Percepção. (Toledo, 2015, pp. 29 e ss.)

Embora os tipologistas, como M-B e DK, usem os termos *Judging* (Julgamento) e *Perceiving* (Percepção), essas palavras não têm em suas teorias o significado usual e podem levar a mal-entendidos. O próprio site da “The Myers & Briggs Foundation” (s/d) vê-se obrigado a esclarecer:

Do not confuse Judging with judgmental, in its negative sense about people and events. They are not related.  
(...)

---

<sup>13</sup>. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

<sup>14</sup>. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Remember, in type language perceiving means “preferring to take in information.” It does not mean being “perceptive” in the sense of having quick and accurate perceptions about people and events. (<https://www.myersbriggs.org/my-mbti-personality-type/mbti-basics/judging-or-perceiving.htm>. Acesso em 24-05-2021).

Vale a pena recolher o modo como o site “The Myers & Briggs Foundation” (s/d) caracteriza as funções J e P:

### **Judging (J)**

I use my decision-making (Judging) preference (whether it is Thinking or Feeling) in my outer life. To others, I seem to prefer a planned or orderly way of life, like to have things settled and organized, feel more comfortable when decisions are made, and like to bring life under control as much as possible.

Since this pair only describes what I prefer in the outer world, I may, inside, feel flexible and open to new information (which I am).

(...)

The following statements generally apply to me:

- I like to have things decided.
- I appear to be task oriented.
- I like to make lists of things to do.
- I like to get my work done before playing.
- I plan work to avoid rushing just before a deadline.
- Sometimes I focus so much on the goal that I miss new information.

### **Perceiving (P)**

I use my perceiving function (whether it is Sensing or Intuition) in my outer life. To others, I seem to prefer a flexible and spontaneous way of life, and I like to understand and adapt to the world rather than organize it. Others see me staying open to new experiences and information.

Since this pair only describes what I prefer in the outer world, inside I may feel very planful or decisive (which I am).

(...)

The following statements generally apply to me:

- I like to stay open to respond to whatever happens.
- I appear to be loose and casual. I like to keep plans to a minimum.
- I like to approach work as play or mix work and play.
- I work in bursts of energy.
- I am stimulated by an approaching deadline.
- Sometimes I stay open to new information so long I miss making decisions when they are needed.

Adapted from *Looking at Type: The Fundamentals* by *Charles R. Martin (CAPT 1997)*

(<https://www.myersbriggs.org/my-mbti-personality-type/mbti-basics/judging-or-perceiving.htm>. Acesso em 24-05-2021).

### As preferências J e P no teste de Keirsey (“*The Keirsey Temperament Sorter*”)

Em *Please understand me* (1984) DK oferece um teste de 70 perguntas para discernir as diversas preferências (E/I, S/N, F/T e J/P). Reproduzimos aqui somente as vinte questões relativas aos fatores J e P (com respostas A e B, respectivamente), que ajudarão a visualizar como DK entende concretamente esse par:

**Question 6**

Do you prefer to work

- (a) to deadlines (b) just “whenever”

**Question 7**

Do you tend to choose

- (a) rather carefully (b) somewhat impulsively

**Question 13**

Are you usually more

- (a) punctual (b) leisurely

**Question 14**

Does it bother you more having things

- (a) incomplete (b) completed

**Question 20**

Do you usually

- (a) settle things (b) keep options open

**Question 21**

Are you usually rather

- (a) quick to agree to a time (b) reluctant to agree to a time

**Question 27**

Are you more comfortable

- (a) setting a schedule (b) putting things off

**Question 28**

Are you more comfortable with

- (a) written agreements (b) handshake agreements

**Question 34**

Are you more prone to keep things

- (a) well organized (b) open-ended

**Question 35**

Do you put more value on the

- (a) definite (b) variable

**Question 41**

Are you more comfortable with work

- (a) contracted (b) done on a casual basis

**Question 42**

Do you prefer things to be

- (a) neat and orderly (b) optional

**Question 48**

Are you more comfortable with

- (a) finale statements (b) tentative statements

**Question 49**

Are you more comfortable

- (a) after a decision (b) before a decision

**Question 55**

Is it preferable mostly to

- (a) make sure things are arranged (b) just let things happen

**Question 56**

Is it your way more to  
(a) get things settled (b) put off settlement

**Question 62**  
Are you more prone to  
(a) schedule events (b) take things as they come

**Question 63**  
Are you a person that is more  
(a) routinized (b) whimsical

**Question 69**  
Is it more like you to  
(a) make snap judgements (b) delay making judgements

**Question 70**  
Do you tend to be more  
(a) deliberate than spontaneous (b) spontaneous than deliberate  
(Keirsey, 1984, pp. 5 e ss.)

### A oposição J x P

Em *Please understand me*, Keirsey (1984, p. 22) resume as diferenças entre *Judgers* e *Perceivers* a uma questão: “Do I prefer closure and the settling of things or do I prefer to keep options open and fluid?”. E aponta também as mútuas críticas entre J e P:

At work especially, Ps and Js can criticize each other. J people can be heard to describe Ps as “indecisive,” “procrastinating,” “foot-dragging,” “aimless,” “purposeless,” “resistive,” “critical,” “sophistic,” and “blocking decisions.” Ps may, at times, become impatient with Js because they feel pressured and hurried by what they view as the J’s unnecessary urgency and unfortunate tendency to “jump to conclusions.”

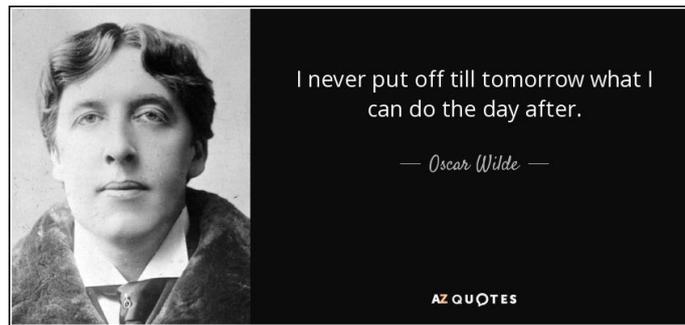
Ps will occasionally claim that Js make hasty decisions and are “driven” and “driving,” are “too task-oriented,” are “pressured and pressuring,” “rigid and inflexible,” “arbitrary,” and “premature in planning and deciding.” Usually, irritation by another’s preference will dissipate when J and P behaviors are studied. Most people become fascinated and entertained by these differences, and with continued understanding, find it easy to make allowances for the other’s way. (Keirsey, 1984, p. 24)

Claro que não se trata só de ambiente de trabalho, mas também do relacionamento em geral e, principalmente, na vida familiar. Como no caso daquele casal (ele J, ela P) discutindo no café da manhã:

Ele: – Liga para sua mãe, confirmando que nós vamos almoçar lá hoje.

Ela: – Depois eu ligo; agora quero tomar meu café em paz.

Ele: – Liga já, porque eu quero tomar meu café em paz!



Os J se sentem muito bem em seu modo de ser (e podem criticar duramente os “folgados” P) e o mesmo ocorre com os P, que podem até espezinhar os provérbios dos J, como naquela famosa tirada atribuída a Oscar Wilde: “Não deixe para amanhã o que se pode fazer depois de amanhã”.

Nunca é demais reiterar que as preferências, os temperamentos e os tipos, são rigorosamente neutros do ponto de vista ético (pode-se ser santo ou pecador sendo SP, SJ, NF ou NT; J ou P etc.). Mas isto não impede que – sempre mantendo a neutralidade ética de princípio – haja uma maior tendência para este ou aquele tipo em certos setores, como por exemplo em preferências políticas.

Foi o que ocorreu em um *stand-up*, no qual o famoso cineasta Michael Moore associou esse fator J ao voto republicano. Pouco antes das eleições americanas que levaram Trump à presidência, ele gravou “Moore in Trumpland” – na cidadezinha de Wilmington, reduto republicano, com 90% de eleitores de Trump. Dirigindo-se a eles, disse:

You know, these Trump voters, my friends, are going to be up 5:00 in the morning on Election Day. They’re up at 5:00 in the morning a lot. The only time we see 5:00 in the morning is when we’ve been up partying all night. That’s – that’s 5:00 in the morning. Yeah, right.

Come on, everybody in here has got a conservative in the family, right? Many of you brought that person with you here tonight – a brother, a father, an uncle, a brother-in-law (...).

And they are the organized one in the family. They never lose their car keys. The conservative – they’ve got little hooks in the – by the back door, with a label on each hook. That’s my beamer (BMW) key. That’s my F-150 key. That’s the key for the car Matthew McConaughey [Oscar 2014 hoax que apoiou Trump] drives.

Our side, we’re like – this is how we – this is how we sound. This is how we sound: “So, uh, where do you want to go eat tonight?” “I don’t care. Where do you want to go?” “I don’t know, wherever you want to go.” “No, no, no, no, you picked last time.” “No, I – seriously, wherever you want.” This is like – this is like – the conservatives, they’re like, “Get in the car! We’re going to Outback! Get in there!” Decisive! Organized! Disciplined! You’ve got to admire that about them. (cit. em Lauand 2018, 30-31).

No âmbito das caricaturas (tão próximas à metodologia do *Idealtypus*):



<https://www.psychologyjunkie.com/2015/09/13/myers-briggs-mistakes-understanding-what-the-jp-preference-really-means/>

### Considerações finais

Concluimos este estudo, que não tem outra pretensão que a de buscar coletar elementos que possam caracterizar – em chave concreta – a especificidade dos fatores J e P na tipologia de temperamento. A pedra de toque é a preferência por decisões tomadas x situações em aberto e daí decorrem os possíveis desentendimentos entre *Judgers* e *Perceivers*.

### Referências

JUNG, Carl. Tipos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 2011.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. **Please Understand me**. 4<sup>th</sup> ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

LAUAND, Jean **Uma introdução à tipologia de David Keirsey**. São Paulo: Factash, 2018.

LAUAND, Jean “Educação e hábitos de linguagem: usos e abusos do ‘neutro’”. **Convenit Internacional** N. 33. São Paulo: Cemoroc, mai-ago 2020. <http://www.hottopos.com/convenit33/17-30Jean.pdf>. Acesso em 25-05-21.

“The Myers & Briggs Foundation” site: <https://www.myersbriggs.org/>

TOLEDO, E. J. L. “Estudo da correlação entre motivação, estilo de aprendizagem e os tipos psicológicos junguiano”, Tese de doutorado. S. Carlos: UFSCar, 2015. Disp. em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7237/TeseEJLT.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 24-05-21.

Recebido para publicação em 25-05-21; aceito em 24-06-21

## Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte I: os 4 tipos SP

Alexandre Medeiros<sup>15</sup>

Enio Starosky<sup>16</sup>

**Resumo:** Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Neste par de estudos, apresentamos uma “galeria” de 8 tipos keirseyanos (os SP e SJ), extraídos desses artigos: pessoas/personagens que podem ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Nesta primeira parte, os 4 tipos SP.

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos. temperamento. temperamentos SP.

**Abstract:** The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. From these articles we extracted the present “Gallery of types” (real people/characters), in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. This part I is on the four SP types.

**Keywords:** David Keirsey. types. temperament. temperament SP.

### Enfrentando a dificuldade de discernir tipos keirseyanos em casos concretos<sup>17</sup>

Uma dificuldade frequente dos estudiosos da tipologia de David Keirsey (abreviaremos por DK) é a de discernir e identificar, nas pessoas, os diversos tipos propostos por DK. E não se trata só de pessoas que não se encaixam perfeitamente neste ou naquele tipo, mas mesmo casos que DK considera claramente como representante de determinado tipo, não encontram unanimidade. Por exemplo, se o próprio DK caracteriza Joana D’Arc como emblemática INFP (Keirsey 1984, p. 176), outros não hesitam em identificá-la como ESTP<sup>18</sup> (!?); o site oficial de DK situa Madre Teresa como primeiro exemplo de ISFJ<sup>19</sup>, mas há quem a considere típica INFJ<sup>20</sup>.

Pensando em ajudar o estudioso keirseyiano a “visualizar”, de modo concreto e “encarnado”, os diversos tipos da teoria de DK, organizamos a presente “Galeria de Tipos” SP e SJ, recolhendo as análises que, ao longo de anos, pesquisadores do Grupo de Pesquisas – liderado por Jean Lauand – têm apresentado nesta e em outras revistas do Cemoroc – Centro que se distingue também por acolher pesquisas de qualidade sobre a teoria de DK.

Embora cada título se refira a um dos 8 perfis (SP / SJ que somam mais de 80% da população) é claro que cada tipo se esclarece em contraste com outros, de modo que as análises não são necessariamente “estanques”. Esta parte I é dedicada aos 4 tipos SP, deixando os 4 SJ para a parte II, nesta mesma edição.

<sup>15</sup>. Doutor em Ciências da Religião – UMESp/SP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

<sup>16</sup>. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

<sup>17</sup>. Esta introdução é comum às 2 partes do estudo. Também mantivemos as mesmas referências bibliográficas.

<sup>18</sup>. <https://grottonetwork.com/keep-the-faith/community/catholic-saints-myers-briggs/>. Acesso em 05-05-2021.

<sup>19</sup>. <https://keirsey.com/temperament/guardian-protector/>. Acesso em 05-05-2021.

<sup>20</sup>. <https://www.16personalities.com/infj-personality>. Acesso em 05-05-2021.

## I – Os 4 Tipos SP: ISFP, ESTP, ESFP e ISTP

### 1. O tipo ISFP: Guga Kuerten (Mozart, Fred Astaire...)

(extraído de: Jean Lauand & Chie Hirose: “Tipos de DK - Identificando algumas características” – International Studies on Law & Education 33, 2019: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>)

Começamos a apresentação de nossos exemplos com um particular caso de SP: o ISFP.

Se os SP são denominados por DK *artisans*, que no caso do ISTP envolve a especial inclinação para lidar com ferramentas e fabricos (motores, armas etc.), por alguma razão o ISFP costuma voltar-se para as *fine arts*:

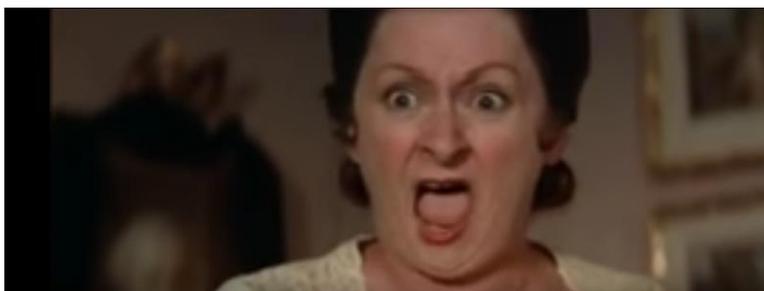
Quando encontramos um destacado compositor, pintor ou bailarino, frequentemente será um ISFP. Beethoven, Toscanini, Rembrandt e Nijinski, como se manifesta na pesquisa tipo-histórica, eram ISFP chapados (Keirsey 1984, p. 204).

Seu acentuado senso S de realidade, de concreto, especialmente para a “especialidade” para a qual está particularmente dotado “keeps the ISFP more closely in touch with the very real” (Keirsey 1984, p. 205).

O ISFP sintoniza com a cor, a linha, a textura, a tonalidade – tato, movimento, ver e ouvir, em harmonia. Os sentidos do ISFP parecem mais agudamente sintonizados do que os dos outros. Rembrandt podia quase saborear as cores, devido à sua grande sensibilidade. Toscanini podia distinguir uma única nota desafinada em meio à mais complexa performance instrumental da orquestra. E as palavras de Hemingway tinham o gosto, cheiravam e sentiam as ondas” (Keirsey 1984, p. 205).

A sensibilidade do ISFP é como que um radar sempre ativo para o aspecto do mundo concreto que o toca em sua arte (no sentido amplo, que pode abarcar, por exemplo, esportes como o tênis). Meu amigo, o saudoso grande pintor Fulvio Pennacchi via (e vibrava com isso) espontânea e necessariamente composição e cromatismo em qualquer situação do cotidiano, enquanto nós outros víamos apenas uma cena rotineira a mais. Dorival Caimmy não compunha com o violão, mas extraía canções da simples prosódia do falar cotidiano...

Nesse sentido, nada supera a antológica cena do filme *Amadeus* de Milos Forman, na qual a sogra de Mozart, Frau Weber, enfurecida com o genro irresponsável, quer afastá-lo e vai proferindo uma série de insultos: “... Você é um monstro... egoísta ... para você só existe a sua música. Eu bem que avisei a minha filha: ‘case-se com um homem, não com um bebê’. Etc.” Mozart, indiferente à fúria da sogra, atenta somente para a prosódia dela, da qual extrai imediatamente a ária “A Rainha da Noite” e a câmera vai pontuando a transição da estridente megera para a soprano de “A Flauta Mágica”.



A cena encontra-se em <https://www.youtube.com/watch?v=5wfp8EB179g>



Ao caso do Mozart do filme de Forman, foi dedicada uma dissertação de mestrado, contrapondo (sem usar a terminologia de DK) a caricatura das disfunções dos SJ no personagem Salieri ao – também carregado –, Mozart, SP<sup>21</sup>.

Mas a característica do ISFP que queremos destacar, a propósito de Guga, é aquela apontada por DK:

The ISFP has to be the kindest of all the types with no near competitors. The kindness is unconditional. Here is sympathy, of which we are all capable, carried to its most extreme form. The ISFP is especially sensitive to the pain and suffering of others and, like St. Francis of Assisi, with sympathetic impulsivity gives freely to the sufferer. (Keirsey 1984, p. 205)

Fred Astaire (1899-1987), o maior dançarino da história do cinema, obrigava os roteiristas de seus filmes a contorcionismos: ele era incapaz, mesmo como personagem, de magoar alguém.



---

21. Lucyana do Amaral Brilhante. “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

Nosso Gustavo Kuerten, como bom I concede poucas entrevistas e sua mãe refere-se ao fato, dizendo jocosamente que o filho é “bicho do mato”. No caso extremo de outro ISFP, João Gilberto, ninguém conseguia furar o bloqueio e sua personalidade permanecia (outra marca registrada dos ISFPs) um tanto enigmática para os outros tipos. São legendários os intermináveis “ensaios” de João Gilberto que, como em geral nos ISFPs, não eram propriamente ensaios, mas o impulso incontido da ação artística, unido à exigência de nada menos do que a perfeição em sua arte. (Mas atenção: por mais que sejam extremamente gentis, os ISFP são, afinal, impulsivos como todos os SP e daí também os “destemperos” de João Gilberto diante de alguma falta de sintonia do público. Paulinho da Viola conta uma sua desestruturação no palco diante de uma simples desatenção de um espectador.)

Qual a grande dificuldade do tipo *kindest*, ISFP, Guga no início de sua carreira? A mais inesperada para quem não leu DK: a dificuldade de vencer para não magoar seu adversário, infligindo-lhe amarga derrota! É o que ele mesmo nos conta em uma de suas raras entrevistas. Aos 14 anos, conheceu Larri Passos, que ia ser seu técnico, por longos anos.

[O Larri me ajudou muito] Teve uma situação já com o Larri que foi determinante: eu saio da quadra, perdendo o jogo – isso acontecia, eu me emocionava muito... ficava triste, porque no tênis tem isso: um ganha e o outro tem que ser derrotado e eu... “Pô, mas que pena...”. Eu tinha uma dificuldade de enfrentar isso. Para mim foi difícil e o Larri falava: “vai pra cima dele, cavalo! Passa por cima, vai, mata o cara!” (<https://www.youtube.com/watch?v=ZLgIh5iDmWA> 9:50m)



Assim, o (árduo) trabalho do técnico foi o de ajudar Guga a, no esporte, “superar” sua tendência mais arraigada, a de “ajudar as pessoas e fazer carinho”! E, refreado seu sensível fator F, liberar o estilo SP: revolucionário, agressivo, exuberante e alegre. Vencedor. A Revista Tênis o coloca entre os “10 tenistas que transformaram a forma como o tênis é jogado”:

A inesperada conquista de Guga em Roland Garros 1997, contudo, pavimentou a mudança que se solidificou hoje.

Diante de adversários que fundamentavam seus jogos no preparo físico e na regularidade de fundo, o brasileiro ousou acelerar bolas, arriscar paralelas de backhand, tentar curtinhas etc. De repente, aquele padrão extremamente defensivo do jogo de saibro deu lugar a um estilo muito mais agressivo, exuberante e alegre.

Mesmo jogando do fundo de quadra, Guga mostrou que era capaz de encurralar os oponentes, tirá-los do sério com seus imprevisíveis ataques com o backhand na paralela ou então com deixadinhas depois de tê-los jogado metros longe da linha de base.

([https://revistatenis.uol.com.br/artigo/nascidos-para-mudar-o-tenis\\_12455.html](https://revistatenis.uol.com.br/artigo/nascidos-para-mudar-o-tenis_12455.html))

Guga, leva ao extremo o carisma do ISFP e aparece como a pessoa mais gentil, alegre e emotiva do mundo. Por suas aparições na olimpíada de 2016, suscitou nas redes sociais uma sacada genial, que bombou imediatamente: chamar Guga de “Labrador Humano”.

Ele, naturalmente se emocionou e agradeceu: “Tenham a certeza de que foi a minha medalha de ouro. Vai ficar guardada no coração como símbolo e a grande lembrança desses jogos aqui no Rio” ([http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/guga-comenta-apelido-labrador-humano-e-conta-o-que-tira-seu-sorriso-do-rostro-video.html\\_](http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/guga-comenta-apelido-labrador-humano-e-conta-o-que-tira-seu-sorriso-do-rostro-video.html_))

Outro exemplo: uma das tantas delicadezas de Guga foi quando, emocionadíssimo, enviou uma mensagem para os familiares da tragédia da Chapecoense e teve o cuidado de dizer: “nós estaremos orando, estaremos rezando...”, para evitar ferir qualquer susceptibilidade entre evangélicos e católicos. “<https://www.youtube.com/watch?v=iRSyyZaiVJY>”

## **2. O tipo ESTP: Neymar Jr. (Felipe Melo, Val Marchiori, Cristina Rocha, Sérgio Vieira de Mello...)**

(extraído de: Jean Lauand & Chie Hirose: “Tipos de DK - Identificando algumas características” – International Studies on Law & Education 33, 2019: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>)

Muitos dos grandes esportistas são SP e ESTP. Com suas características, para o bem e para o mal: impulsividade, independência, liberdade, hedonismo, ludicidade etc. Na disfunção: indisciplina, farras, pavio curto, irresponsabilidade, infantilidades, fanfarronice etc.

Na vida comum é difícil (especialmente para os comedidos SJ) compreender como uma pessoa pode, por exemplo, cair nos juros, literalmente absurdos, do cheque especial ou do parcelamento do cartão: é óbvio que é um grave erro financeiro. Para a descontrolada impulsividade do SP (os SP são as principais vítimas da impulsividade...) essas opções podem afigurar-se viáveis: magnetizados pelo “aqui e agora” não medem as consequências, tudo que vêem é a necessidade de seguir o impulso e evitar

a espera. São os mesmos impulsivos que, tendo perdido no cassino, dobram a aposta: é tudo ou nada, é agora ou nunca etc. São acentuados SP que tiram a camisa ao comemorar um gol, mesmo cansados de saber que esse ato custa um cartão amarelo...

E é que se há algo que os SP (todos eles) não conseguem suportar é a espera; a palavra que lhes é mortal é *wait*: “eles não esperam porque esperar é ver seu impulso definir e morrer, eles querem e valorizam seus impulsos e os vêem como o centro de suas vidas” (Keirse 1984, p. 204).

O santo dos SPs é Santo Expedito (pouco importa se ele realmente existiu ou não); Expedito é o santo que não enrola, resolve na hora, “mete as cara”, como no lema SP da Nike: “*Just do it!*” O reflexo dos SP pode ser tamanho que, muitas vezes ele dá uma resposta tão rápida que o interlocutor de outros tipos pode considerar impensada, frívola ou irresponsável; quando, na realidade, é sua resposta ponderada definitiva: a prontidão lhe é conatural e ele, normalmente, não precisa ruminar o assunto por tempo prolongado.

Já a introdução do clássico dos clássicos, Casablanca (no qual o tempo é um dos temas...), descreve entre os horrores da guerra, o suplício dos SP, o purgatório da espera: alguns poucos conseguem o visto para Lisboa (que lhes permitirá ir para a América); os outros..., esperam em Casablanca “...and wait, and wait..., and wait...”. Nessa linha a (extremadamente SP) Tina Turner, gravou a canção que melhor exprime o impulso típico dos SP: *Paradise is here* (Paul Brady), nem sonhos nem planos: *right now!*

(...) But paradise is here  
It's time to stop your crying  
The future is this moment  
And not some place out there  
Tonight I need your love  
Don't talk about tomorrow  
Right now I need your loving  
Right now give it to me  
Right now I want your loving  
Right now- now now now (...)

Com o acima exposto, não é difícil evocar a galeria dos extremados ESTP (incluiremos também alguns ISTP) de nosso futebol (ou de outros setores...):

**Felipe Melo.** Entre tantas outras, recém contratado, na entrevista de apresentação ao Palmeiras (jan. 2017), o meia foi logo avisando que iria reabrir antigas desavenças: “Se tiver que dar porrada, eu vou dar. Se tiver que bater na cara de uruguaio, vai tomar tapa na cara”. Não deu outra: o Palmeiras x Peñarol em abril (2017) acabou em pancadaria; os uruguaio tinham como alvo principal o próprio Felipe Melo. Meses depois, Felipe exibe como troféu, um porta-retratos em sua casa, a foto do soco que deu no uruguaio. Se o ISFP é labrador, os STP podem ser pitbull, como no grito da torcida do Palmeiras: “O bagulho é doido! Felipe Melo, pitbull, cachorro louco!” (<https://www.lance.com.br/palmeiras/cachorro-louco-felipe-melo-ganha-musica-torcida-agradece.html>).



<http://esportes.r7.com/blogs/r7-so-esportes/e-ousado-demais-rapaz-felipe-melo-guarda-lembranca-de-briga-no-uruguai-na-sala-de-casa/2017/08/31/>

Nossa galeria se amplia com, digamos, **Maradona**, **Dudu** (outro “guerreiro” do Palmeiras), **Adriano Imperador**, **Romário** (que quando cobrado pelas farras em seu tempo de Barça, saiu-se com a antológica frase: “*Si no salgo a [sic] la noche, no meto goles*”), os comentaristas **Neto** e **Edmundo** (“animal”), o atualmente técnico **Renato Gaúcho** (Portaluppi), **Donald Trump**, **Kim Jong Un** (o ditador que adora a Disney e o Chicago Bulls), **Jair Bolsonaro**, **José Luiz Datena**, **Ratinho**, **Silas Malafaia**, o ISTP **Vladimir Putin**, etc.

**Sérgio Cabral**, com sua audácia, ostentações e farras como a do guardanapo, expõe algumas outros traços (disfuncionais) dos ESTP.

Não é de estranhar que, no caso das mulheres ESTP – como **Amy Winehouse**, **Madonna**, **Angelina Jolie** (e **Lara Croft**), **Camilla Parker Bowles** –, alguns aspectos de seu comportamento possam parecer, em alguns casos e alguma medida, associado a padrões estereotipadamente masculinos (independentemente de conotações homossexuais como no caso de Thammy Gretchen). Eu sou durona... diz uma conhecida sentença de Madonna: “I’m tough, I’m ambitious, and I know exactly what I want. If that makes me a bitch, okay.”<sup>22</sup>; Amy Winehouse afirmou certa vez: “I’m more of a boy than a girl” e de Camilla Parker Bowles se diz que é uma **tomboy**, mulher com gostos e jeitão mais para masculino (sem conotações homossexuais). Disse ao ser apresentada ao Príncipe Charles: “My great-grandmother was the mistress of your great-grandfather - so how about it?”. Já Madonna diz de si mesma: “I’m a man inside a woman's body.” E a SP, em famosa entrevista, diz do idealismo dos NF: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

No caso feminino, o troféu ostentação vai para a ESTP Val Marchiori, com suas quinhentas e tantas bolsas Louis Vuitton, peles e o inseparável champagne...



<https://televizao.wordpress.com/tag/val-marchiori/page/16/>

---

<sup>22</sup>. Todas as citações desse parágrafo procedem de: <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Para que se entenda bem o que estamos afirmando, um exemplo, ilustrativo e esclarecedor: o popular programa do SBT, “Casos de Família” foi apresentado pela discreta Regina Volpato de 2004 a 2009; sendo, então substituída pela ESTP (com maiúsculas), Cristina Rocha.

Com Volpato, o programa era sério, sóbrio, de aconselhamento, sem gritaria nem barracos. Cristina Rocha, assumiu para agitar (promover barracos, como no programa original venezuelano) e aumentar a audiência e chegou mesmo a alfinetar sua antecessora:

Eu entrei [no Casos de Família] com o coração. Tudo que eu faço eu visto a camisa. Comigo não tem isso de estar em cima do muro. Quando fiz o teste, o Silvio queria um programa mais popular com uma apresentadora que se desse bem com a plateia. Que fosse mais participativa, coloquial e que desse opinião. A [antiga] apresentadora [Regina Volpato] ficava sentada o tempo todo e no final a psicóloga falava. Era uma coisa mais contida.

(<https://www.otvfoco.com.br/apresentadoras-casos-de-familia-christina-rocha-critica-regina-volpato-ficava-sentada-o-tempo-todo/>)



Outros estilos de apresentadoras:



Hebe **ESFP**



Eliana **ESFP**



Fátima **ESTJ**



Cátia **ESFJ**



Oprah e a sensibilidade **NF**



A fria racionalidade **NT** Justus e Dória

Quem senão o **ESTP** (e mais ainda o **ISTP**) pode, na disfunção, ter a arrogância de um Carlos Marun, líder de várias tropas de choque, para celebrar na

Câmara, com dancinha, cantando: “surramos a oposiçããão, que não consegue nem uma ganhar”... (<https://www.youtube.com/watch?v=WORSkpfdfGc>).

Apesar dos exemplos que demos anteriormente de ESTPs, a bem da verdade, o ESTP não é necessariamente truculento (como pode parecer em um Brasil e em um mundo rachado em maniqueísmos e radicalismos); pelo contrário, o ESTP pode ser, e frequentemente é, simpático, eletrizante e refinado (como o agente 007) e, devido a essa observação das motivações alheias, pode ser um grande negociador, como é o caso de um dos maiores campeões mundiais da paz de todos os tempos (e mártir da paz), o diplomata brasileiro: Sérgio Vieira de Mello. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmava que Vieira de Mello era “a pessoa certa para resolver qualquer problema”. Foi o primeiro brasileiro a atingir o alto escalão da ONU. Como negociador da ONU, atuou em alguns dos principais conflitos mundiais - Bangladesh, Camboja, Líbano, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Ruanda e Timor-Leste, entre 1999 e 2002.

Sua incomparável vocação para a negociação fez dele (na década de 90) o único diplomata capaz de abrir e manter conversações com o Khmer Vermelho. Em maio de 2003, foi enviado como representante oficial do Secretário-geral das Nações Unidas para o Iraque e fez parte da equipe que vistoriou a Prisão de Abu Ghraib. Em Bagdá acabou sendo morto em 2003 durante o ataque suicida ao Hotel Canal, com a explosão de um caminhão-bomba. Abu Musab Zarqawi, chefe da Al Qaeda, assumiu a responsabilidade pelo atentado: Mello foi assassinado pois ele era um “cruzado” (sic: *franji*) que extraiu uma parte (o Timor Leste) do país muçulmano da Indonésia.



O ESTP Sérgio Veira de Mello, considerado um misto de Bobby Kennedy e James Bond.

E é que:

Os ESTP têm um dom especial para observar o que motiva as pessoas; são hipersensíveis às mínimas indicações não verbais dos outros, o que passaria despercebido para muitos outros tipos. (Keirsey 1984, p. 196).

Mas não se trata de uma captação das motivações alheias como pela capacidade empática do NF, mas por um instinto de indícios (*Elementary, dear Watson...*!), muito úteis para um espião como James Bond.

Como no caso daquele nosso amigo inquilino, que foi negociar um gasto no apartamento com o proprietário (tipicamente ESTP). Só se conheciam dos breves encontros mensais no escritório deste para pagamento do aluguel e um cafezinho. A proposta era para dividirem os gastos de uma descupinização necessária, pois o apartamento estaria infestado de cupins. O proprietário, ato contínuo, desmontou a charada: “- Não me diga, o senhor se casou?...”. A pergunta era retórica, era mais uma afirmação e, de fato (!), o inquilino tinha acabado de se casar (sem que o outro soubesse). A sequência da fala foi antológica: “... Porque nesta época do ano [tinha havido revoada de verão de cupins no bairro alguns dias antes] eles aparecem por toda parte, até em estruturas metálicas ou de concreto... Agora, se a sua esposa quiser fazer um favor para a gente, diga para ela pegar uma seringa velha e injetar onde ela acha que eles [os supostos cupins] estão instalados... [e pare de nos aborrecer com sua neurose de problemas fictícios]”.

Machismos à parte, nosso ESTP decifrou em um relance a situação toda...

Se em algumas atitudes dos ESTP acima prevalece o aspecto “durão”, machão (muitos STP têm afinidade com armas, esportes radicais etc.), o tipo é em geral sociável e magnetiza o ambiente:

Se são utilizadas as capacidades promotoras e empreendedoras do ESTP, a instituição beneficiar-se-á muito de sua presença. Mas se seu desejo de *excitement* não encontra receptividade construtivamente, então sua energia pode se canalizar para o destrutivo, para atividades anti-sociais, para o estelionato, falsificação, contravenção etc. Um filme, do começo dos anos 70, que expressa bem esse uso dos talentos dos ESTP é “Golpe de mestre” (*The Sting*). (Keirsey 1984, p. 197).

Em nosso Neymar destaca-se o lado lúdico dos SP: na melhor tradição da escola brasileira (avalizada pelo insuperável Garrincha) o futebol é antes e acima de tudo brincar: inventar gracinhas e dancinhas para comemorar, coreografias com os “parças”..., enfim: a molecagem. O drible pode ser mais importante do que o gol...

Dois episódios ilustram esses traços de sua personalidade (não por acaso ele é chamado de “menino” Neymar). Em plena Libertadores de 2011, contra o Colo Colo na Vila Belmiro, ao marcar o terceiro gol (o gol da vitória de virada 3x2) Neymar comemorou colocando uma das milhares de máscaras com seu rosto que foram distribuídas a torcedores na entrada do estádio. A regra é clara: não se pode comemorar tirando a camisa, lançando-se sobre o alambrado, usando máscaras etc. Ele usou a máscara e recebeu o segundo cartão amarelo, sendo expulso na sequência e desfalcando seu time no próximo jogo, decisivo.



<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/em-partida-tumultuada-santos-reage-e-vence-colo-colo-4c46wrcag6q5qmym8r1lazo7i>

Tal como o menino que é levado para a sala da diretora (as professoras são, no estereótipo, SJ; as diretoras, “essejotonas T, ISTJ”), Neymar comenta sua expulsão, fazendo uma brilhante epítome SP, um autêntico manifesto SP; afinal inútil, pois o mundo das regras é, por definição, o reino dos SJ...:

Tem a lei e tudo mais, e sempre tem aquela coisa chata [SJ] no futebol, infelizmente. Mas querendo ou não, o gol é o que todo mundo que vai ao estádio está esperando, e você quer comemorar com os torcedores, com a família. Naquela noite eu queria retribuir o carinho da torcida usando a máscara, mas infelizmente acabei tomando o cartão e ficando fora de um jogo muito importante (<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2011/04/neymar-lamenta-queria-retribuir-o-carinho-da-torcida-usando-mascara.html>)

Os SJ, não perdoam a irresponsabilidade SP... Naturalmente, Neymar poderia responder como o Mozart do *Amadaeus*: “Perdão, Majestade. Sou um homem vulgar. Mas lhe garanto que a minha música não é!”



Na escola da coautora deste artigo (que leciona para o Fund. I da Prefeitura de São Paulo), uma das alunas de 1o. ano é uma menina vinda de Angola (a escola recebe muitos alunos estrangeiros e refugiados etc.), extremamente ESFP, pura sensibilidade e alegria de viver, e que se chama precisamente Alegria (sua irmã se chama Benção e sua coleguinha angolana, Maravilha!). Um dia, a Professora Raimunda (já conhecida dos leitores de nossas revistas, pelos seus artigos), estava no pátio com as crianças e outras professoras mostrando o desenvolvimento das plantinhas que cultivam na escola e Alegria percebeu que havia surgido uma bela florzinha em uma delas. Não se

contendo, começou a bater palmas, dançar e proclamar “Olha, que florzinha mais bonita!” Ato contínuo, uma SJ (disfuncional) de plantão atalhou: “Para com isso, menina! Aqui [escola] não é lugar de show!”

Naturalmente, depois, a professora explicou para a desconsolada Alegria que nem todos os adultos são assim...

O outro episódio deu-se por ocasião da briga entre o Real Madrid e o Barcelona para ver qual dos dois contrataria o Neymar. Em meio a todas as intrigas de bastidores, o então Presidente do Santos, Luís Álvaro Ribeiro, convenceu Neymar a ficar no Santos (até que pudesse, nos bastidores, fechar com o Barça...), usando um argumento decisivo para lúdicos SP:

Um dos argumentos que usei para convencer o Neymar a ficar foi dizer a ele que lá (em Madri) o Mourinho poderia implicar com o seu cabelo e mandá-lo cortar, e aqui ele deixa o cabelo como quiser.



(<http://www.goal.com/br/news/805/mercado-de-transfer%20C3%A4ncias/2011/11/13/2755187/luis-%20C3%A1lvaro-brinca-e-afirma-mourinho-ia-pedir-para-neymar-cortar-.>)

É a eterna oposição entre a disciplina, a “seriedade”, o comedimento, as regras do SJ x a ludicidade, o hedonismo, a impulsividade SP. Como costumamos fazer em nosso grupo de pesquisas sobre DK, estendemos a tipologia para países e grupos sociais (atendo-nos às *vigências* de Ortega). Nesse sentido, a cidade de Nápoles é a capital mundial dos SFP, com seu sentido do lúdico, da arte, do ócio criativo, da gastronomia, da exuberante alegria de viver, do “aqui e agora” (o famoso “*carpe diem*” bem poderia ser o lema partenopeu), da “malandragem” etc.

Há um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal, meio palhaço e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que (frequentemente) manifestam o contraste com o “antagonista”: a seriedade britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos.

### **3. O tipo ESFP: o personagem Raymond Barone (da série “Everybody loves Raymond”)**

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a TV – o caso de Raymond” – International Studies on Law & Education 5, 2010: <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>)

Neste mês de julho 2010 [mantivemos a data do artigo original], foram lançados na TV brasileira as novas séries “*Men of a certain age*” e “*The Middle*” (ambas já na 2ª. Temporada na TV americana), protagonizadas respectivamente por Ray Romano e Patricia Heaton, astros de “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), *sitcom* dos anos 90 e 2000, de enorme sucesso e, ainda hoje, exibida todos os dias, em três diferentes horários, no Brasil. Embora Romano e Heaton sejam atores extraordinariamente talentosos, as novas séries não parecem capazes de alcançar os índices de audiência de ELR: penso que um dos segredos do incomparável sucesso de ELR está precisamente na força tipológica de seus personagens.

Neste estudo, a partir dos tipos psicológicos de David Keirse (combinações de I/E, S/N, T/F, J/P), analisaremos alguns aspectos do personagem principal da ELR, visando identificar, em situações de comportamento cotidiano, como age o tipo ESFP (tipo de Raymond) em situações concretas da vida. A tipologia de Keirse é ferramenta útil para a psicologia e para a antropologia com fecundas aplicações para a educação.

É de Heráclito a sábia sentença que afirma que é o mesmo e único o caminho que sobe e o que desce. Os 16 tipos de Keirse são “ideais” (no sentido weberiano) e foram construídos a partir de anos de observação (também profissional); eles nos propiciam importantes informações para a compreensão (no sentido técnico de *verstehen*) dos temperamentos; mas cada tipo só existe, na realidade, encarnado em indivíduos concretos: e é quando “descemos” ao plano concreto que podemos novamente “ascender” ao alcance e significado do plano ideal.

Pense-se, por exemplo, nas potenciais contradições de valores inerentes a cada tipo. Por exemplo, a mãe de Raymond (abrev.: R), Marie (M), é nitidamente ESFJ e, como tal, tem como valores primordiais: o sentido do dever, o cuidado pela família, pelas tradições, pela religião etc. Preocupa-se, portanto, com seu filho Robert, que aos 40 anos continua solteiro, e quer um bom casamento para ele. Como se comportará ela, digamos, quando uma determinada possibilidade de casamento conflitar, digamos, com valores religiosos?

Ou, no nosso caso, do ESFP, como se resolvem na realidade do cotidiano, choques entre valores abstratos do tipo: liberdade, harmonia, impulsividade etc.?

Naturalmente, o tipo de temperamento, mesmo que se dê de modo acentuado, não esgota a realidade do indivíduo; poderíamos compará-lo à mútua atração dos

sexos: é um dado real e importante, mas não determina ou explica a totalidade da conduta de uma pessoa.



Robert, Frank, Debra, Raymond e Marie  
(<http://br.canalsony.com/shows/everybody-loves-raymond>)

Assim, a compreensão teórica do ESFP (ou de qualquer outro tipo) está em interação dialética com o modo concreto em que este tipo se dá em Fulano ou Beltrano. E é de grande importância – também heurística – a análise de um personagem de ficção bem construído, como é o caso de R.

O interesse metodológico de ELR reside no fato de ser uma *sitcom* voltada para o cotidiano, que nos oferece 212 episódios (1996-2005), mais de 80 horas de convivência e interação de um nítido e coerente conjunto de personagens, ambientados em situações comuns, que constituem um rico “laboratório” para a compreensão concreta dos tipos de temperamento de Keirse, pois manifestam, de modo vivo e encarnado, suas atitudes e modos de agir. ELR recebeu 13 Emmys (além de 35 indicações para esse prêmio, 6 delas para melhor roteiro). A série encontra-se integralmente disponível em diversos sites da Internet<sup>23</sup> e é exibida com sucesso até hoje, nas TVs do Brasil e de todo o mundo.

Os personagens que convivem com Raymond Barone (ESFP) são seus pais Frank (ISTP) e Marie (ESFJ); e Debra (ESTJ), sua esposa (além de Robert, irmão de R; a filha mais velha Ally e os gêmeos Michael e Geoffrey). Trata-se, portanto, de dois casais SJ-SP, o tipo mais comum de casamentos realmente existentes.

Para além das características individuais - advindas de educação, gênero, etnia (os Barone são ítalo-americanos), classe social, geração (na série convivem três gerações), religião, grau de instrução etc. -, este estudo centra-se no concreto dos comportamentos típicos do ESFP.

[...]

Não cabe neste estudo a descrição de todos os 16 tipos; bastar-nos-á apresentarmos algumas das características daquele que analisaremos mais detidamente em nosso trabalho: o ESFP (de Raymond).

O próprio Keirse recorre a personagens ficcionais para exemplificar sua teoria; mas, o faz ocasionalmente, sem aprofundar neste ou naquele personagem. ELR pareceu-nos objeto privilegiado para este estudo: pela própria configuração dos

---

<sup>23</sup>Como em: <http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/15rVLBFab699yyTkgZ8ZTw> ou [http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/LDqObhq2Dwb6o4F\\_YCNVSQ](http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/LDqObhq2Dwb6o4F_YCNVSQ) ou ainda: <http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/rIRejdHVcOXa6RSQ9OuJ7A>, ou: <http://tv.blinkx.com/show/everybody-loves-raymond/S4RmNGUeMtEGUith5fQBCWRHgBbl4UY0c2OiaA>.

personagens (em geral, nítidos e coerentes tipos keirseyanos); roteiros sugestivos e pela rica variedade de situações vividas pela família nas mais de 80 horas da série, produzida ao longo de 10 anos (1996-2005),

É comum entre roteiristas e diretores de séries e novelas recorrer a teorias da personalidade para criar seus personagens: as 4 protagonistas de *Sex and the City*, por exemplo, correspondem com muita exatidão aos 4 tipos de temperamento de Keirsey: Carrie é a NF; Samantha, a SP; Charlotte, SJ; e Miranda, NT. No caso de ELR, a tipificação também é nítida: Keirsey oferece como exemplo de ISTP o Gal. Patton e Frank Barone (o ISTP de ELR), ao afirmar que não vai ao cinema há anos, diz que a última vez em que o fez foi para assistir ao filme “Patton” e que só voltará às salas de exibição, quando for lançado um “Patton II”.

### **Raymond como Performer (ESFP)**

Destaquemos, neste estudo, um par de características do tipo. Já o primeiro *Please Understand Me* indica dois traços marcantes (aplicáveis perfeitamente a R) do ESFP: sendo extremamente sociável, divertido, charmoso, eletrizante e agradável no convívio (*Performer* é o nome com que Keirsey define o ESFP); é, ao mesmo tempo o tipo com menor resistência à ansiedade.

Assim, diz Keirsey, que na família, “se houver uma doença ou algum problema, o ESFP pode se tornar impaciente e querer se ausentar” (Keirsey, 1984, p. 198). “A tolerância para com a ansiedade no ESFP é a menor de todos os tipos. E a ansiedade é evitada tentando ignorar o lado negro de uma situação tanto quanto possível” (Keirsey, 1984, p. 198).

Descendo para o concreto, em ELR, o protagonista mostra muito bem esse querer eludir o problema da doença, como em ELR#13, *Debra's sick*. Debra (abrev.: D), Ally e um dos gêmeos, Michael, estão fortemente gripados. R tenta em vão esquivar-se de todas as formas (começa por tentar que sua mãe venha cuidar do problema) e, quando tem que assumir o dever de cuidar dos doentes, não se lembra do nome do pediatra, não sabe onde está seu telefone etc. chegando finalmente, em sua aversão à tarefa, ao extremo caricaturesco de levar Geoffrey em vez de Michael ao médico!

A síndrome do avestruz: evitar a todo custo situações de conflito e tentar ausentar-se quando elas se impõem: ignorar o problema como se com isso ele desaparecesse por si... Em ELR#20, *Neighbors*, quando os vizinhos falam com D que querem uma reunião porque não suportam mais os incômodos que Frank (F) e Marie causam na vizinhança a primeira reação de R é tentar ignorar o problema como se ele não existisse e pensar ingenuamente que pode se recusar a participar da reunião (a mesma resistência ocorre quando há problemas com os filhos na escola, ante perguntas difíceis da pré-adolescente Ally ou em diversas outras situações de dificuldade). Ao começar a reunião, R ao ouvir o primeiro minuto de queixas, diz levianamente que o problema vai se resolver (mas não diz como) e que todos podem ir embora tranquilos. Ante a recusa dos queixosos, que começam a multiplicar as reclamações, R, cada vez mais nervoso, deriva para piadinhas que só fazem exacerbar os ânimos dos vizinhos. R se desespera porque sabe que por trás desse conflito haverá outro: enfrentar seus pais e transmitir-lhes as queixas dos vizinhos.

Mas trata-se, sobretudo, de evitar conflitos de relacionamento. Há todo um episódio dedicado a isso: ELR#20 *T-Ball*. Ally participa de uma versão infantil de baseball, o T-Ball, jogos acompanhados por todas as famílias dos alunos. Cada jogo é um evento e um casal de pais, Brian e sua esposa, se investiram na função de organizar os turnos dos lanches. Brian é o típico burocrata metucioso e se desentende

com D porque, no dia do rodízio dos Barone, ela levou profusão de salgadinhos e não a lista de produtos ecologicamente corretos que o memorando de Brian indicava aos pais para o lanche. D começa a argumentar que os salgadinhos que trouxera são adequados para o lanche de crianças, mas o irredutível Brian, munido de sua prancheta e formulários, esgrime os memorandos que enviou e sua “autoridade” de coordenador. R vendo que D está se exaltando e que Brian não vai ceder, tenta pôr panos quentes e diz que de fato os salgadinhos não estavam na lista, que na próxima semana trarão o lanche “correto”, chega a pedir desculpas a Brian para pôr um ponto final no assunto. Mas D não aceita: o problema não é o lanche das crianças, mas aceitar as frescuras (freaking out) de um babaca de um maníaco bitolado (uptight, pompous little ass, with that stupid list etc.). Nesse momento, passa Michael correndo nu e Brian pergunta onde é que estão os pais irresponsáveis; R faz um gesto de concordância com o escândalo de Brian (como se Michael não fosse seu filho e compartilhasse o escândalo de Brian). Em casa, R tenta convencer D de que não vale a pena brigar por um lanche e D fica indignada com a falta de senso de dignidade de R (“Why do you need everybody to like you?”) e este acaba concordando em desafiar Brian, não levando lanche na semana seguinte. Mas, na verdade, o que R faz é, no jogo seguinte, levar ocultamente o lanche da lista de Brian (cenoura, rúcula etc...) e, em um momento em que D sai para cuidar das crianças, sorrateiramente R entrega a Brian o pacote. Mas Brian agradece a D e o plano pacifista de R fracassa.

O episódio T Ball registra ainda uma aguda captação do estilo ESFP. Embora gentil ao extremo, o ESFP, como todo SP é marcado pela impulsividade. Essa combinação pode gerar conflitos internos (como em ELR#154 *Sigh*, quando R, numa generosidade impensada e irresponsável, abdica do uso do banheiro do casal, deixando-o só para D e, quando os incômodos de usar o banheiro das crianças tornam-se insuportáveis, tem que voltar atrás, de modo nada gentil). Quando seu pacifismo é desmascarado, R, finalmente, explode e extravasa de modo veemente sua agressividade para com Brian. Na verdade, a quadradice de Brian incomoda muito mais a R do que a D, que, afinal, também é SJ... E nada como o poder de um STJ para fazer um SFP perder a paciência: há dezenas de filmes (Rambo, Patton, muitos westerns etc.) inspirados nesse tipo de conflito: o impedimento da ação (militar, policial etc.) – e a ação é valor supremo para o SP – por entraves burocráticos de chefes SJ.

A explosão de ira do gentil Raymond é só aparentemente surpreendente; na verdade, sua cortesia procede precisamente de apreciar mais a harmonia das relações humanas do que as (por vezes tolas) teimosias dos outros; quando as teimosias burocráticas do SJ inviabilizam o convívio então o SP libera suas energias de ira e investe descontroladamente contra o agressor. Depois da explosão com Brian, em casa, R reflete – com muita agudeza – sobre o fato: “I don’t know what happened out there” “I never go off on people like that” “I’m like a time bomb”.

A perplexidade de R é por saber que sua característica marcante (como ESFP) é a gentileza, a cortesia: “são os mais generosos de todos os tipos e ocupam o segundo lugar em gentileza (superados somente pelos [raros] ISFP)”<sup>24</sup>. Uma das manifestações dessa *superior kindness* – não esqueçamos que os ESFP são altamente vulneráveis à sedução psicológica (Keirsey, 1984, p. 198) – é o modo fácil e rápido com que costumam ceder ao outro (Keirsey, 1984, p. 198): vale tudo para evitar uma discussão.

O que é compreensível: afinal, o SFP cede porque não tem o apego aos imperativos do dever (SJ); ou aos da lógica ou racionalidade (NT); ou aos do sentido ontológico (NF); seu imperativo é a alegria na convivência.

---

<sup>24</sup> Keirsey, site oficial: [www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=4&c=performer](http://www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=4&c=performer) . Acesso em 15-07-10.

Essas características – junto com outras do ESFP que não cabe analisar neste estudo – tornam perfeitamente natural que todo mundo goste de R e explicam o próprio título da série, *Everybody loves Raymond*, necessariamente um protagonista ESFP...

#### **4. O tipo ISTP: o personagem Frank Barone (da série “Everybody loves Raymond”)**

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a TV – o caso de Frank” – International Studies on Law & Education 6, 2010: <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf>)

No número anterior de International Studies on Law and Education, a partir dos tipos psicológicos de David Keirse (combinações de I/E, S/N, T/F, J/P), analisamos alguns aspectos do personagem principal da *sitcom* “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), visando identificar, em situações de comportamento cotidiano, como age o tipo ESFP (no caso, Raymond) em situações concretas da vida. Aproveitando a mesma matriz teórica, voltamo-nos, neste estudo para um par de características amostrais do ISTP, encarnado no personagem Frank Barone, pai de Raymond em ELR.

[...]

Os personagens que circundam Frank Barone (ISTP) são sua esposa Marie (ESFJ) e seus filhos Robert (que aos 40 anos ainda mora com os pais) e Raymond. Raymond mora com sua esposa Debra (abrev.: D) e seus filhos ainda pequenos - Ally e os gêmeos Michael e Geoffrey - na casa em frente da de Frank (e a comunicação entre as casas é constante e sem cerimônias).

##### **Frank como ISTP (Artisan)**

No trato com Marie (M), Raymond (R) e Robert (Rb), e em geral, Frank (F) é o típico durão, teimoso e grosseiro, veterano da guerra da Coréia (assunto recorrente em suas conversas...).

Sempre se acha com razão e nunca pede desculpas. Frank diz tudo o que lhe vem à cabeça (especialmente para agredir verbalmente Marie), vive dizendo palavrões (seu favorito é a exclamação “*Holy Crap!* - equivalente ao nosso: p\* m\*!”). Frank é aquele que não se lembra de puxar o zíper da braguilha e não se importa de ir buscar o jornal no jardim em cuecas. Machão, homóforo ao extremo, ridiculariza gestos sensíveis (impróprios de machos) de R (ou Rb), chamando-o(s) de Nancy, Shirley ou Mary Alice...

Frank é o homem dos consertos; para ele, chamar um profissional – encanador, eletricista, carpinteiro etc. – é um desperdício de dinheiro; e ele valoriza cada centavo (colecciona cupons de descontos irrisórios, permite-se comer “amostras” no supermercado sem pagar etc.). Tenha-se em conta que essas características, junto com o fato de ser do tipo ISTP devem-se também a fatores como idade, um pai repressor, frustrações profissionais (Frank deixou de trabalhar, mas sem conseguir uma aposentadoria, embora a família não passe por apertos financeiros) etc.

Como pai, Frank encarna o tipo durão: sentimentos e afetos só servem para amolecer e formar “Nancys”. Temperamento marcante, é em torno dele que giram alguns personagens secundários, como os sogros dos filhos, cujos temperamentos estão para contrastar frontalmente com o ISTP Frank. Assim, em certo sentido, junto com Raymond, é seu pai Frank o centro da série, que, nesse recorte, poder-se-ia chamar: “Frank hates Everybody” (de acordo com a fala de Marie para R): “Your father, hates everybody.” (E Frank se defende: “There's only some people I hate. The rest I tolerate... (#160, abrev. para episódio No. 160)

Para o bem e para o mal (no caso, mais para um cômico mal), Frank é uma realização do ISTP, com defeitos literariamente exagerados. A primeira característica que Keirsey aponta do ISTP (no tópico dedicado ao tipo em *Please Understand Me II*) é a extraordinária habilidade no manejo de ferramentas e a magnética atração que sentem por elas. É bem o caso de Frank, que passa o tempo todo de cuecas vendo TV e comendo e não faz absolutamente nada, exceto manejar ferramentas para consertos.

Frank adora ferramentas: também esta boa qualidade é dada ao personagem em dose exagerada, caricaturesca. Aplica-se-lhe à letra, o que Keirsey afirmou do ISTP: “A natureza do ISTP mostra-se mais facilmente no domínio das ferramentas... que os atraem como imãs: eles têm necessidade imperiosa de manejá-las e ferramentas caem em suas mãos buscando uso” também em (1984, pp. 200-201). O aposentado indolente e inútil, incapaz de mover uma palha; de repente, rejuvenesce-se e revigora-se e aplica uma imponente capacidade de trabalho, quando se trata de consertar um chuveiro, ou o piso de uma escada, um fogão etc.

Já na primeira temporada, há um episódio (#20) dedicado a essa paixão. Ray dá de presente ao pai *The big book of hobbies* e Frank, habitualmente decaído e desmotivado, torna-se incrivelmente energizado e – para desespero de todos – instala alarmes para a casa e para os carros, começa a revolucionar os equipamentos das casas, passa dias inteiros em intensa e contínua atividade na garagem etc. São 7:30 da manhã e Frank já está freneticamente manejando suas ferramentas e criticando a inatividade dos outros membros da família!

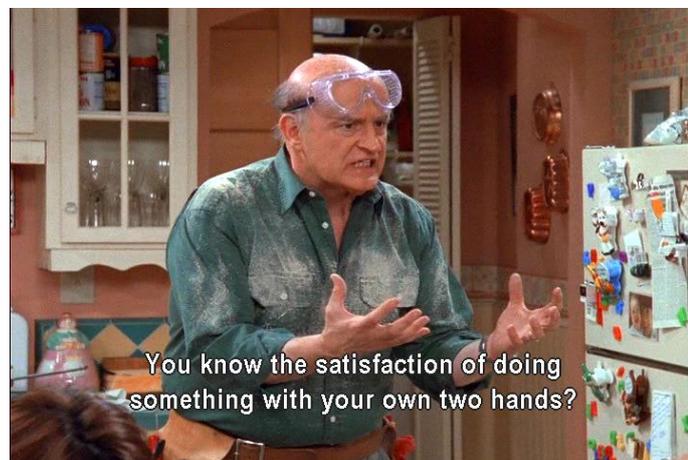
What are you doing in your pajamas?  
It's a little early for woodworking, isn't it?  
Not for me. I never felt so alive.  
You know the satisfaction of doing something with your own two hands?  
Debra - I'm imagining it right now.  
I love the *Big Book of Hobbies*. The best gift you ever gave me.  
Hey, where's the drill?  
- In the garage.  
- Great, thanks. (e dirige-se à garagem, cantarolando a trilha do filme “Indiana Jones”)

Como explica Keirsey (ainda no tópico *Artisans*) as ações e o manejo destre de ferramentas obedece ao elemento básico dos SP: o impulso. E prossegue: mais do que um propósito deliberado (ou o desejo de servir etc.); dá-se no ISTP a ação pela ação, sem planejamento; o ISTP se sente feliz quando a ação é espontânea e livre, seguindo sua própria vontade. No caso do ISTP, essa ação pela ação é um absoluto e ele tende a rejeitar veementemente “normas, regras ou leis”. Conclui Keirsey: “Os artesãos podem ser muito insubordinados e consideram que a hierarquia e a autoridade são desnecessárias e até aborrecidas. Não se trata tanto de opor-se aos regulamentos,

mas de ignorá-lo e não permitir que atrapalhe nas ações ... Se um programa imposto de fora coincide com seus impulsos, tudo bem; se não, pior para o programa”.



Ally, Frank Debra e Raymond



É o tema conhecido de dezenas de filmes: um ISTP está realizando rápida e eficazmente uma missão (policial, militar etc.); mas por não seguir a cartilha de regras é afastado da missão pela máquina burocrática e, inconformado, tenta dar um jeito de continuar sua ação; a burocracia descobre e pune-o severamente etc. É de um roteiro clássico: quer se trate de Rambo; Nick, o detetive acima da lei; de um Romário (e sua famosa: “Si no salgo por la noche no meto goles”, que lhe valeu a saída do Barcelona); ou do Gal. Patton, o grande herói de Frank.

### **Frank x Hank: o embate entre o ISTP e o ISTJ**

O contraste é fonte poderosa de humor. Para contrastar com a efusividade dos Barone e, especialmente, com as características ISTP de Frank; está o sogro de Robert, Hank MacDougall (que traz a tiracolo sua esposa Pat).

Hank, ISTJ, está posto como antípoda moral de Frank, ISTP. Basta percorrer as características do ISTJ (definido por K como “o Inspetor”) em *Please Understand Me II* para ver quão acertada é a escolha do tipo.

Do ISTJ, diz Keirse, que é sério e escrupuloso; minucioso e detalhista (excelentes como fiscais), legalista, respeitador de hierarquia e autoridades, guardiões

das tradições e instituições, estóicos e nada hedonistas; silenciosos e discretos; sem nenhum brilho no vestir ou no falar: pessoas cinzas! Claro que os ISTJ, como guardiões das tradições, instituições e moralidade, sentem-se atraídos por igrejas e para acentuar o caráter moralista de Hank, ele é presbiteriano rigoroso (o diferencial presbiteriano é a intolerância para com a “imoralidade”), o casal é de um puritanismo à toda prova.

Para o principiante na teoria de Keirsey pode surpreender o antagonismo entre tipos com três características em comum. Mas o próprio Keirsey adverte: “We might think that there would be some resemblance (entre o ISTP) to the ISTJ, having as they do, IST in common. But no, their behavior is antithetical in almost every dimension of comparison” (1984, p. 203)

Como é de esperar, o contato com os Barone e, particularmente com Frank, o ISTP, insubordinado e hedonista, será explosivo. No episódio 161, Rb vai à Pennsylvania pedir a mão de Amy e recebe um sonoro “Não”(porque os Barone são católicos, porque RB e Amy dormiram juntos antes do casamento etc.)

Os Mac Dougall conhecem os Barone (#163, Meeting the Parents) num domingo: chegam de surpresa, da Pennsylvania, ao apartamento de Amy, que tinha preparado um brunch para os restantes Barone (Robert passara a noite no apartamento de Amy). De cara dão com Robert em cuecas.

Frank, que não tem sensibilidade para com as visitas e nenhuma habilidade ou interesse em receber e ser agradável, logo propõe ligarem a televisão; Hank diz que ele e a esposa não gostam de televisão (fonte de imoralidade) e que preferem família e igreja. Hank aproveita e pergunta a Amy se já foi à igreja (é um domingo).



Já está estabelecida a antipatia entre os casais. Naturalmente, o episódio se desenrola com a explicitação das desavenças entre Frank e Hank quase chegando às vias de fato.

### **Frank: A rapidez da captação do SP**

No episódio 169, ocorre uma das mais sutis observações sobre temperamento por parte dos roteiristas, captando uma característica do ESTP, mas que se aplica perfeitamente a Frank (ISTP) e também a todos os SP: a rapidez em captar plenamente uma situação; o que os torna impacientes para os detalhes que o interlocutor desejaria contar porque não acredita na incrível rapidez da captação do SP. Do ESTP, diz Keirsey (1984, p. 196): a extraordinária capacidade de percepção de a mínimos indícios que os deixam “several jumps ahead in anticipation of another’s position”.

Na casa de Ray (ELR 169) está, há dias, uma mala de viagem largada no patamar da escada; a razão é que D e R, de volta de uma viagem, estão em um surdo braço de ferro para ver quem cede e desfaz e guarda a mala.

Rb, entra na casa de R e precisa de uma longa explicação para entender o fato; para o SP Frank, literalmente, basta meia palavra. F chega em casa de Ray, D leva as crianças pela escada e avisa para tomarem cuidado com a mala no patamar e R faz uma cara de descrédito ante teimosia e diz: “essa mala está aí há 3 semanas e...”; F atalha: “Nobody wants to be the one to move it. I gotcha”.

Esse “I gotcha” é uma constante dos STP. Muitos STP queixam-se precisamente disto: de serem considerados levianos por interlocutores (cônjuge, amigos, filhos etc.) de outros temperamentos, quando, por exemplo, lhes pedem conselho e pela rapidez da resposta pensam erradamente que o conselho foi dado de forma irresponsável ou se queixam “ele (o SP) não me deixa falar”. Na verdade, o SP inteirou-se da situação de forma extraordinariamente rápida e toma a decisão (presumivelmente acertada) também de forma surpreendentemente veloz, o que deixa desconcertados sobretudo os SJ.

Essa rapidez procede em boa parte do realismo S preparado para aceitar qualquer fato real (o SJ também é realista S, mas “perde tempo” ponderando sobre os valores do fato).

Com essa fina observação de ELR, concluímos este trabalho, que, a partir de um par de amostras, pretende apontar para o potencial heurístico das obras de ficção para a identificação e análise dos tipos de Keirsey.

## Referências

BENTO XVI “São Bento de Núrsia”. Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080409.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf) Acesso em 16-5-2017.

BRILHANTE, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionísios de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: [www.jeanlauand.com/Interprete.pdf](http://www.jeanlauand.com/Interprete.pdf)

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

KEIRSEY, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

MOTHER TERESA of Calcuta *The joy in loving*. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Recebido para publicação em 12-08-21; aceito em 18-09-21

## Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte II: os 4 tipos SJ

Alexandre Medeiros<sup>25</sup>

Enio Starosky<sup>26</sup>

**Resumo:** Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Neste par de estudos, apresentamos uma “galeria” de 8 tipos keirseyanos (os SP e SJ), extraídos desses artigos: pessoas/peronagens que podem ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Nesta segunda parte, os 4 tipos SJ.

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos. temperamento. temperamentos SJ.

**Abstract:** The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. From these articles we extracted the present “Gallery of types” (real people/characters), in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. This part II is on the four SJ types.

**Keywords:** David Keirsey. types. temperament. temperament SJ.

### Enfrentando a dificuldade de discernir tipos keirseyanos em casos concretos<sup>27</sup>

Uma dificuldade frequente dos estudiosos da tipologia de David Keirsey (abreviaremos por DK) é a de discernir e identificar, nas pessoas, os diversos tipos propostos por DK. E não se trata só de pessoas que não se encaixam perfeitamente neste ou naquele tipo, mas mesmo casos que DK considera claramente como representante de determinado tipo, não encontram unanimidade. Por exemplo, se o próprio DK caracteriza Joana D’Arc como emblemática INFP (Keirsey 1984, p. 176), outros não hesitam em identificá-la como ESTP<sup>28</sup> (!?); o site oficial de DK situa Madre Teresa como primeiro exemplo de ISFJ<sup>29</sup>, mas há quem a considere típica INFJ<sup>30</sup>.

Pensando em ajudar o estudioso keirseyiano a “visualizar”, de modo concreto e “encarnado”, os diversos tipos da teoria de DK, organizamos a presente “Galeria de Tipos” SP e SJ, recolhendo as análises que, ao longo de anos, pesquisadores do Grupo de Pesquisas – liderado por Jean Lauand – têm apresentado nesta e em outras revistas do Cemoroc – Centro que se distingue também por acolher pesquisas de qualidade sobre a teoria de DK.

Embora cada título se refira a um dos 8 perfis (SP / SJ que somam mais de 80% da população) é claro que cada tipo se esclarece em contraste com outros, de modo que as análises não são necessariamente “estanques”. Esta parte II é dedicada aos 4 tipos SJ; os 4 SP foram apresentados na parte I, nesta mesma edição.

---

<sup>25</sup>. Doutor em Ciências da Religião – UMESp/SP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

<sup>26</sup>. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

<sup>27</sup>. Esta introdução é comum às 2 partes do estudo. Também mantivemos as mesmas referências bibliográficas.

<sup>28</sup>. <https://grottonetwork.com/keep-the-faith/community/catholic-saints-myers-briggs/>. Acesso em 05-05-2021.

<sup>29</sup>. <https://keirsey.com/temperament/guardian-protector/>. Acesso em 05-05-2021.

<sup>30</sup>. <https://www.16personalities.com/infj-personality>. Acesso em 05-05-2021.

## I – Os 4 Tipos SJ: ISTJ, ESTP, ESFP e ISTP

### 1. O tipo ISTJ em oposição aos (E/I)STP: o *maitre* Fernão, Geraldo Alckmin, O Velho do Restelo x Vasco da Gama.

(extraído de: Jean Lauand e Enio Starosky: “Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II” – Revista Internacional d’Humanitats 45, 2019: <http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirsey.pdf>)

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato sentido no original latino “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis, talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirsey 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirsey 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a

ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”<sup>31</sup>

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apegava à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos Lusíadas um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirse 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêm na gíria ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais apocalípticos: “É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre* do palácio de Buckingham. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

---

<sup>31</sup>. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por assente que o SJ, com sua vocação de cuidar, tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso pode lhes causar. Isso é reproduzido em uma postagem do Facebook do ISTJ Geraldo Alckmin:



Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, Ciro Gomes (27-08) e Bolsonaro (28-08), e do ISTJ Alckmin (29-08); a propósito do estilo inosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (José Simão), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte:

“Vou dar garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...] (<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/>)

### **Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo**

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?  
Por que de mim te vás, ó filho caro,  
A fazer o funéreo enterramento,  
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos  
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do propósito firme começado,  
Determinei de assim nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que, posto que é de amor usança boa,  
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d'aspeito venerando,  
Que ficava nas praias, entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Três vezes a cabeça, descontente,

A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
C'um saber só de experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça  
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atiça  
C'uma aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d'alma e da vida,  
Fonte de desamparos e adultérios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reinos e de impérios:  
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,  
Sendo di[g]na de infames vitupérios;  
Chamam-te Fama e Glória soberana,  
Nomes com quem se o povo néscio engana! (IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado  
Vociferando estava, quando abrimos  
As asas ao sereno e sossegado  
Vento, e do porto amado nos partimos.  
E, como é já no mar costume usado,  
A vela desfraldando, o céu ferimos,  
Dizendo: "Boa viagem", logo o vento  
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

### **1a. Ainda o ISTJ x ISFP: Dom João Mehlmann, Bento XVI, São Francisco x São Bento**

(extraído de: Jean Lauand, Enio Starosky e Sylvio Horta: “Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses” – International Studies on law and Education 28, 2018: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>)

## O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Feitas todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me [autor JL] levaram a procurar o Dr. D. João Mehlmann, um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é

considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnisais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “– Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para

a cela, ele falou-me energicamente: “- Ô, camufla!”. “- ?!?””. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

### ***São Bento de Núrsia***

#### *Queridos irmãos e irmãs!*

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso", [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa". (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, econômicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso

caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirsey diz que os ISTJ são “os guardiães das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

### **O oposto ao ISTJ: Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.**

Antes de falar de São Francisco como ISFP, é importante rever brevemente as preferências F / T; para isso tomo a liberdade de copiar um par de parágrafos do referido artigo anterior.

F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T. Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”  
“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Evidentemente, para as religiões – e para a vida em geral – são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, o papa Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e no recente Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y

confiança. Em alguns casos, ese mesmo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua compaixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tonico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu  
Com Chico Ferreira e Bento  
A jangada voltou só

Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.



Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública,

afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia:



<http://slideplayer.es/slide/1033678/>

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

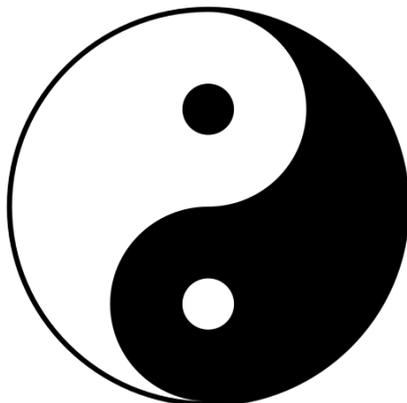
- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

## 2. O ISFJ (e uma possível disfunção) : o Urso (da Masha), Me. Teresa de Calcutá

(extraído de: Chie Hirose e Enio Starosky: “Keirsey, tradicionalismo religioso e educação – o fator T” – Notandum 48, 2018: <http://www.hottopos.com/notand48/143-150ChieEnioDK.pdf>)

(...) Essa aguda colocação de Tomás – sobre a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos – vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito:

Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários. (p. 54).

O que poderíamos, para a oposição de que nos ocupamos, complementar dizendo: “e também amor e justiça, fator F e fator T”. A verdadeira convivência humana se dá na harmonização dos contrários, também no importante âmbito dos temperamentos.

Voltemos às análises de Keirsey: para ele o par F x T é o único para o qual (Keirsey 1990, p. 23) se registra uma distinção de incidência em nossa sociedade: 60% dos homens têm a preferência T e 60% das mulheres a preferência F.

As pessoas que usam a preferência F como base de suas decisões manifestam por vezes que o grupo T são pessoas “sem coração”, “insensíveis”, “frias”, “inacessíveis”, “intelectos que carecem do leite da bondade humana”, “gente que tem gelo nas veias”. Por outro lado, os que se inclinam por decisões impessoais (T) por vezes comentam que o grupo F são pessoas “sem firmeza”, “demasiadamente emotivas”, “sem lógica”, “manteiga derretida” e “coração mole, de gelatina”.

[...]

Uma possível distorção, envolve a disfunção do fator F, como no caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário relembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, *Masha e o Urso*, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ cabal.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) – “Te vejo depois” – traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescadinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a

atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconsolo, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova “afilhada”.

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: "Eles também têm fome". Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

### 3. ESFJ: a personagem Marie Barone de “Everybody Loves Raymond” (ELR)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a SJ Marie Barone” – Notandum 23, 2010: <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>)

Um fato relevante para a compreensão da situação de nossa personagem é o de que o casal Raymond (R) e Debra (D) moram na casa em frente da dos pais de Raymond, Marie (M) e Frank (F) (e o irmão Robert, embora já com seus trinta e tantos

anos, mora com os pais na maior parte dos episódios). As portas não ficam trancadas e os sogros adentram quando bem entendem (e muito frequentemente) a casa de Debra.

Nunca é demais insistir no fato de que os temperamentos em si não são objeto de avaliação moral; um temperamento não é melhor nem pior do que outro: é a pessoa que é santa ou pecadora; generosa ou mesquinha; solidária ou egoísta etc. em qualquer um dos 4 temperamentos ou dos 16 tipos. O temperamento é uma base para as escolhas morais pessoais. Embora, naturalmente, essa base pode, em cada caso, configurar certos defeitos ou modos do defeito “adequados” a cada tipo. Assim, por exemplo, se a impulsividade, própria dos SP é, dentro de certos limites, uma qualidade positiva; a impulsividade exagerada – que contemplamos no artigo dedicado a Frank Barone – é defeito, passível de ser explorado no roteiro.

Assim também os defeitos de Marie, acentuados para efeitos de comédia, não ofuscam o seu temperamento, pelo contrário assentam-se no modo ESFJ; embora, essas mesmas qualidades, em dose normal, sejam positivas. Normais ou exageradas as características do ESFJ se realizam muito bem em Marie. Como as qualidades desse tipo apresentadas em Keirsey (1984, pp. 192-194): sendo os mais sociáveis de todos os tipos, os ESFJ são os principais fomentadores, *nurturers* das instituições (igrejas, escolas etc.), a começar pelo lar, evidentemente. Sempre atentos às necessidades dos demais, procuram que todos estejam bem e integrados, e Keirsey os intitula (1988, p. 110) *providers*.

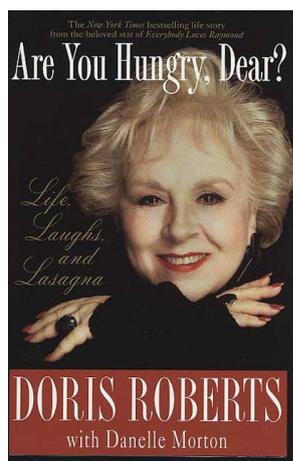
Evidentemente, quando os criadores dos personagens querem criar uma mãe (e sogra que mora em frente!) super-protetora, controladora e invasiva, não há dúvida, que deva ser uma ESFJ:

These Providers take their role as family provider seriously, in both material and a moral sense. They provide a sound and safe home, good food, nice clothes, and a store of possessions. But they are also conscientious about home responsibilities, are orderly about the house, and prefer the other family members be the same. In addition, they have a strong set of values with clear shoulds and shouldn'ts, which they expect their family to abide by. Providers want family decisions settled quickly and with little fuss, and they want family living regularly scheduled and correctly executed. They do not rebel against routine operations, are devoted to the traditional values of home and hearth, and are the most sympathetic of all the types. (Keirsey 1988, p. 112)



Se Marie é extremamente cuidadosa e eficiente na limpeza, arranjo e ordem do lar, é na cozinha que sua excelência se torna incomparável e é sua principal arma de controle sobre o marido e os filhos. Quando a atriz Doris Roberts lança sua autobiografia, o título é precisamente: “Are you hungry, dear?”, o bordão da

personagem, invariavelmente repetido como saudação a cada vez que Raymond entra na casa dos pais (muitas vezes, atraído precisamente pela comida preparada pela mãe).



Essa excelência como *provider* do lar é usada por Marie para legitimar os atropelos sobre o espaço da nora Debra, que por mais que se esforce, é incapaz de cozinhar e não é páreo para Marie no que diz respeito ao cuidado da casa. É frequente vermos a sogra Marie (sem pedir licença) limpar a geladeira de Debra, (re-)lavar as roupas dos gêmeos, (re-)dobrar as camisas, levar jantares de surpresa para a casa da nora (e removendo o jantar já servido por Debra) etc.

As tensões familiares que alimentam a série ELR são asseguradas pela construção da personagem Debra, também como SJ (ESTJ) e ciosa de seus deveres de dona de casa, que se enfurece ante a incontestável superioridade das qualidades da sogra. Qualidades que constituem o próprio eixo da personalidade do ESFJ:

They need to be needed, loved, and appreciated and may spend much energy reassuring themselves that this is the case. They can become melancholy and depressed and even suicidal if they take the blame for whatever might be wrong in their institution or their personal relationships – as they are prone to do. (Keirsey 1984, p. 193)

### ***The Shower*, episódio 21 da 7ª. temporada**

Há sequências nesse episódio que resumem essas qualidades de Marie, além de outras, como esta que Keirsey atribui às ESFJ:

“They enjoy the rituals connected with serving of good food and beverages, thrive on festive occasions” (Keirsey 1984, p. 193)

Nesse antológico episódio, Debra, encarregando-se de tudo, promove um chá de cozinha no apartamento de Amy, que vai se casar com Robert. Marie, ciente de sua superioridade, mesmo sabendo que é Debra quem está dando a festa, não tem a menor preocupação em atropelar publicamente a nora:

**Debra:** (com a bandeja entre as convidadas) Okay, everybody, who wants a pizza bagel?

[Judy, a parceira durona de Robert na polícia (uma ESTP com “espontaneidade” rude), serve-se de diversos pedaços da mini-pizza]

**Judy:** All right, pizza bagels!

[De repente, surge Marie, que preparou os mais refinados aperitivos italianos]

**Marie:** And I made prosciutto e melone.

**Judy:** All right, prosciutto e melone!

**Debra:** Marie, I told you I was taking care of the food.

**Marie:** (ignorando Debra) I know, dear. Oh, save room, everyone. I also have insalata caprese.

**Judy:** Oh, insalata caprese! (devolvendo as mini pizzas de D) Sorry.



**Marie:** (oferecendo de sua bandeja para Debra) Don't eat that. Have one of these.

**Debra:** (contendo a raiva) Marie, you know, I've been planning this shower for weeks. I'm the matron - I'm the shower thrower.

**Marie:** Of course, dear, but it's only natural for me to want my new daughter-in-law to have the finest Italian appetizers.

**Debra:** I've got it covered, okay?

**Marie:** Oh. Oh, I know what's bothering you. Don't worry. I'll always have plenty of time for my old daughter-in-law.

(...) [Marie continua alfinetando Debra quanto à qualidade e a animação da festa... e assumindo faticamente o posto de organizadora]

**Marie:** Oh, I know - bridal bingo.

**Debra:** No, that's for later, Marie.

**Marie:** Well, I'll just help get them ready.

**Debra:** Marie, I said no. (...) Are you not getting it, Marie?

**Marie:** I'm just trying to help.

**Debra:** I don't need your help. I know you think I can't survive without you, but I can. I don't need you!

[Debra acaba de atingir o ponto mais sensível de Marie como ESFJ]



[Marie, retira-se visivelmente ofendida]

**Marie:** Excuse me, everyone. I just would like to say my goodbyes.

**Pat:** Don't go, Marie.

**Marie:** Oh, that's all right. It was wonderful seeing you again. And, Amy, I love you. Have a wonderful party. Good night, everyone.

As cenas seguintes desse nosso episódio também trarão significativas tiradas sobre Marie. A partir da apreensão da carteira de motorista de Debra. Aborrecida com o fato de Marie ter estragado sua festa, bebe um pouco demais, estaciona na rua e cochila no carro, e é abordada por um policial (em Nova York, se a chave estiver no contato, mesmo com o carro estacionado, o motorista pode ser submetido ao bafômetro e autuado) e tem sua carteira retida por um mês.

Mas antes, explicitemos brevemente outras características de Marie.

Marie sempre informada de tudo (“ESFJs show a delightful fascination with gossip... and they're happy to fill us in on all the details” – Keirse 1988, p. 111) aproveita para aplicar suas técnicas de controle e “enquadramento”: afirmar negando ou perguntando; falando “genericamente” de pontos concretos; desfazendo sutilmente formulações atenuantes etc.) e sobretudo para recuperar seu ponto mais essencial: “to be needed”.

Claro que Marie nunca se considerará uma fofqueira, mas simplesmente uma boa mãe. E como os filhos, mesmo na casa dos 40, são sempre considerados “menores de idade” e (como os familiares em geral) incapazes, ela se considera responsável (e não esqueçamos que a responsabilidade é o valor supremo para os SJ) e deve exercer vigilância, mesmo que implique em invasão de privacidade: “A good mother checks”, responde ela no episódio 57 a um Robert indignado ao descobrir as bisbilhotices da mãe.

Marie não hesita em, às escondidas, cheirar as roupas de Robert para ver se andou fumando, em espionar seu namoro com Amy (Marie é conservadora em matéria de sexo, como, em geral as SJ de sua geração), em ler os diários dos filhos adolescentes, em remexer as gavetas (mesmo as trancadas) de Debra, para “comprovar” que a nora gasta demasiado em supérfluos e frivolidades; etc.

Outro ponto comum aos ESFJ é assim expresso por Keirse:

ESFJs can cause others undue tension by expressing anticipations of gloom and doom, exhibiting a bent toward the pessimistic that can be contagious. They need to control their fears that the worst is sure to happen and suppress their tendency toward crepe-hanging and anticipating disasters. (Keirse 1984, p. 193)

É claro que essa tendência a antecipar desastres reforça a necessidade de ser uma mãe superprotetora. No episódio 3 da 2ª. temporada, encontramos uma das mais cômicas cenas de toda a série. Raymond e Robert, recordando sua adolescência, lembram dos cuidados de Marie em trancar as pastilhas Valda, para que os filhos não tivessem acesso a elas, que representavam para Marie um primeiro passo no caminho das drogas (mesmo naquela época em que as drogas eram muito menos difundidas) [...]

Mas, voltemos ao episódio *The Shower*, quando Debra volta da delegacia:

**Marie:** Oh, thank God! Are you all right?

**Debra:** Yeah, I'm fine, Marie. I'm just a little tired.

**M:** Oh, I just want you to know that in this family, whatever our differences, we stand together... no matter what you've done, no matter how much shame you've brought upon us. What did you do?

**D:** You know, nothing. It was just a minor traffic... misunderstanding.

**M:** Thank God. (cochichando para R:) What did she do?

**R:** Nothing. She took a nap in the car, that's all.

**M:** I don't understand. Why would they arrest her for that?

**D:** I just took a little nap because I didn't want to drive.

**M:** Why not?

**D:** Because I had a little too much champagne.



**M:** Drunken driving! Oh my God! Drunken driving! Oh, this is so awful! Now it all makes sense. The messy house, the kids running around filthy, the way she talks to me. It's all clear now. (...)



(Raymond ao saber por Robert que a carteira de D está cassada)

**R:** Wait a minute, wait a minute. What-what-what about the errands and the kids and all their crap? Oh no! Why does this happen to me?

**D:** I'll figure something out, Ray.

**R:** How? By the way, I'm going on the road with the Mets. Somebody's gotta drive you and the kids around.

**F:** I'll do it. She can tell me about the Big House [prisão] .

**R:** We don't like you driving the children, Dad.

**F:** Why, because I tell it like it is?

**R:** Well-well, how about you, Ma?

**M:** Of course I'll drive Debra... *if she needs me*. Will Debra say she needs me?



**D:** Thank you, Marie. It's a very generous offer.

**M:** And?

**D:** And I accept because I... need you.

**M:** Happy to do it. Good night.

Há muitos outros aspectos na construção ESFJ do personagem (todo o imenso tema da “pedagogia da culpa”, por exemplo); neste artigo, limitamo-nos a apontar alguns poucos, como indicação da correlação da tipologia de Keirsey com os protagonistas de ELR.

#### **4. ESTJ: a personagem Debra Barone de “Everybody Loves Raymond” (ELR)**

(extraído de: João Sérgio Lauand: “Debra Barone à Luz de Keirsey” – Revista Internacional d’Humanitats 21, 2011: <http://www.hottopos.com/rih21/P41a50.pdf>)

##### **A ESTJ Debra**

Um fato relevante para a compreensão da situação de nossa personagem é o de que Raymond e Debra moram na casa em frente da de Marie e Frank (e Robert, embora já com seus trinta e tantos anos, mora com os pais na maior parte dos episódios). As portas não ficam trancadas e os sogros adentram quando bem entendem (e muito frequentemente) a casa de Debra.

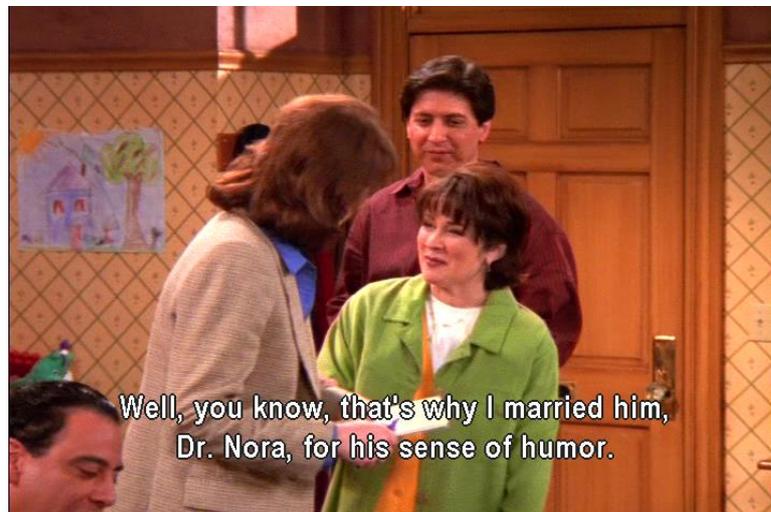
A criação de cada personagem foi estudada de modo a criar tensões cômicas na articulação com os demais: Debra, como ESTJ, responsável e ciosa dos deveres próprios e dos demais (sobretudo marido e filhos), é casada com um cônjuge “oposto”: Raymond, o imaturo ESFP, preocupado em viver uma boa vida e fazendo piadas que divirtam e encantem os demais. Se os choques de convívio com o marido dão-se pela complementaridade dos temperamentos; os conflitos com a sogra, pela similaridade: sendo ambas SJ, Marie vai competir com Debra como dona de casa e mãe de família modelo; alfinetá-la continuamente mostrando-se superior na cozinha e no cuidado da casa; etc.

Debra realiza cabalmente o que Keirse diz dos ESTJ:

Sociable and civic-minded, Supervisors are usually pillars of their community. They are generous with their time and energy, and very often belong to a variety of service clubs, lodges, and associations, supporting them through steady attendance, but also taking a vocal leadership role. Indeed, membership groups of all kinds strongly attract ESTJs, perhaps because membership satisfies in some degree their need to maintain the stability of social institutions (Keirse 1988, p. 105).

Assim, vemos Debra competir com Marie (também SJ) na realização do ritual do dia de “Ação de graças” (1ª. temp., epis. 10), zelando pelas tradições do próprio lar; ao contrário do marido SP, dá extraordinária importância às reuniões de pais na escola (2ª. temp., epis. 2); administra com perfeição as contas da casa (2ª. temp., epis. 16 – neste episódio, o SP Ray é um desastre quando assume as contas da casa por um mês); valoriza extremamente a cerimônia de casamento; participa ativamente das associações da igreja e da escola; etc.

O casal Debra-Ray é de um grande realismo: falando do interesse de casamento da(o) ESTJ (Keirse 1984, p. 77), Keirse diz que precisamente pelo anseio por preservar o *establishment* familiar e social, pelo gosto pelo equilíbrio e estabilidade, a(o) ESTJ “is attracted to the disestablishmentarian, the ISFP” ou, poderíamos acrescentar, na falta deste tipo raro, seu próximo mais frequente: o ESFP. Em qualquer caso, um contraponto, uma válvula de escape para a contínua tensão de responsabilidades que o ESTJ acumula. É o caso de Debra e Raymond, que, por sua vez, como ESFP “wants to be settled down by this very stable and responsible person [I(E)STJ]” (Keirse 1984, p. 76).



Claro que esses encantos, com o passar dos anos, tendem a se desvanecer e, ao sabor da rotina, Debra manifesta, especialmente para com as “infantilidades” de Raymond, a impaciência e irritação típica dos ESTJ, ante a negligência dos demais para com seus deveres:

Highly materialistic and concrete, ESTJs believe the table of particulars and the manual of standard operating procedures are what count, not speculation and experimentation, and certainly not fantasy. They keep their feet firmly on the ground and make sure that those under their supervision do the same, whether employee, subordinate, offspring, or spouse for that matter. If others wish to fool around and daydream, fine, as long as they do it on their own time-which means after the job is done. But if they fritter away their time while on duty, they should not be surprised when the Supervisor calls them on the carpet. The top sergeant will not put up with such nonsense (Keirsey 1988, p. 105).

Mas no quadro geral da série, o papel de Debra é o de ser a personagem de comportamento normal (e este fato não é alheio a seu temperamento ESTJ, o mais “normal” de todos os tipos), referencial de senso comum em contraste com as esquisitices do cunhado Robert (com seus cacoetes, instabilidades comportamentais e que vive se comparando com Raymond, para quem tudo dá certo e sempre se sai bem, enquanto ele, Robert, só se dá mal em tudo na vida); da sogra Marie (ostensivamente controladora, super-mãe e super-sogra) e do sogro Frank (grosseirão, que passa a vida vendo TV e comendo – sujando-se com a comida – e sem nenhum reparo em ir em cuecas apanhar o jornal na rua).

É o que vemos no primeiro episódio da 6ª. temporada: “The angry family”. Toda a família vai à escola para assistir a uma apresentação de alunos, na qual o pequeno Michael, recém alfabetizado, lê para a plateia de pais e mestres, a historinha que escreveu:



“The Angry Family”

“The daddy was mad at the mommy.

The mommy was mad at the daddy.

[os assistentes olham para os constrangidos Barone]

The mommy and daddy were very mad at the grandpa.

The grandma got mad at everybody.”

**Marie:** I did not!

“The grownups were always very loud. It hurt the kids' ears. The end.”

Em casa, os desolados Barone, conversam sobre o assunto. Marie tenta jogar a culpa em Debra: “Como você o deixou escrever aquilo?”. Debra responde que Eileen deixa as crianças com total liberdade. Raymond, sempre omissivo, pergunta quem é Eileen... e Debra, irritada, responde que é a professora de Michael!

Ante a tenebrosa imagem que o menino tem dos pais e avós, começam as acusações mútuas:



Naturalmente, a professora Eileen chama Ray e Debra no dia seguinte para discutir “o caso”. Ante as esfarrapadas desculpas e disparatadas alegações de Ray e os nervos de Debra, Eileen se convence de que a história escrita por Michael é verdadeira e sugere acompanhamento profissional. É quando Debra explode e desabafa explicando para a professora o que são os Barone:

Eileen...

you have no idea what I have to put up with.

When I got married, I didn't just get a husband, I got a whole freak show that set up their tent right across the street.

And that-that would be fine, if they stayed there.

But every day, every day they dump a truckload of their insane family dreck into my lap.

How would you like to sit through two people in their 60s fighting over who invented the lawn?

The lawn!

And then the brother...

[imitando os cacoetes de Robert]

"I live in an apartment. I don't even have a lawn. Raymond has a lawn."

But you can't blame him when you see who the mother is. She has this kind of sick hold on the both of them.

And the father's about as disgusting a creature as God has ever dropped onto this planet.

So no wonder the kid writes stories!

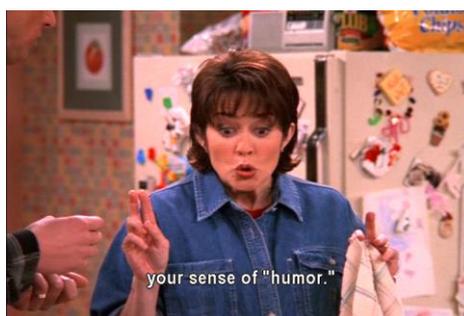
I should be writing stories. My life is a Gothic novel, and until you have lived in that house, with all of them in there with you day after day, week after week, year after friggin' year, you are in no position to judge me!

No término do episódio, quando finalmente ouvem Michael, descobrem que a “angry family” não era sua família, mas, na verdade, uma ficção inspirada no desenho animado: “Monster Maniacs”...



A normalidade da ESTJ Debra (pelo menos quando os sogros não a tiram do sério) é mesmo o tema do episódio 21 da 1ª. temporada: “Fascinatin’ Debra”. Debra conversa por telefone com a famosa psiquiatra Dra. Nora Sarasin em seu programa de rádio, expondo-lhe alguns problemas domésticos. Terminado o programa, Debra, eufórica, recebe um telefonema da Dra. Sarasin, marcando uma entrevista com ela, na casa de Debra, para o dia seguinte. Ela está escrevendo um livro sobre a família e vê em Debra a típica dona de casa, espécie em extinção...

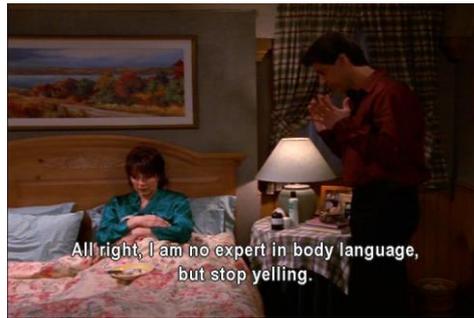
Preparando-se para a vinda da psiquiatra, Debra, afetadamente, esforça-se por passar uma imagem maquiada, “adequada” e “correta” da casa e da família, prevenindo Raymond para que evite, ao menos nesse dia, suas constantes piadinhas.



Mal começada a entrevista, entram na casa (como sempre, sem avisar) os demais Barone. E a Dra. Sarasin, para desespero de Debra, fica fascinada com as esquisitices deles e esquece-se da normal ESTJ, dedicando toda a atenção a Frank, Marie, Robert e às piadinhas de Raymond...



Debra ofuscada pela “naturalidade” dos Barone, que “roubaram a cena” com a psiquiatra, fica deprimida e inconsolável: ela não é uma pessoa interessante!



**Debra:** Dr. Nora was supposed to be here for me... not your family, and by the end, she didn't even know I was in the room. (...)

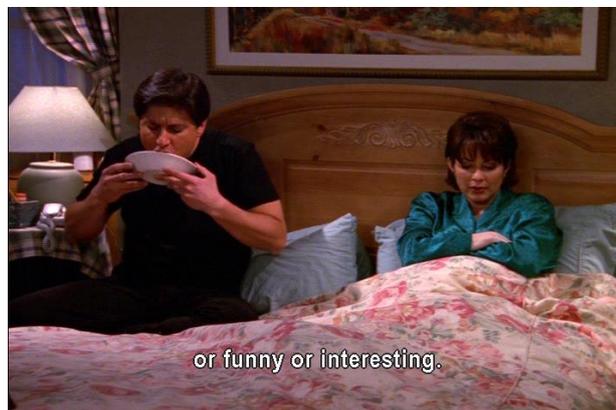
**D:** Dr. Nora thought I was boring.

**Ray:** You're not boring, **you're normal**. That's good. Growing up in my family, I prayed for normal every night. Then I'd fall asleep to the sound of my brother naming his toes. There was Fat Tony, Jimmy the Weasel... Billy Stretch, and Tastes Bad.

**D:** Ray, I was so excited that Dr. Nora was coming here... but there's no way I could follow the dysfunctional family circus.

**R:** You should have went on before them. Maybe if you'd been yourself, Dr. Nora would've been more interested. - What did you go put on a big act for?

**D:** Because I am boring. There's, you know, nothing about me... that's, you know, like, quirky... or funny or interesting. What are you doing?



**R:** There's a little left in there. I'm sorry.

**D:** No. See, that's exactly my problem. I don't do that: lick the bowl! I mean, that's the kind of great weird stuff you freaking guys do all the time.

Naturalmente, há muitos outros aspectos a explorar na personagem ESTJ (como a discussão do papel da mulher na série, a necessidade de segurança, os ciúmes, o modo de lidar com a opinião alheia sobre ela etc.); aqui, detivemo-nos em alguns poucos, sobretudo na normalidade, celebrada (silenciosamente) pelos outros tipos na

sentença final de Ray: “Look at all of us. We need a normal one. That's why I married you.”

## Referências

BENTO XVI “São Bento de Núrsia”. Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080409.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf) Acesso em 16-5-2017.

BRILHANTE, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: [www.jeanlauand.com/Interprete.pdf](http://www.jeanlauand.com/Interprete.pdf)

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Compreendê-me*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

KEIRSEY, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

MOTHER TERESA of Calcuta *The joy in loving*. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Recebido para publicação em 12-08-21; aceito em 18-09-21

## “Verdade”, justiça ou misericórdia na religião? Keirsey, o fator T no tradicionalismo religioso e a educação

Chie Hirose<sup>32</sup>  
Enio Starosky<sup>33</sup>

**Resumo:** O artigo discute o discurso do tradicionalismo religioso no Brasil de hoje, focando em suas relações com o fator T (em oposição ao fator F) da tipologia de David Keirsey.

**Palavras Chave:** tradicionalismo religioso. David Keirsey. fatores T e F educação. cultura das relações.

**Abstract:** This article discusses Brazilian contemporary religious traditionalism – in the new right-wing movements – focusing on the preference T (in opposition to F) in Keirsey's typology.

**Keywords:** Brazilian religious traditionalism. preferences T and F. David Keirsey. education.

### Os fatores T e F de Keirsey

Em estudo anterior (<http://www.hottopos.com/rih43/index.htm>) discutíamos alguma relação entre a preferência J, na tipologia de Keirsey, e o conservadorismo religioso. Neste artigo, discutiremos a possível relação entre este e o fator T, do par T x F, proposto por Keirsey.

Começemos por recordar o que são F e T, recolhendo a breve apresentação que desses fatores faz Lauand (2018, 27 e ss.)

As preferências F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão. [...]

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral

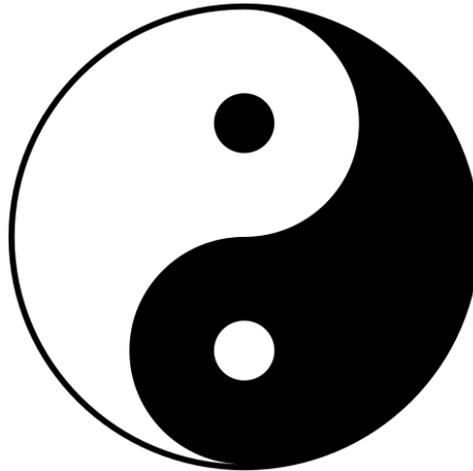
---

<sup>32</sup>. Doutora e Pós doutora em Educação pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

<sup>33</sup>. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e Doutor em Ciências da Religião nessa mesma universidade. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. É autor de “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey” Santo André: Kapenke, 2020.

que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

Essa aguda colocação de Santo Tomás – sobre a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos – vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito:

Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários. (p. 54).

O que poderíamos, para a oposição de que nos ocupamos, complementar dizendo: “e também amor e justiça, fator F e fator T”. A verdadeira convivência humana se dá na harmonização dos contrários, também no importante âmbito dos temperamentos.

Voltemos às análises de Keirsey: para ele o par F x T é o único para o qual (Keirsey 1990, p. 23) se registra uma distinção de incidência em nossa sociedade: 60% dos homens têm a preferência T e 60% das mulheres a preferência F.

As pessoas que usam a preferência F como base de suas decisões manifestam por vezes que o grupo T são pessoas “sem coração”, “insensíveis”, “frias”, “inacessíveis”, “intelectos que carecem do leite

da bondade humana”, “gente que tem gelo nas veias”. Por outro lado, os que se inclinam por decisões impessoais (T) por vezes comentam que o grupo F são pessoas “sem firmeza”, “demasiadamente emotivas”, “sem lógica”, “manteiga derretida” e “coração mole, de gelatina”.

### A religião e as preferências pessoais

A sentença acima de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião).

É perfeitamente natural e legítimo que uma pessoa tenha suas preferências religiosas: que seu modo de ser se ajuste melhor a esta ou àquela denominação e, mesmo dentro de uma mesma igreja, seja mais atraída por este ou por aquele aspecto: da doutrina, da liturgia, da pastoral, do modo como viver o amor ao próximo etc. Em recente estudo de nosso grupo de pesquisas (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>), víamos como na mesma igreja, São Francisco de Assis e São Bento de Núrcia, dois extraordinários expoentes do catolicismo tinham modos de ser (e de viver genuinamente a religião) totalmente diferentes: este um ISTJ cabal; aquele um ISFP irretocável. E os dois são grandes santos que a Igreja propõe como exemplos e modelos para seus fiéis. Como lembra o Prof. Lauand, quando Cristo diz “Eu sou o caminho”, a palavra semita para caminho (*derek* em hebraico, *táryq* em árabe) não se refere a um caminho de ferro como o dos trilhos do trem, literalmente bitolado, nem sequer a uma rodovia pavimentada, como a via Dutra, mas ao caminho que cada um faz a seu modo, imitando o Mestre:

O Oxford English Dictionary (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês *way*: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela estrada de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho - Jo 14,6) é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way* (Lauand 2016, p. 150)

Dizíamos ser perfeitamente legítimo que cada um tenha suas preferências na religião. Mas, para nossa análise, é importante uma distinção feita por Marías (1995, p. 16) e que pode ajudar-nos a compreender possíveis desvirtuamentos da religião, também com base nas preferências keirseyanas.

Marías começa por lembrar o óbvio: o cristianismo é uma religião! E o problema de nosso tempo é que o “cristianismo tende a não funcionar primariamente como *religião*, mas como outras coisas que *também é* (ou pode ser): moral, ideologia, interpretação da realidade, princípio de convivência, fundamento de uma sociedade, instrumento de poder...”. Perde-se e desvirtua-se a perspectiva da fé: “(Deus) é tomado como ‘ponto de partida’ para ir a outras coisas, que são as que **verdadeiramente interessam**” (1995, p. 16, grifo nosso).

Esse desvirtuamento pode se dar de diversas formas: desde as aberrações “religiosas”, do tipo Ku Klux Klan ou Estado Islâmico, até a modos mais sutis e menos perceptíveis.

O recente filme “Silêncio” de Martin Scorsese, baseado no romance de mesmo nome do escritor japonês católico Shūsaku Endō, publicado em 1966, que analisa aspectos da conversão (e martírio) dos japoneses no século XVII e discute a questão de se por trás da incrível coragem para o martírio naqueles neófitos há verdadeira fé ou antes um apego supersticioso a símbolos da fé: imagens, estátuas, crucifixos, rosários ou até aos próprios padres. É a “fé” que se dá no pântano, onde o cristianismo não pode criar raízes, como adverte o sádico Inquisidor Inoue ao jesuíta Rodrigues.



Será que todos aqueles que praticam “devoções”, pagam promessas, ou “idolatraram” a Bíblia (ou pastores...) estão querendo viver verdadeiramente a religião cristã.

### **O fator F e o servir religioso (e uma possível disfunção)**

Uma dessas distorções, envolve a disfunção do fator F, como no caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário lembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, *Masha e o Urso*, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ cabal.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) – “Te vejo depois” – traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescidinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconsole, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova “afilhada”.

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das

crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: “Eles também têm fome”. Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

### **O fator T na religião: a “defesa da verdade”**

A citada sentença de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião). Em outro artigo de nosso grupo de pesquisas, tipificávamos essas atitudes, nas emblemáticas figuras dos dois papas da atualidade:

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”. (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>).

Multiplicar-se-ão, *ad infinitum*, as discussões entre os T e os F, os embates entre Verdade e Justiça, de um lado; Misericórdia e Compreensão, do outro. Sempre na chave: “sim, mas...”: - O Evangelho diz: “Quero misericórdia, não sacrificio...” (Mt 9, 13). - Sim, mas diz também: “É a verdade que vos libertará” (Jo 8, 32). - “Atire a primeira pedra...” (Jo 8,7). “- Não sairás do cárcere dali enquanto não pagares o *último ceitil*.” (Mt, 5, 26) Etc. etc. etc. Em ambos os casos, trata-se de um reducionismo simplista, no qual se abdica da visão do todo e da complexidade própria da realidade cristã, instalando-se numa “cômoda” interpretação ao gosto de cada qual. Na contra mão do principal fator de sobrevivência do cristianismo: sua resiliência e capacidade de arraigar-se nas mais distintas culturas, épocas e tipos de personalidade.

Como na exaltada entrevista do pastor Silas Malafaia a Mônica Iozzi (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>), que indagou sobre sua suposta homofobia:

Mônica – O senhor acha que os gays vão para o inferno?

Malafaia – Eu não acho eu tenho conceitos bíblicos! [...] Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: a Bíblia que fala que Deus ama, é a mesma Bíblia que diz que vai botar o homem no inferno.

Mônica – Mas Ele também fala: “Ame ao outro como a si mesmo...”

Malafaia – O mesmo Deus que fala sobre amor, lança o homem no inferno.

Mônica – Preconceito é pecado.

Malafaia (cada vez mais agressivo) – [...] Eu não tenho preconceito, eu tenho conceito firmado.

“Conceitos”, “conceitos bíblicos”, essas expressões tão caras ao radicalismo T de um Malafaia, são contestadas em sua própria existência por Lauand (2016, 90-91), Cristo nunca estabeleceu nenhum conceito:

*Amthal* (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Ainda nas disfunções de uma hipertrofia T ao conceber o cristianismo, diz Julián Marías (1998, p. 230-231):

A parálise que sobreveio à teologia católica desde o séc. XVII – o declínio de sua inspiração desde muito antes – é algo que por fim hoje se tornou muito evidente e se compreende que sua causa foi esse mesmo espírito inquisitorial, **a obsessão com o erro**, o quimérico empenho em fazer ciência sem se equivocar. O caminho já tinha sido preparado pela hipertrofia dogmática, pela consideração da religião como algo que se dirige primária e quase que exclusivamente à inteligência e que **se realiza em enunciados** – verdadeiros ou falsos. [...] A mentalidade jurídica, que tem dominado excessivamente a religião, tem deformado muitas coisas. A religião não é algo que se possa aplicar como um código [...] (grifos nossos)

Nesse contexto, a difícil missão da Educação é a de – entre um dos pais que “puxará” para seu lado T, enquanto o outro o fará para seu lado F; entre uma corrente da Igreja e outra que se digladiam na mesma falsa dicotomia – criar um ambiente de liberdade que permita a cada um, como diz Marías, **viver** o cristianismo, proporcionando o estar à vontade, de quem está em casa “livremente, na confiada e segura instalação amorosa dos filhos da casa” (*ibidem*, p. 230).

Nisso, como em tudo, a dificuldade da Educação – e ao mesmo tempo sua grande missão – é a de abrir-nos horizontes, que nos façam ver o valor humano para além de nossas próprias idiossincrasias e reconhecer o enriquecimento que é propiciado pelos valores que radicam no Outro, sem o empequenecimento de “achar feio o que não é espelho”.

Ou como redondamente diz Morin:

Efetivamente, a complexidade não é somente o fato de que tudo está ligado, de que não se podem separar os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, de que, nós somos seres de desejo, seres econômicos, seres sociais, etc., de que tudo está ligado – aliás, a era planetária é aquela em que tudo está ligado – , mas é além do mais a idéia de que conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles, por meios racionais. Isso faz parte da minha concepção da complexidade. Do universo e do homem” (MORIN, 2002, p. 58).

## **Referências**

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. **Por favor comprêndeme**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990.

LAUAND, Jean **Revelando a linguagem**. São Paulo: Factash, 2016.

\_\_\_ (org.) **Uma introdução à tipologia de David Keirse**. São Paulo: Factash, 2018.

MARÍAS, Julián. **Problemas del cristianismo**. Planeta-DeAgostini: Madrid, 1995.

MARÍAS, Julián. **Sobre el cristianismo**. Planeta: Madrid, 1998.

MORIN Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

Mother Teresa of Calcuta **The joy in loving**. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Recebido para publicação em 13-07-20; aceito em 11-09-20

## Um notável ENFP: Paulo Ferreira da Cunha<sup>34</sup>

João Sérgio Lauand<sup>35</sup>

**Resumo:** Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Este artigo soma-se ao esforço de ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Neste estudo, apresentamos uma descrição de um notável ENFP – o Doutor Paulo Ferreira da Cunha.

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos. ENFJ. Paulo Ferreira da Cunha.

**Abstract:** The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. This article is part of the project of Cemoroc in presenting analysis of real people, in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. Here is contemplated the ENFP – Doctor Paulo Ferreira da Cunha.

**Keywords:** David Keirsey. types. ENFP. Paulo Ferreira da Cunha.

Estou tentando lembrar quando foi a primeira vez que encontrei o Doutor Paulo Ferreira da Cunha. Deve ter sido há uns quinze anos, não me lembro exatamente. O que sei com certeza é que foi uma dessas gratas surpresas que meu irmão, Jean, me proporciona de vez em quando. Sendo Professor Titular da USP, trava contato com vários colegas e orientandos, em nosso país e fora, e um belo dia me apresentou seu amigo, o Doutor Paulo. Penso que o contato frequente a partir de então, a amizade que se estabeleceu em encontros, conferências, almoços, me permitem referir-me a partir de agora ao meu amigo sem a colocação do Doutor, nem nenhum dos seus outros inúmeros títulos, à frente do seu nome.

Desde o início fiquei muito impressionado com sua cultura, conhecimento e simpatia. Os vários almoços ao longo destes anos para matar saudades e tratar de assuntos vários, esta parte mais com o Jean do que comigo, sempre foram e são muito agradáveis. Por eles já passaram vários personagens e lugares, juntamente com opiniões e impressões. Estiveram presentes o velho do Restelo, as Universidades de Marrocos, da Ucrânia e tantas outras, opiniões sobre personagens da política brasileira, os usos e costumes de nossos irmãos portugueses, de suas aldeias, a diferença entre o “você” português e o nacional, várias indicações de filmes a que tinha assistido – em geral, na viagem de avião – e mais um sem número de assuntos,

---

<sup>34</sup>. A pedido dos editores, publico neste volume de ISLE este artigo (versão ligeiramente modificada de meu capítulo em: LAUAND, Jean, CAETANO, João Relvão **Pensar, Ensinar e Fazer Justiça** – Estudos em homenagem a Paulo Ferreira da Cunha; Santo André: Kapenke, 2020). Ao analisar concretamente um dos 16 tipos (o ENFP) propostos por David Keirsey, este estudo vem se somar ao rico inventário que o Centro está reunindo nesse sentido em suas revistas: neste mesmo volume, Alexandre Medeiros e Enio Starosky agrupam – em duas “Galerias de Tipos” – 8 tipos keirseyanos (os 4 tipos SP e os 4 tipos SJ) já contemplados em revistas do Cemoroc.

<sup>35</sup>. Doutor em Psicologia e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

que seria difícil recordar aqui, não pelo gosto que produziram em seu momento, mas pelas limitações da memória. Saio sempre com alguma lembrança que me faz viajar brevemente ao saudoso Portugal: um Porto, um Singeverga, um CD com os sons de uma guitarra portuguesa, uma aquarela.

Por tudo isso é possível ter ideia da alegria que senti ao saber que meu amigo fora nomeado para a mais alta Corte de Justiça de seu país. Alegria sim, orgulho e, por que não dizer, inveja de ele não ser de nosso país, mesmo sendo tão brasileiro. Sua cultura, competência e caráter seriam muito bem-vindos em qualquer lugar e especialmente aqui.



Tomada de posse de Paulo Ferreira da Cunha e Fernando Jorge Dias, novos juízes do Supremo de Portugal (<https://www.stj.pt/?p=10632>)

Foi pensando nisso que me uni às justas homenagens que o Cemoroc vem lhe prestando. Como tenho estudado, desde meu doutoramento, um pouco das teorias de personalidade de David Keirse, ocorreu-me escrever um breve artigo esboçando o “tipo” de meu amigo Paulo e ressaltando algumas de suas características à luz dessas teorias.

É oportuno recordar desde o início que se trata de mais uma tentativa de compreender, da melhor forma possível, ainda que sempre imperfeita, o comportamento humano. Procura estabelecer um tipo psicológico a partir de quatro pares de características. Misturando os resultados chega-se a quatro temperamentos básicos, que se subdividem um pouco mais chegando a dezesseis possibilidades. Como não há seres humanos iguais e como temos a experiência de mudar alguma coisa ao longo da vida e das circunstâncias o melhor que se consegue é uma aproximação. Mas os resultados costumam ser significativos e a prova disso é nos vermos na descrição que se obtém.

Vai ser sempre uma tentativa de definir, ou seja, encontrar fins e limites. No caso do Paulo, com sua personalidade aberta ao mundo, de inúmeros aspectos, ilimitada, a meta de encontrar limites é desde o início uma tarefa frustrada. Paulo é entre outras características, jurista, professor, filósofo, pensador, juiz, poeta e pintor. Mas vamos empreendê-la mesmo assim. Mas está longe de ser o estudo que sua figura merece e com certeza terá: com o suficiente estudo e elaboração. O que fazemos aqui, como fica dito, é um breve esboço para justificar seu perfil psicológico de acordo com o autor americano.

Nas teorias de Keirse, para os leigos uma sopa de letrinhas (que procurarei “traduzir”), a primeira divisão é entre as pessoas com tendência ao realismo ou ao imaginativo, designadas por ele como S ou N, e o Paulo está entre estas últimas. Se fosse S teríamos que buscar a próxima letra em J ou P, propensas a decisões tomadas ou abertas às possibilidades. Sendo N, recorreremos ao par F ou T, predominância de

sentimentos, F de *feeling* em oposição à preferência pelo frio *Sachverhalt*, a situação “objetiva” (T de thinking). Chegamos assim, no nosso caso, ao tipo NF, chamado pelo autor de Idealistas, em oposição ao NT, racionais.



Paulo Ferreira da Cunha no No XII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia & Educação (2012) Jornal da USP <http://www.imagens.usp.br/?p=11229>

Em seu livro *Please Understand Me II*, Keirseey faz a descrição dos NF:

“Como os Idealistas de Platão e os Éticos de Aristóteles são abstratos nas comunicações e cooperadores no modo como implementam suas metas, querem estudar sobre as humanidades, interessam-se por moral e trabalham bem com o pessoal. Tendem a ser altruístas, crédulos, místicos. Localizam-se nos caminhos e olham para o amanhã. Baseiam sua autoimagem em ser considerados, empáticos, benévolos e autênticos. Com frequência são entusiastas, confiam em sua intuição, desejam o romance, buscam a identidade, valorizam o reconhecimento e aspiram à sabedoria. No campo intelectual, são propensos a praticar a diplomacia muito mais que a estratégia, a logística e especialmente a tática”.

Já parece uma primeira boa descrição do Paulo, mas temos que seguir com as letras e chegamos ao par J ou P, escolhendo o P, o que resulta no conjunto NFP, grupo que recebe o nome de *Advogados*, no original *Advocates*. Há sempre uma dificuldade em dar nomes e traduzi-los para outra língua pelos múltiplos significados que as palavras podem ter, o que faz com que nem sempre esses nomes sejam muito felizes. Neste caso parece que sim. Vamos ler o texto em que Keirseey se refere aos Advogados:

“Os Idealistas (NF) indagadores (P), que preferem a experiência aberta e tendem a proporcionar informação em lugar de dar ordens, adotam o papel de Advogados. Para eles, advogar significa “dar voz” a pontos de vista, posições, crenças e causas – ideias que com

frequência as pessoas não podem expressar por si mesmas – a fim de fomentar a harmonia e a compreensão entre todos”.

Parece-me que Advogado é uma boa síntese para o meu amigo, na medida em que as sínteses podem ser boas, e “dar voz” é algo que ele faz continuamente, bastando para comprovar isso ler seus livros, artigos, ou ouvir suas ótimas conferências.

Finalmente, com o último par, E ou I, extroversão ou introversão, obtemos o E, e se completa o tipo ENFP, que recebe o nome de *Defensor*, no original *Champion*:

“Os Defensores desejam ir a todas as partes e experimentar em primeira mão todas as coisas importantes que acontecem no mundo. Quando esses Advogados (NFP) sociáveis (E) exploraram temas e eventos, enchem-se de uma fervente convicção e defendem com entusiasmo – adotam, abarcam, abraçam e lutam – a verdade de uma causa ou ideal em que acreditam, a fim de motivar outros (animá-los e inspirá-los) para que solucionem seus conflitos e ajam com sabedoria e justiça”.



JSL e PFC no XVII Seminário Internacional Cemoroc (2016)

Estou ouvindo meu amigo contar com graça as peripécias pelas quais passou em sua última viagem a algum lugar da África, Ásia, Europa do Leste...

Em uma de suas publicações–e são inúmeras! – encontro o seguinte texto:

“A crítica dos males e dos vícios é o melhor elogio das virtudes. Embora o exemplo seja a sua melhor pedagogia. Falaremos hoje da Justiça como Virtude na sua relação com o Direito. Infelizmente, dela não podemos dar público testemunho, e tudo ficará muito teórico...”

A fina ironia e o bom gosto estão sempre presentes em sua pena.

O site de Keirse relaciona alguns ENFP: Charles Dickens, Joan Baez e Martin Luther King Jr.

Passo ao texto de Keirsey sobre os ENFP.

“Como outros Idealistas, os ENFP são muito raros, pode-se dizer de três a quatro por cento da população, mas, ainda mais do que os outros, eles consideram as experiências emocionais intensas como sendo essenciais para uma vida plena. Os ENFP possuem um amplo e variado conjunto de emoções e uma grande paixão pela novidade. Eles veem a vida como um emocionante teatro, que cria possibilidades tanto para o bem como para o mal, e querem experimentar todos os acontecimentos significativos e pessoas fascinantes do mundo”.



Com o autor, em São Vicente (SP, 2010)

Talvez esse comentário explique a enorme produção do Paulo, a quantidade de material, livros, artigos, conferências, que produz, além de dedicar-se à poesia e à pintura, e sempre com altíssima qualidade.

“Os mais extrovertidos dos Idealistas, os ENFP muitas vezes não conseguem esperar para contar aos outros sobre suas experiências marcantes. Os ENFP podem ser incansáveis ao falar com outras pessoas, sendo como fontes borbulhantes que derramam suas próprias palavras ao se expressarem. E geralmente, isso não é um simples contar de histórias, os ENFP muitas vezes falam (ou escrevem), na esperança de revelarem alguma verdade sobre a experiência humana, ou de motivar os outros com suas firmes convicções. Seu forte impulso para falar sobre questões e fatos, além de seu entusiasmo sem limites e talento natural com a linguagem, os tornam os mais vivazes e inspiradores de todos os tipos”.

Basta abrir qualquer publicação sua para ver a incontável quantidade de citações e de amigos que tem. Tive a honra de estar em um Congresso na Universidade do Porto a convite do Paulo. Foram dias maravilhosos e me impressionei com a quantidade de colegas e amigos que participaram dos eventos em torno desse Congresso.

Um exemplo do que vai dito acima é seu entusiasmo com o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, que infelizmente passou por um acidente mas está abrindo novamente suas portas. Em um de seus escritos ele propõe abrir algo semelhante em Portugal e sugere até o local, Coimbra, onde esteja talvez o melhor cultivo da língua. O argumento que usa é bem revelador de sua verve: seria bom erguer uma Catedral à Língua para rivalizar com as muitas que há para o Futebol.

“Ousadamente individualistas, os ENFP lutam por uma autenticidade pessoal, e essa vontade de serem eles mesmos é, geralmente, algo cativante aos outros. Ademais, os ENFP têm uma notável força intuitiva e podem dizer o que está acontecendo com as outras pessoas, lendo as emoções implícitas e dando especial importância às palavras e ações. Na verdade, os ENFP estão sempre analisando o ambiente social, e nenhum aspecto intrigante, ou impulso silencioso está propenso a escapar de sua atenção. Muito mais que os demais Idealistas, os ENFP são interessados, sondam e observam as pessoas ao seu redor e são capazes de se concentrarem intensamente em outro indivíduo. Sua atenção raramente é passiva ou casual. Ao contrário, os ENFP tendem a serem mais sensíveis e alertas; sempre prontos para situações de emergência, além de atentos a possíveis acontecimentos”.

Paulo não se furta a dar sua opinião, considerando isso uma obrigação: “Uma das responsabilidades do ‘intelectual’ é dizer o que acha ser verdade. Direi, pois, o que penso”. E seus pensamentos são sempre elaborados e ricos. Neles aparece uma quantidade imensa de personagens de todos os âmbitos: filósofos, teólogos, juristas, escritores e tantos outros (de todas as épocas e culturas...), que seria difícil enumerar.



Imitação da Noite Estrelada, tela de PFC

“Os ENFP são bons com pessoas e normalmente, têm uma série de relacionamentos pessoais. Eles são acolhedores e esbanjam energia com seus amigos. Eles são simpáticos e ficam à vontade com seus colegas, além de terem grande habilidade para lidarem com funcionários ou alunos. Eles são bons para falar em público e ao telefone, e por serem tão espontâneos e extrovertidos, as pessoas apreciam estar na companhia deles. Os ENFP são pessoas positivas e exuberantes; sua confiança no que há de bom na vida e na natureza humana geralmente faz com que coisas boas aconteçam”.

Há temas que aparecem com certa frequência em sua pena e revelam algo de sua alma. Paulo é apaixonado por seu País e otimista. É por isso que cita Mia Couto: “Me enche de saudade é um pequeno bairro, um simples muro onde possa me sentar com meus amigos de infância”. Esse amor e otimismo não o impedem de ver as mazelas e limitações humanas, como quando trata da inveja que percebe em tantas ocasiões. Em outro momento inquieta-se com algo e desabafa:

“... é este Portugal que vai relançar a Constituição Europeia e dar luzes à Europa?”.

Mas a Esperança está presente e fala dela muitas vezes, como nestes belos versos:

“Eu, por mim, voto na Esp’rança  
Venha o seu ópio sarar-nos  
Das f’ridas feras da lança  
De Gabriel ao expulsar-nos  
Desse Jardim da bonança.

Venha a Esperança ilusória  
Venha a Esperança impossível  
Venha a Esperança risível  
Desça ela em sua glória  
À minh'alma sensível”.

Tem uma vasta e duradoura produção poética, de alto valor. Nela tenta descobrir a alma do mundo:

“Porque a alma do mundo é a das suas coisas  
para além das pessoas e das suas acções”.

Mundo que acha bonito e valioso:

“Dá-me só Nada mais quero  
O pôr-do-sol em Sunion  
E o nascer dele No Porto Pireu.  
Olha que é muito mais que pedir a Lua”.

Em um de seus títulos temos a impressão de que é a frieza e objetividade dos textos jurídicos que quer transformar em poesia no “Tratado das coisas não fungíveis” quando põe como epígrafe dois artigos de Códigos, na sua língua e em castelhano, explicando de que coisas se está tratando.

Seu espírito universal vai analisando e comentando inúmeros aspectos da natureza humana e da vida que observa atentamente. Além dos temas jurídicos e morais pelos quais adentra com frequência e enorme saber brinda-nos também outros. Sua especialidade é a Constituição e talvez, sem poder reformar ou ajustar alguma conhecida, promulgou a “Constituição da República de Lísia”. Percebe-se no que sai de sua pena e em suas palavras um forte pendor democrata, totalmente avesso a extremismos e fundamentalismos. Profundo conhecedor dos clássicos discorre com muita facilidade pelos gregos e suas virtudes. Encontramos em um artigo breve uma relação de seis características para ser bom cidadão e boa pessoa. Sua fé transparece em suas obras e lá estão as provas da existência de Deus. Um dos textos de Keirsej citados acima, ao descrever as características dos ENFP, exalta seu individualismo e sua luta pela autenticidade que os torna tão cativantes. São convicções do Paulo:

“Porque a sabedoria condiz bem com a autenticidade: que é, antes de mais, fidelidade a si. Mas, para sermos fieis a nós mesmos temos de ser alguém com suficiente autonomia”.

Há mais textos comentando a defesa dos Professores em um ambiente que vai se tornando hostil, a violência urbana, a cultura, a defesa da Universidade que “tem responsabilidades sociais”. É muito significativa de sua visão ampla, democrática e universal a frase que encontramos em seus escritos: “O mundo visto só de um ponto de mira é pobre, frio e mau”. Como seria também um mundo sem os clássicos, defendido na bela frase que soa a Fernando Pessoa: “contar estórias é preciso”!

Mas nem tudo é tão sério nos escritos e palestras do Paulo, que por sinal é uma pessoa bem-humorada e com finíssimo senso de humor. Há espaço para Harry Potter, defendido por ele de críticas totalmente absurdas, para Dale Carnegie, para a Metafísica da Barba e da Gravata, que termina por concluir que “mesmo quando não usamos as gravatas elas nos esganam com sua presença ausente”.

Tratando-se de um breve esboço, vamos terminando. Como foi dito, pensamos que nosso personagem é um ENFP e procuramos justificar. O trabalho de estudar a fundo a riqueza, valor e grandeza que tem, fica para outra ocasião.

Recebido para publicação em 06-05-21; aceito em 03-06-21

## Tipos e Estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)

Alexandre Medeiros<sup>36</sup>

**Resumo:** Este artigo<sup>37</sup> apresenta a Teoria dos Temperamentos do psicólogo americano David Keirseyan em diálogo com filmes e séries televisivas, como um subsídio para a descoberta de algumas respostas sobre a temática da tristeza e insatisfação dos alunos (as) no ambiente escolar.

**Palavras Chave:** educação. psicologia. tristeza. escola. temperamentos. David Keirseyan.

**Abstract:** This article presents the American psychologist David Keirseyan's Theory of Temperaments in dialogue with films and television series, as a bases for discovering some answers on sadness and dissatisfaction of students in school environment.

**Keywords:** education. psychology. sadness. school. theory of temperaments. David Keirseyan.

### Introdução

Nos últimos anos tenho me dedicado à pesquisa sobre a tristeza e insatisfação dos alunos (as) no ambiente escolar (MEDEIROS, 2020b). Como resposta tenho estudado possíveis caminhos que possam contribuir para uma educação feliz (MEDEIROS, 2020). Um dos frutos recentes desta pesquisa foi um importante material produzido em escola de aplicação<sup>38</sup> sob minha orientação, discutindo a questão da depressão e violência nas escolas<sup>39</sup>. Este artigo portanto é uma continuação de minhas investigações. Como desdobramento desta pesquisa, apresento a contribuição para a temática, na Teoria dos Temperamentos do psicólogo americano David Keirseyan<sup>40</sup> em diálogo com filmes e séries televisivas, como importante material para esta discussão delicada e ainda pouco investigada.

De onde vem tanta tristeza e sofrimento? Minha hipótese ainda que provisória (FOUCAULT, 2012, p. 120), é a de que diretores, professores e alunos não se entendem na escola. Esta falta de compreensão gera interpretações errôneas dos signos individuais (DELEUZE, 2003), ou seja, cada *tipo psicológico* tende a compreender o mundo somente a partir de um conjunto de signos compatíveis com seu temperamento.

Não precisamos nos esforçar para perceber que a educação atualmente está sendo aplicada em pacotes e sistemas que devem abarcar todos os alunos e alunas num único formato educacional. Esse formato apostilado é, em muitos casos, mecânico e

---

<sup>36</sup> Pós – Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo – FEUSP; Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

<sup>37</sup> Este artigo é fruto da apresentação no "XI Simpósio de Pós-Doutorado da FEUSP - Pesquisas caleidoscópicas: modos de ver e criar", realizado na Faculdade de Educação entre os dias 18/08/2021 e 20/08/2021. O presente material já contempla as contribuições e sugestões dos componentes das mesas.

<sup>38</sup> Centro de Estudos Júlio Verne - [www.julioverne.com.br](http://www.julioverne.com.br)

<sup>39</sup> *Sufrimento & Depressão: os desafios da Educação – I* e *Sufrimento & Depressão: os desafios da Educação – II* – ambos publicados na revista Coepta N. 5 - ed. especial da Revista Internacional d'Humanitats 51 jan-abr 2021 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona - São Paulo - 2021

<sup>40</sup> Um material riquíssimo e ainda pouco investigado no Brasil. Inclusive há originais não traduzidos para a língua portuguesa, o que diminui o alcance e a divulgação de seus conceitos e teorias.

não criativo. Como diz Marx, modelos contínuos e uniformes acabam por fatigar o organismo, que encontraria prazer em atividades variadas (MARX, 2008, p. 122).

Para se adequar aos sistemas educacionais empacotados, os alunos dessas escolas devem se enquadrar num modelo único. Vale o formato de fábricas, com disciplina de quartel, inclusive com sinais sonoros que ditam o momento para aprender matemática, a hora de parar de aprender literatura, avisar quando comer e quando descansar (MARX, 2008, p. 140).

Partindo do conceito proposto por Keirse, de que existem 4 Temperamentos (KEIRSEY, 1984, p. 3-4), podemos imaginar que se em uma escola a maioria for do temperamento (A) e a minoria for (B), (C) e (D), já teremos uma situação de dificuldade de compreensão. Agora imaginemos se um destes temperamentos predominantes na escola, imponha um modelo educacional que todos devam seguir? (VIANNA, 2019).

Para construir minha hipótese, utilizo os conceitos do psicólogo David Keirse e sua teoria dos temperamentos. Nas obras *Please Understand Me I* e *Please Understand Me II*, ele desenvolve uma teoria que nos fornecerá pistas para começarmos a identificar uma das possíveis fontes da tristeza na educação. Em outras palavras, pretendo a partir da teoria dos temperamentos (KEIRSEY, 1984; 1998) e em diálogo com filmes e séries televisivas (LAUAND J. S., 2014), retratar possíveis conflitos dos perfis psicológicos envolvidos na trama.

Metodologicamente, a pesquisa parte de uma instalação na teoria de David Keirse e seus *tipos* para, a partir daí, ir identificando concretamente os diversos *tipos* na vida escolar das personagens. Serviu-nos de referencial, o caminho trilhado por João Sérgio Lauand (2014), em seu: “*Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a educação. Um estudo da sitcom Everybody loves Raymond*”.

O fato de lançarmos mão de um referencial de ficção tem duas vantagens adicionais: ser por todos conhecido e, além disso, o fato de – precisamente por serem personagens – apresentarem frequentemente características marcantes, mais “puras”, dos tipos que representam. Como diz João Sérgio Lauand, é comum entre roteiristas e diretores de séries e novelas recorrer a teorias da personalidade para criar seus personagens: as protagonistas de *Sex and the City*, por exemplo, correspondiam com muita exatidão aos 4 tipos de temperamento de Keirse (LAUAND. J.S, 2014, p. 38)

É importante ressaltar que, quando não nos atemos às características humanas individuais de cada perfil psicológico, corremos o risco de transformar a escola em um lugar apenas para desenvolver destreza profissional (MARX, 2008, p. 128-129). Em outras palavras, uma vez privados de suas habilidades e características individuais os seres humanos são mutilados (MARX, 2008, p. 129), e se tornam funcionários robotizados, tristes e sem vida.

Neste estudo, o importante será perceber as diferenças existentes entre os Guardiões (SJ) – *Tipo* que predomina nos cargos decisórios e salas de aula das escolas (VIANNA, 2019) – e os demais *Tipos*<sup>41</sup> de temperamento (SP/NF/NT) dos professores e alunos, que devem se encaixar num modelo SJ (LAUAND. JS, 2019).

---

<sup>41</sup> Para nossa pesquisa precisamos entender o que é um *Tipo* (JUNG, 1991, p. 20-21). *Tipo ideal* é um termo comumente associado ao sociólogo Max Weber (1864-1920). *Tipo* é um instrumento de análise com o objetivo de criar tipologias, destituídas de tom avaliativo, de forma a oferecer um recurso para análise do homem e da sociedade (WEBER, 2004). Segundo Weber, o fato de que nenhum *Tipo Ideal* esteja historicamente na sua forma pura, não impede que a partir de um conjunto de características predominantes, construamos um *Tipo* para que nossas análises sejam empíricas (WEBER, 2012, p. 141). O *Tipo Psicológico* é só mais um dos fatores que nos ajudam a compreender o ser humano, sendo que o *Tipo*, em si só, é neutro, não é bom ou mal (LAUAND, 2019, p. 97). Como escreve Jean Lauand, na análise da Tipologia dos Temperamentos, apresentamos o caso ideal, ciente de que existem tipos mistos e

## 1. David Keirsey: conhecendo a teoria dos temperamentos.

Hipócrates (460 a. C - 370 a. C) classificou os seres humanos em 4 tipos: Sanguíneo: otimista; Fleumático: sonhador e dócil; Colérico: ambicioso e explosivo; Melancólico: pessimista e sozinho. Hipócrates fundamentou toda sua prática médica, em compreender o organismo e a personalidade do homem (KEIRSEY, 1984, p. 3-4).

Platão apresentou suas ideias em forma de diálogos dramáticos, como *A República*, obra em que construiu um conceito de utopia da sociedade perfeita. Esta seria erigida sobre 4 diferentes funções sociais, que seria assumida por 4 diferentes personalidades: Artesão, Guardião, Idealista, Racional (KEIRSEY, 1998, p. 337).

O cientista Alemão Eric Adickes escreveu em 1905 o livro *Charakter und Weltanschauung* – um verdadeiro tratado Greco-Romano da teoria dos 4 Temperamentos. Aproveitou as contribuições de Platão e Aristóteles para desenvolver sua pesquisa. Artesãos foram chamados de Inovadores; Guardiões de Tradicionais; Idealistas de dogmáticos; Racionais de agnósticos (KEIRSEY, 1998, p. 339).

O psicólogo Alemão Eduard Spränger escreveu *Lebensformen* em 1914 e que foi traduzido para o inglês em 1920 como *Type of Men*. Spränger chamou os Racionais de teóricos; Artesãos de estéticos; Idealistas de religiosos; Guardiões de econômicos (KEIRSEY, 1998, p. 339).

Sendo assim, a teoria dos 4 Temperamentos da antiga Grécia (KEIRSEY, 1984, p. 3-4; LAUAND, 2018, p. 8), foi o terreno fértil de onde Carl Jung, partindo da psicologia de Hipócrates (KEIRSEY, 1984, p. 3) em 1921, elaborou *Tipos Psicológicos* (JUNG, 1991). Foi também de onde Isabel Myers e Katheryn Briggs em 1950 pinçaram seu famoso método de análise comportamental - MBTI<sup>42</sup>, escola que Keirsey continuou, ampliou e reelaborou em *Please Undertand Me I* (1978) e *Please Understand Me II* (1998).

David Keirsey começa a observar os tipos em 1956 (KEIRSEY, 1984, p. 67). Keirsey não utiliza diretamente as funções psíquicas de Jung, mas aproveita a descrição comportamental destas funções (KEIRSEY, 1984, p. 27). Keirsey refinou a teoria dos 04 temperamentos e definiu traços únicos de caráter nos 16 tipos psicológicos advindos destes (KEIRSEY, 1998).

Desta forma, Keirsey chamou os Guardiões de (SJ), os Artesãos de (SP), os Idealistas de (NF) e os Racionais de (NT). Para cada um destes temperamentos, ele descreveu 4 tipos, incluindo para cada um o fator Introversão ou Extroversão, além de outras combinações. Neste estudo focaremos em apresentar os 04 temperamentos e distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT. Vale lembrar que as outras funções, letras e variações adicionadas ao temperamento, são finas distinções para acurar, melhorar, refinar e aprofundar a análise ao longo do estudo (KEIRSEY, 1984, p. 13).

## 2. David Keirsey: um pouco sobre a personalidade do Artesão (SP).

Segundo Keirsey (1984), a essência do Artesão (SP) é a impulsividade (p. 31). O (SP) é incansável, se não tiver ação ele desanima (p. 32). O (SP) se orgulha

---

exceções (LAUAND, 2019, p. 89). Portanto, o *Tipo* nos auxilia na compreensão de alguém, mas não define quem ele é (LAUAND, 2018, p. 12-13).

<sup>42</sup> MBTI (Myers-Briggs Type Indicator®). Hoje, o MBTI ® é a ferramenta de Assessment mais utilizada em todo o mundo, com cerca de 2 milhões de relatórios emitidos ao ano (MBTI, 2020). Na década de 1950, Isabel Myers foi tirar o pó de um livro de sua mãe Katheryn Briggs, e redescobriu os *Tipos Psicológicos* de Jung. Depois deste acaso, nasce através de Mayers (M) e Briggs (B), o Psychological Type (T) Indicator (I) – MBTI (KEIRSEY, 1984, p. 4).

precisamente de sua liberdade, mas não só isso, ele quer que os outros vejam como é ser livre (p. 32-33). O (SP) age como se não houvesse amanhã, cada dia traz uma nova aventura (p. 33). Os (SP) podem passar horas em esforço contínuo. Estudantes de instrumentos musicais, facilmente viram *virtuosos*, devido ao empenho incansável (p. 34-36). São românticos e extravagantes, podem mandar rosas amarelas, anéis de diamante, mas se esquece da data de namoro, casamento e aniversários (p. 38).

Para Keirse, o Artesão (SP) busca incansavelmente uma perfeição inconsciente. A busca empreendida pelo (SP) é por prazer (KEIRSEY, 1984, p. 36) O (SP) está ancorado na liberdade e fraternidade (KEIRSEY, 1984, p. 41).

Segundo Keirse (1984), em relação às mulheres (SP) talvez tenhamos um grande desafio. As mulheres Artesãs (assim como os homens), querem liberdade e ação, mas possuem pouquíssimo espaço na sociedade, para levar uma vida profissional com estas características. O movimento feminista é uma tentativa de libertação das mulheres (SP), que estão em busca de liberdade e aventura (p. 33). Mulheres (SP) são encontradas em esquadrões de bombeiros, polícias, ambulâncias, resgates de vários tipos e formas (p. 37). Os tipos (SP) não são regidos por objetivos, mas por ações. Eles não se preocupam com cansaço, fome, desconforto, eles saem fazendo o que for necessário; Em especial as mulheres (SP) querem ser livres, querem agir conforme seu desejo e impulso, sem se preocuparem. São dançarinas, artistas de teatro, vocalistas de bandas de rock, aventureiras, escaladoras (p. 34-36). SP tem uma ética Epicurista (KEIRSEY, 1984, p. 41).

### **Retrato do tipo SP (Artisan) 30 a 35% da população**

(...) Todos os [4 tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

(...) Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã. Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará! (LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 147-148).

### **3. David Keirsey: um pouco sobre a personalidade do Guardiã (SJ).**

De acordo com David Keirsey (1984) o Guardiã (SJ) está ancorado na responsabilidade (p. 41), são tradicionalistas, e quando ficam mais velhos tendem a acentuar essas tendências. Os (SJ) acreditam que o seu dever e responsabilidade é cuidar (p. 42). Os Guardiões (SJ) valorizam títulos, honrarias, diplomas e prêmios. Pois são reconhecimentos oficiais da sociedade (p. 44).

Para Keirsey (1984) os Guardiões (SJ) têm fome de dever. São os pilares das sociedades e instituições. Os Guardiões (SJ) têm dificuldade em recusar trabalho, mesmo sobrecarregado. Não é difícil os (SJ) ficarem estressados, doentes, deprimidos, por excesso de trabalho e responsabilidade (KEIRSEY, 1984, p. 44-45).

Guardiões (SJ) também têm fome de pertencimento. Adoram participar de instituições, clubes, escolas, associações, empresas. Gostam muito de contribuir para o crescimento e desenvolvimento dessas organizações (1984, p. 47). Não é por acaso que o Guardiã (SJ) tem em sua essência a dedicação na elaboração de regras, regulamentos, manuais, para contribuir com as instituições e com a sociedade (1984, p. 46).

Não é de estranhar que são muito encontrados em escolas, onde comunicam estas regras, regulamentos, ensinamentos e valores para as gerações futuras. Pelo menos 50% dos professores e diretores de escolas são Guardiões (1984, p. 46). É facilmente visto à frente de escolas, igrejas e instituições. (SJ) tende a impor seus padrões de comportamento e conduta, que ele julga correto, é honesto, confiável e zeloso (1984, p. 85). Neste sentido, Keirsey afirma que as Escolas foram feitas para os Guardiões – SJ (1984, p. 40).

Segundo Keirsey (1984), os Guardiões (SJ) estão sempre em atividades bem estruturadas, bem organizadas, de escritório e de negócios (p.122). No ambiente de trabalho o Guardiã (SJ) fica muito irritado quando seus pares não seguem os regulamentos, não cumprem os prazos e não se atentam às normas. O (SJ) não tolera quem não cumpre as ordens e não honra prazos (p. 132).

Para Keirsey (1984) o Guardiã (SJ) precisa policiar-se para não ser demasiadamente exigente com as pessoas. Tem que tentar conter sua irritabilidade, para não desarmonizar constantemente o ambiente de trabalho. Suas preocupações com regras e regulamentos não podem inviabilizar processos ou projetos. O maior exercício do Guardiã (SJ) no trabalho é tolerar os outros, buscar ter mais equilíbrio no ambiente de trabalho. O Guardiã (SJ) necessita desenvolver a paciência para não agir em todo o instante com demasiado rigor. Também precisa se esforçar para não demonstrar a todo momento esgotamento, cansaço e irritação, isso incomoda os colegas e acaba contaminando o ambiente de trabalho (p. 132). O Guardiã (SJ) tende ao pessimismo (p. 145).

#### **Retrato do tipo SJ (*Guardian*) 40 a 45% da população**

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ tem um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares, e trabalhadores.
- são companheiros fiéis, pais responsáveis, e líderes que trazem estabilização.
- tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
- valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.

SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido (LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 147).

#### **4. David Keirsey: um pouco sobre a personalidade do Racional (NT).**

Segundo Keirsey (1984) o Racional (NT) quer reconhecimento por suas habilidades, suas competências e sua inteligência (p. 47). O Racional (NT) é o mais autocrítico de todos os tipos. Acumula conhecimentos e habilidades. Sua busca é pela excelência. Tende ao perfeccionismo, que pode levá-lo ao esgotamento e ao stress. Às vezes são vistos como individualistas e arrogantes (p. 49). O Racional (NT) nunca acha que já sabe o suficiente. O perigo é que suas dúvidas podem paralisá-lo (p. 50).

De acordo com Keirsey (1984) o Racional (NT) assume frequentemente que as pessoas envolvidas na discussão não podem compreender a complexidade de suas ideias. Isso o irrita profundamente. O Racional (NT) não consegue evitar a exposição visível de sua insatisfação com aqueles que não entendem suas ideias. Normalmente ele os faz se sentirem intelectualmente inadequados, desprovidos de inteligência (p. 51). O Racional (NT) tende a falar com nenhuma redundância, sua comunicação tende a ser compacta e lógica. Ele restringe ao máximo sua comunicação verbal, por achar óbvio que todos já entenderam o assunto ou tema em questão. Ou seja, falar o óbvio para o Racional (NT) é muito aborrecimento (p. 52). Os Racionais (NT) podem ser irônicos e sarcásticos (KEIRSEY, 1984, p. 57).

Segundo Keirsey (1984) o Racional (NT) calcula cada palavra que sairá de sua boca. É preciso nas escolhas das palavras e espera que os outros façam o mesmo. Quando descobre que as pessoas ao seu redor não são assim, não esconde sua irritação (p. 53). O Racional (NT) tem preferência por trabalhar nas áreas de exatas, como engenharia e matemática. Também são vistos em áreas de ciências atuariais e análises de seguros e investimentos (p. 53-54). Eles não se sentem pressionados pelos outros ou pela sociedade, mas por eles mesmos. De todos os tipos, o Racional (NT) é o que tem grande cobrança pessoal e autocrítica (p. 87).

Keirsey verificou que o Racional (NT) foca sua vida no futuro, no que pode ser, mas motivado nas possibilidades próprias (p. 65). São desligados e alheios ao fluxo familiar diário de uma casa. Normalmente, Racionais (NT) são distantes, indiferentes. São extremamente controlados. Sua razão encobre suas emoções e por conta disso são vistos como frios e insensíveis. Demonstrações de afeto e carinho em público são repugnantes para um Racional NT (p. 86). Ele raramente verbaliza expressões de afeição. O Racional (NT) se afasta de discussões apaixonadas; para o NT as discussões não são pessoais, mas intelectuais. O NT gosta de debater uma ideia, não uma paixão (p. 87).

Keirsey (1984) verificou que o Racional (NT) dificilmente tem as emoções bem desenvolvidas. Normalmente suas emoções são encobertas pelo intelecto. Sua preferência pela lógica e razão obscurece as expressões e os sentimentos. A estrutura da personalidade de um Racional (NT) possui características muito complexas (p. 88).

### **Retrato do tipo NT (*Rational*) de 5 a 10% da população**

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos, e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- orgulham-se de ser engenhosos, independentes, e determinados.
- são cônjuges razoáveis<sup>43</sup>, pais individualizadores e líderes estratégicos.
- são ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos (LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 148-149).

## **5. David Keirsey: um pouco sobre a personalidade Idealista (NF).**

O Idealista (NF) segundo Keirsey (1984) tem um eterno dilema na sua vida: auto-realização, como ser feliz e produtivo ao mesmo tempo? (p. 59). Os Idealistas (NF) são cerca de 12 % da população, desejam uma vida cheia de significado, uma vida que faça a diferença no mundo. Em cada relacionamento, o idealista (NF) vislumbra um propósito maior, um significado humano. São entusiastas (p. 60).

De acordo com Keirsey (1984), os Idealistas (NF) são escritores, poetas, literatos, romancistas, psicólogos, psiquiatras, palestrantes. Falam e escrevem com fluência, frequentemente de forma poética (p. 60-61). O Idealista (NF) usa criatividade e força para angariar seguidores para suas causas. Quando entram para algum

---

<sup>43</sup> *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome *rational*s).

movimento, por sua paixão e brilho, são rapidamente reconhecidos e aceitos por seus pares como diferenciados (p. 61).

Para Keirsey (1984), com a mesma velocidade que o Idealista (NF) entra em um movimento, ele sai, assim que percebe qualquer falta de profundidade e significado. Seu lema é o desenvolvimento próprio e não tolera superficialidade ou enganação (p. 61). O Idealista (NF) também se envolve em atividades artísticas, onde utiliza a comunicação verbal e escrita. Quando estão desenvolvendo um papel artístico no palco ou set de filmagens, mergulham tanto na personagem que acabam confundindo suas próprias vidas com o papel que estão desempenhando (p. 62).

Raramente os Idealistas (NF) são vistos no comércio como sua atividade profissional, dificilmente estão comprando ou vendendo como área de atuação profissional (KEIRSEY, 1984, p. 62). Por vezes devotam a vida buscando e despertando o potencial das pessoas. Às vezes com sacrifícios próprios, para que outros também encontrem seu caminho. Eles podem ser ministros religiosos<sup>44</sup> (p. 62-63). O Racional (NF) escuta uma voz constante: tenha uma vida real, autêntica e cheia de significado (p. 64-65).

De acordo com Keirsey (1984), uma das disfunções deste temperamento é a de se transformar em um intelectual borboleta: que fica indo de planta em planta, de ideia em ideia, em busca de conhecimento e significado. A cabeça do Idealista (NF) não está no presente, mas no futuro, no que pode ser. Querem testar a abundância da vida (p. 64-65). Por conta da constante busca de uma vida com sentido e significado, o Idealista (NF) faz mais mudanças radicais, que outros *tipos* não entendem (p. 96).

Os Idealistas (NF) expressam nuances das emoções que escapam aos outros *tipos*. Usa com facilidade a linguagem, a poesia, a música. O ideal de amor perfeito para o Idealista (NF) nunca deixa de existir. Ele busca incansavelmente por uma parceira (o) que lhe satisfaça emocionalmente e espiritualmente – Romeu e Julieta são Idealistas NF (KEIRSEY, 1984, p. 91).

Segundo Keirsey (1984), os Idealistas (NF) são generosos e socialmente habilidosos. Não é à toa que as pessoas gostam de ficar com eles, serem recebidos em suas casas e conversar e se relacionar com eles (p. 93). Com a mesma intensidade e tolerância que um Idealista (NF) se aproxima e se aprofunda num relacionamento, se não é correspondido ou se não é valorizado, escapa dele completamente. Chega a *deletar* o relacionamento e as pessoas. Algumas vezes, por essas atitudes, são vistos como cruéis (p. 94).

Para Keirsey (1984), o Idealista (NF) necessita (e obtém) apreciação dos que estão a seu redor (p.116). A valorização dos seus pares é o combustível para cada dia e para cada atividade. Idealistas (NF) não toleram rejeição. São emocionalmente hipersensíveis, não suportam conflitos, sempre buscam harmonia. Quando lhes tiram isso, destroem sua base. Portanto harmonia e segurança fazem parte de sua identidade (p.118).

Os Idealistas (NF) escutam histórias e as recontam com imagens vívidas e espetacular criatividade. Por esse motivo às vezes são acusados de mentirosos, quando na realidade apenas usaram sua imaginação. A imaginação do Idealista (NF) é tão fértil, que ele facilmente se identifica com personagens das histórias que lhe são contadas. Na infância sonham acordados com príncipes, princesas, dragões e bruxas (KEIRSEY, 1984, p.118).

---

<sup>44</sup> Na disfunção, o NF pode se transformar em um fanático religioso (KEIRSEY, 1984, p. 62-63).

### **Retrato do tipo NF (*Idealist*)**

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que eles podem ser - esta constante busca pelo autoconhecimento e autodesenvolvimento impulsiona sua imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
- orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
- tendem a ser dádivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
- são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.

(LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 148)

## **6. David Keirsey: teoria dos temperamentos em diálogo com filmes e séries televisivas.**

Todos os estudiosos sérios de Keirsey reconhecem a dificuldade, em muitos casos, de atinar com o *tipo* concreto de um determinado indivíduo. A teoria de David Keirsey e seus *tipos* serão letra morta se não soubermos reconhecê-los na realidade. E, reciprocamente, a própria teoria se fortalece e se torna compreensível quando é vista encarnada na realidade: voltamos à essência do ensinar na sabedoria da língua espanhola; *enseñar* é ensinar e mostrar – só se ensina, mostrando concretamente (LAUAND; MEDEIROS, 2021). Para tanto em nossa tentativa de *enseñar*, analisaremos fragmentos de um filme francês, um filme cubano e uma série canadense.

A primeira será através do drama francês *Entre les Murs*<sup>45</sup>. Este filme reflete a situação desigual entre brancos e descendentes de imigrantes de ex-colônias francesas. O protagonista, professor François Marin, serve como guia para o espectador, escancarando e desmascarando as ações de alunos e de outros professores, que reforçam os problemas sociais já acentuados em uma escola de Paris. O grande diferencial do filme está em seu elenco: todos os atores principais são amadores<sup>46</sup>.

O drama se passa numa Escola Pública na França, com alunos africanos, marroquinos, árabes, chineses e mulçumanos. Ou seja, alunos de culturas e temperamentos completamente diferentes, mas que a instituição tenta formar

<sup>45</sup> Entre os Muros da Escola - Filme disponível no YouTube – acesso 01/07/2021 - Link: <https://www.youtube.com/watch?v=rBXIPg7nj-Y>

<sup>46</sup> Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-filmes-imperdiveis-sobre-educacao-aeu7wkyv7tdy4saveuid34d7h/> (acesso 01/07/2021).

(enquadrar todos numa forma, num padrão único). Este desejo da instituição em colocar todos os alunos e alunas numa fôrma aparece na Reunião de professores. Aos 40min28s o diretor apresenta um plano de penalização e conseqüente redução de notas para cada ponto de indisciplina, infração dos regulamentos ou quebra de regras. Um professor argumenta que isso é necessário, afinal os castigos não surtem mais efeitos.

Neste contexto, aparece o aluno Souleymane (Mali). O aluno é um ISTP. Introduzimos aqui 2 novos elementos de refinamento na personalidade (KEIRSEY, 1984, p. 13) do Artesão (SP). Neste caso introduzimos ao temperamento (SP) a Introversão (I) e a Racionalidade (T)<sup>47</sup>.

Este aluno Artesão (ISTP), não gosta de falar, não gosta de fazer nada na escola, grosseiro, briga, luta, mas é um excelente trabalhador em casa, gosta de fazer trabalhos manuais e não gosta da instituição escola. Lembrando que o Artesão (SP) odeia regras rígidas (KEIRSEY, 1998. P. 53).



Entre os Muros da Escola - <https://youtu.be/FbkVrrcV2wI>

Este Artesão (ISTP), é de escassa habilidade verbal, o que é confundido por médicos e professores com *dislexia*, falta de habilidade para aprender (KEIRSEY, 1998. P. 66-68), ou ainda com déficit de atenção ou hiperatividade, em casos extremos até equivocadamente medicados (KEIRSEY, 1984, p. 216).

Numa reunião do conselho disciplinar da Escola, na presença do Diretor a mãe começa a defender o filho, dizendo o quanto ele trabalha e ajuda na casa, o diretor responde que ajudar em casa não muda em nada sua situação de indisciplina e insolência na escola (1h:48min).

Então o Professor François Marin, numa brincadeira, incentiva Souleymane a expor fotos no lugar de escrever um trabalho (auto-retrato). O aluno faz um excelente trabalho (1h:07 min). Mesmo assim, o conselho da Escola decide expulsar o indisciplinado ISTP. O Prof. François Marin intervêm mais uma vez em favor de Souleymane, mas o conselho decide expulsar o aluno (1h:40min). A Mãe pede desculpas pelo filho (1h:50min), mas o conselho é implacável e mantém a decisão.

Depois de 2 horas, o filme termina de maneira triste e assustadora ao revelar a realidade das escolas: todos jogando futebol no pátio da escola, amigos, meninas, professores, brincando felizes. A sala de aula é mostrada na cena final vazia, bagunçada, árida, ao som das risadas, cantos e brincadeiras dos alunos lá fora. Agora todos estão felizes, acabou o período escolar, estão de férias.

---

<sup>47</sup> Este aprofundamento não será objeto deste estudo, mas é importante saber que um Artesão (SP) pode ser: *Promoter* (ESTP), *Composer* (ISFP), *Crafter* (ISTP) ou *Performer* (ESFP) - (KEIRSEY, 1998. p. 43).

A segunda análise é sobre a Comédia dramática cubana *Conducta*<sup>48</sup>, dirigida por Ernesto Daranas. O filme ganhou dois prêmios no 2º Festival de Cinema Latino-americano da Casa da Cultura Equatoriana, em Quito. Foi um dos indicados ao Prêmio Goya 2015, e levou os prêmios de Melhor Obra de Ficção e de preferência do público. O filme retrata a vida numa escola de Havana, as personagens principais são o aluno Chala – um clássico Artesão (SP) - ESTP<sup>49</sup> que gosta de apostas, rinha de cachorros, brigas, e é paquerador. O filme também apresenta a Professora Carmela.

Carmela é uma Idealista (NF), ativista, que luta por suas ideias e convicções, olha as pessoas nos olhos, e forma discípulos. Chala é um Artesão (SP) que na rua brinca com todo mundo, na escola é piadista, gosta de nadar no canal perigoso de Havana, todos os colegas vibram quando ele chega, todos torcem por ele, joga futebol muito bem, não gosta das regras.

O filme retrata a vida do aluno Chala (ESTP). Um garoto de onze anos, que vive com sua mãe viciada em drogas, Sonia. Para tentar ajudar a sustentar a casa, ele treina cães de briga e cria pombos no telhado.



Keirse (1984) diz que os ESTP são espirituosos e charmosos. Estes Artesãos (SP) encaram a vida com um grande apetite pelas coisas boas do mundo, buscando emoções, talvez como guerreiros, atletas, aventureiros ou jogadores profissionais, sempre procurando a emoção e o perigo de cortejar um parceiro ou uma parceira. Uma busca constante por excitação está presente na vida do ESTP, sempre assumindo riscos e desafios que permeiam a sua vida (KEIRSEY, 1984, p. 196-198).

As dificuldades da vida de Chala (ESTP), se refletem na escola, onde é aluno da Professora Carmela (NF), por quem ele tem grande respeito e admiração. Mas quando ela fica doente e tem que se afastar, Chala não se adapta à nova professora, que sugere que ele seja transferido para um internato.

Quando Carmela (NF) retorna, não aceita essa medida e outras imposições que aconteceram durante sua ausência. Enquanto a relação entre professora e aluno se intensificam, os dois passam a ser perseguidos na escola, levando a um conflito que reflete o complexo sistema educacional de Cuba.

---

<sup>48</sup> “Numa escola de Havana” (Conducta); Link: <https://www.youtube.com/watch?v=nq8HJdaBTlw>

<sup>49</sup> Acrescentamos ao Temperamento (SP), a função psíquica da Extroversão (E) e da Racionalidade (T).



O pano de fundo é a Conselheira Municipal de Educação. A jovem Raquel é uma sisuda Guardiã (SJ) - ISTJ<sup>50</sup> que defende os regulamentos cegamente, tem zero de flexibilidade, segue as regras milimetricamente, mesmo que seja para separar uma criança da mãe, mandar um pai para a cadeia, ou demitir uma professora admirável com 40 anos de magistério por permitir um santinho no mural.

Segundo David Keirse o ISTJ é um inspetor. Tudo deve ser cumprido exata e rigorosamente, nenhuma irregularidade ou discrepância é permitida. Os ISTJ são muito pacientes com o trabalho e com a instituição, mas nada pacientes com falhas individuais ou desautorização (1998. P. 107-108).

Esta personalidade grave pode ser melhor compreendida em uma personagem de Oscar Wilde, cujo título da obra é perfeito para o Guardiã (SJ), *The Importance of Being Earnest*<sup>51</sup>.

Cecily: Caro tio Jack é muito sério! Às vezes ele é tão sério que acho que não pode estar muito bem.

Senhorita Prisma: Seu tutor desfruta da melhor saúde, e sua gravidade de comportamento deve ser elogiada especialmente em alguém tão relativamente jovem. Não conheço ninguém que tenha um maior senso de dever e responsabilidade (*Apud KEIRSEY, 1998. P. 97*).

O Conselho da Escola se reúne para advertir Carmela (NF), por ter tirado Chala do internato e por ter permitido que uma aluna colocasse no mural da classe uma imagem da Virgem da Caridade (49min). Partindo das funções psicológicas básicas<sup>52</sup> (JUNG, 1991, p. 21-22), descritas por Keirse (1984) como o Temperamento SJ (LAUAND, 2018, p. 13-31), teremos a combinação que une realismo, organização e planejamento, que tende a sustentar as instituições e tradições (LAUAND, 2019, p. 17 e 53). Os Guardiões (SJ) não permitem deslizos ou adaptações.

Nossa última análise, será um fragmento da Série Canadense *ANNE WITH AN E*, dirigida por Moira Walley-Beckett, disponível em 3 Temporadas na Netflix. A história se passa no interior do Canadá. Depois de treze anos sofrendo no sistema de assistência social, a orfã Anne é mandada para Avonlea, para morar com uma solteirona e seu irmão. Munida de sua imaginação e de seu intelecto, a pequena Anne vai transformar a vida de sua família adotiva e da cidade que lhe abrigou, lutando pela sua aceitação e pelo seu lugar no mundo. O ponto central da história se encontra na vida estudantil, em torno do: Guardiã Professor Phillips (SJ), Artesã Professora

<sup>50</sup> Neste caso adicionamos ao Temperamento (SJ), as funções da Introversão (I) e da Racionalidade (T).

<sup>51</sup> A Importância de Ser Sério.

<sup>52</sup> Keirse ao elaborar os conceitos dos 4 Tipos principais de Temperamento, se utiliza das descrições comportamentais das funções psicológicas de Jung (KEIRSEY, 1984, p. 27).

Muriel Stacy (SP), a Idealista aluna Anne (NF), o Idealista aluno Cole (NF) e o aluno Racional Gilbert Blythe (NT).

Primeiro dia de aula da Idealista (NF) Anne – com uma imaginação aguçada, ela conversa com árvores (Temporada 1 – Episódio 1), vive num mundo mágico da princesa Cornélia que será salva pelo príncipe (Temporada 1 – Episódio 2); quando vai para a escola, com sede de aprendizado e espanto, encontra o professor Phillips (SJ), que começa amputar sua força, seu brilho e a humilha na primeira intervenção: “Eu mandei você falar?” (14:00 min - Temporada 1 – Episódio 3).



Na sala de aula, a aluna Diana Barry (SJ) é chamada para realizar leitura em voz alta. Quando começa a ler, demonstra grande incapacidade para leitura (32 min); Quando Anne (NF) é chamada para a leitura, ela não só lê, como interpreta, sente e vibra numa leitura apaixonada e empolgante; a turma não entende tamanha profundidade e zomba com risadas da nova colega (32min:45s). O professor Phillips (SJ) demonstra no seu corpo e na sua face que achou ridículo, o que estimula mais zombaria: “Deus tenha piedade”; o que magoa profundamente a empolgada leitora (33:20 min); O professor chama Josie Pye (SJ), que faz uma leitura “perfeita”, morna, cinza, sem vida, que recebe todo apreço do professor e da classe (33min:42s - Temporada 1 – Episódio 3).

Depois de puxarem seu cabelo, Anne (NF) explode e reage, o professor a chama na lousa, e escreve no quadro: “Anne Shirley tem um péssimo gênio”; diz que na sociedade civilizada não se permite destempero, que isso sirva de exemplo para todos (41min:25s); O aluno Gilbert Blythe (NT) se levanta e diz que a culpa foi dele, que ele a provocou, o professor diz que isso não é desculpa para a atitude de Anne (41min:45s - Temporada 1 – Episódio 3). O Idealista (NF) é extremamente sensível e não suporta ambientes autoritários e desumanos (KEIRSEY, 1984, p. 153).

Anne (NF) não obedece ao autoritário professor, e sai andando para espanto dos alunos. O professor estupefato repete sem sucesso: “volte aqui!!!”; a cena é marcante: mostra a aluna saindo correndo da escola, para os campos abertos. Fuga da prisão, em busca de Liberdade: mostrando que a escola é um lugar onde não se permite a imaginação, a alegria e a criatividade, escola é espaço onde opressão e tristeza estão presentes, onde a injustiça reina entre os muros. A única atitude possível para a liberdade é fugir deste ambiente de ar pesado e rarefeito, não afeito à criatividade e à paixão pelo conhecimento. Ao chegar em casa Anne é abraçada pela mãe adotiva Marilla, que diz: “eu sei como se sente - as pessoas são cruéis” (41:27/42:23 - Temporada 1 – Episódio 3).

O aluno Cole (NF), que adorava desenhar e pintar, mas que ficara com o movimento das mãos comprometido para sua arte ao cair da escada<sup>53</sup> (Temporada 2 -

<sup>53</sup> Um colega de classe o derrubou propositalmente, enquanto Cole pintava o cenário de uma peça da escola.

Ep. 7), é incentivado por uma artista, a também fazer sua arte com argila, pois além de ajudar na recuperação dos movimentos, ele pode se apaixonar: “sua arte não está perdida, jamais estará” (30min:51s - Temporada 2 – Episódio 7).



Ridicularizado pelos colegas de classe por sua hipersensibilidade, Cole (NF) decide não mais ir para escola, agora sai pela manhã e vai para o Clube de Histórias, e começa a fazer esculturas de argila. (43 min - Temporada 2 – Episódio 7). Cole (NF) pergunta para Anne (NF) se ela será uma escritora. Ela responde que talvez, pois ela tem muitas possibilidades: “Talvez eu seja muitas coisas” – Com uma caneta nas mãos diz: “Agora a batizo como Caneta de Possibilidade” (43min:20s – Temporada 2 - Episódio 7). Segundo Keirse, o Idealista (NF) foca sua vida no futuro, nas possibilidades. Querem testar a abundância da vida (KEIRSEY, 1984, p. 65).

O aluno Gilbert Blythe, é um Racional (NT) que sonhava ser médico. Tentou pedir ajuda extra para estudos ao Professor Phillips (SJ), que respondeu que não recebia para ensinar em horários extra classe. Gilbert (NT) tranquilamente estudava sozinho. Tornou-se autodidata, sabia mais que os outros alunos (Temporada 2 – Episódio 7).



Jovens Racionais (NT) tendem a estudos independentes, gostam de ler e estudar pelo simples prazer de conhecer. São autodidatas. Desta forma como não são adeptos da comunicação, se cansam ao ter de preencher relatórios ou lições de casa que julgam sem sentido e buscam conhecimento além da sala de aula. Muitas vezes, professores e mentores não os entendem e acham que foram displicentes com a lição de casa, mas eles na verdade foram além, apenas não preencheram os relatórios (KEIRSEY, 1984, p. 125)

Para alegria e total empolgação da Idealista (NF) Anne, a Professora Muriel Stacy (SP) – motoqueira, pede para todos se levantarem, afastarem as mesas e se sentarem no chão para se apresentarem: Anne pensa: “A escola finalmente será tudo o que sempre sonhei” (5min:16s - Temporada 2 – Episódio 9).

Anne (NF) fica maravilhada com a nova professora Stacy (SP). Segundo Keirse os Idealistas (NF) são atraídos pela liberdade dos Artesãos (SP). Ficam encantados com a sensualidade e espontaneidade dos Artesãos (SP) (KEIRSEY, 1998, p. 237 - 238).

Interessantemente, no final da temporada 3 e Episódio 10 a última cena é o surgimento do romance entre a Idealista (NF) Anne e o Racional (NT) Gilbert. Terminaram o ensino médio, ambos irão para diferentes universidades. Antes de embarcarem no trem, declaram seu amor.

### Considerações finais

Nesta pesquisa, pudemos perceber que os Guardiões (SJ) são o Tipo predominante entre os educadores, uma vez que este grupo ocupa aproximadamente 75% das vagas de Supervisores e Diretores, Coordenadores e Docentes nas escolas (VIANNA, 2019, p. 134). Cada *Tipo* possui um leque de atividades, que faz com gosto, desenvoltura e naturalidade. Os SJ são constantemente atraídos como imã para as instituições de ensino (VIANNA, 2019, p. 133).

Outro ponto importantíssimo que precisamos levar em conta neste estudo é que não só Diretores e Supervisores de ensino são maioria, mas que aproximadamente 45% de toda a população é Guardiã SJ (LAUAND, 2019, p. 46). Isto significa que os pais e mães dos alunos (de todos os *Tipos*) também exigem e esperam uma escola (SJ), lembrando que os Guardiões (SJ) são organizados, meticolosos e cautelosos (LAUAND, 2018, p. 34), impacientes com falhas e desautorizações (KEIRSEY, 1998, p. 107-108).

Talvez um exemplo concreto da análise que estamos realizando encontra-se num recorte da série televisiva *Anne with an E*, quando os pais e responsáveis se reúnem para demitir a Professora Muriel Stacy (SP). Afinal, como já falamos, em vez de utilizar as carteiras ela coloca os alunos (as) sentados no chão, no lugar da lousa utiliza batatas, fios elétricos e lâmpadas, no lugar de aulas expositivas e preenchimento de formulários, os alunos constroem e testam suas habilidades em experiências concretas. Dirigentes da escola SJ e pais SJ, horrorizados com o abandono dos métodos tradicionais (ainda mais que a ação se passa no fim do século XIX) querem demiti-la. Em uma das falas sobre o que eles esperavam de um professor (a) para seus filhos e filhas, dizem todas as características de um SJ:

Um professor deve impor regras e manter a ordem. Deve ensinar os alunos a ser obedientes [...], a respeitar os mais velhos e a ter moralidade. Estes são os princípios da educação. Crianças devem se calar, respeitar e ser honestas, pontuais, asseadas e organizadas. O objetivo da educação é criar uma força de trabalho melhor, com ênfase no bom comportamento, na habilidade de seguir instruções [...] Não existe lugar [na educação] para brincadeiras e atividades sem sentido<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> ANNE WITH AN E, é uma série Canadense disponível na NETFLIX ganhadora do Canadian Screen Awards. Baseada no livro *Anne of Green Gables* de Lucy Maud Montgomery e protagonizada pela atriz Amybeth McNulty. O assunto em questão acontece na 2ª. Temporada no Episódio 10 aos 32 minutos.

Logicamente, o aluno (a) SJ se encaixará bem neste modelo (LAUAND, 2018, p. 34), afinal a escola foi feita para o SJ (KEIRSEY, 1984, p. 40). Keirsey sugere a seguinte experiência: se olharmos para uma sala de aula de jardim de infância, podemos facilmente observar cerca de uma dúzia de crianças SJ de cinco anos, procurando com sinceridade e empenho as pistas que lhes indicarão o que devem fazer. O resto das crianças, principalmente SPs junto com um número pequeno de NTs e NFs, estarão como animaizinhos, pulando, brigando, cheirando e mastigando. Resumindo: esta escola feita por SJ e para os SJ, tem como objetivo transformar esses filhotes brincalhões em adultos sérios e orientados para o dever, que buscam apenas saber o que devem fazer (KEIRSEY, 1984, p. 40).

Claro que estamos aqui falando do SJ “puro” e de suas disfunções. Quando há grandeza e compreensão, os SJ (e os demais tipos) são abertos, acolhedores e sabem reconhecer e valorizar valores próprios de outros tipos e, para usar a formulação keirseyana, eles são “os pilares da sociedade” (KEIRSEY, 1984, p. 85). Mas, se há estreiteza de mente, a educação imposta na maioria das escolas é opressora, causa “culpa indevida” pelo insucesso, como uma “sobra invasora”. Esta educação desumanizante (FREIRE, 2017, p. 81), define os seres humano como *winner/losers*. Este modelo está fadado ao fracasso. A educação não pode ser triste, “carrancuda” (LAUAND, 2011, p. 19), tem que ter “alegria” e “boniteza” (FREIRE, 2017, p. 133 – 139).

É certo que a educação sem beleza que estamos vivenciando atualmente, com seus sistemas e pacotes de ensino, simplistas e formatados, é uma educação triste. Uma educação que não está trabalhando em prol do desenvolvimento do ser humano, mas em prol da indústria e do mercado. Como escreve Rubem Alves, os estudantes sabem que são

...vítimas de uma conspiração adulta que cria as instituições educacionais, instituições estas que, na verdade, são fábricas que produzem pessoas bem acabadas com as arestas aparadas (ALVES, 2012, p. 66).

transformando as pessoas sensíveis e amorosas em robôs idênticos, para servirem no campo industrial operando máquinas diferenciadas. Que devem olhar o mundo da mesma forma. Nem que para obter a destreza imposta, os alunos (as) devam ser mutilados de suas características individuais (MARX, 2008, p.128-129).

Em outras palavras, como se o mundo tivesse apenas uma forma para ser visto. É o embrutecimento do espírito.

...Ocorre quando o homem já não é capaz de se admirar ou precisa do sensacionalismo do estapafúrdio para provocar [...] verdadeira admiração (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 31).

Como escreve Keirsey em *Please Understand Me*:

Por favor, não queira fazer de mim uma cópia sua; não diga que sou errado, apenas por não querer aquilo que você quer; Minhas emoções, ações, crenças, não são certas ou erradas, elas são minhas; Não quero

que você as abrace como suas, quero apenas que você me compreenda (KEIRSEY, 1984, p. 1).

Talvez a essência desta pesquisa seja a de que as pessoas são diferentes umas das outras. E não existe razão para querer mudá-las, pois as diferenças na verdade são boas, não más (KEIRSEY, 1984, p. 2).

### **Referências bibliográficas:**

ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*, São Paulo/SP: Fonte Editorial, 2012

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Forense Universitária, 2003

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*, São Paulo/SP: Ed. Perspectiva, 2012

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro & São Paulo: Paz e Terra, 2017

JUNG, Carl. C. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991

KEIRSEY, David; BATES, Marilyn. *Please Understand Me: Character & Temperament Types*. Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David. *Please Understand Me II: Temperament, Character and Intelligence*, Del Mar – CA/ USA: Prometheus Nemesis Book Company, 1998

LAUAND, J. S. *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a educação. Um estudo da sitcom “Everybody loves Raymond”*. São Paulo: Factash, 2014

LAUAND, JS, João Sérgio. *David Keirsey e o temperamento das crianças – estilos de aprender e de ensinar*, In: LAUAND, Jean (org). *Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação*, São Paulo/SP: Kapenke/CEMOROC, 2019

LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G. (orgs.). *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2011

LAUAND, Jean (org). *Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação*, São Paulo/SP: Kapenke/CEMOROC, 2019

LAUAND, Jean (org). *Uma Introdução à tipologia de David Keirsey*, São Paulo/SP: Fatash/CEMOROC, 2018

LAUAND, Jean; MEDEIROS, Alexandre. *Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas*, Revista Conventit Internacional vol.35 - jan-abr 2021 CEMOROC - FEUSP, 2021

MARX, Karl. *O Capital*, Edição Condensada, Bauru/SP: Edipro, 2008

MARCHETI, Pedro (org.). *Sofrimento & Depressão: os desafios da Educação – I* Coepta N. 5 - ed. especial da Revista Internacional d’Humanitats 51 jan-abr 2021 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona - São Paulo - 2021

MARCHETI, Pedro (org.). *Sofrimento & Depressão: os desafios da Educação – II* Coepta N. 5 - ed. especial da Revista Internacional d'Humanitats 51 jan-abr 2021 CEMOROC-Feusp / Univ. Autônoma de Barcelona - São Paulo – 2021

MEDEIROS, Alexandre. Metodologia Humanista e Humanitária: uma proposta de ensino, Revista Convenit Internacional, volume 29, jan-abr 2019, páginas 137 - 146, CEMOROC/FEUSP & Universidade do Porto, 2019

MEDEIROS, A. Metodologia para uma educação humanista e humanitária: caminhos possíveis In: Marilena Rosalen (org.). *Movimentos Docentes: experiências, vivências e histórias*. 1ed. Diadema/SP: V&V Editora, 2020, v.I, p. 14-41

MEDEIROS, Alexandre. Modelo Educacional Excludente: caminhos de uma metodologia sem o humano. In: ROSALEN, M.; CAROLEI, P. *Movimentos Docentes: Confluências na Educação*. Coleção Comunidade Movimentos Docentes. Diadema: V&V Editora, 2020b (UNIFESP) Cap. 2 – Páginas: 67 – 90

PRADO, Adélia. *Bagagem*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Record, 2014

VIANNA, Nadia Wacila Hanania. *A Tomada de Decisões Estratégicas na Escola: análise à Luz dos Perfis de Keirse*, In: LAUAND, Jean (org). *Sobre a tipologia de David Keirse: psicologia, religião e educação*, São Paulo/SP: Kapenke/CEMOROC, 2019

WEBER, Marx. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, São Paulo/SP: Cia. das Letras, 2004

WEBER, Marx. *Economia e Sociedade Vol I*, Brasília: UNB, 2012

#### **Referência digital:**

KARNAL, Leandro. <https://www.facebook.com/452359041795648/posts/947925285572352/?app=fbl> – acessado em 24/10/2019

MEDEIROS, Alexandre. *PSICOLOGIA & EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA O SISTEMA EDUCACIONAL À LUZ DOS TIPOS PSICOLÓGICOS DE DAVID KEIRSEY* – ISBN: 978-65-88471-03-6 | <https://doi.org/10.47247/VV/LAA/88471.03.6> - publicado nos Anais do Encontro Nacional Movimentos Docentes da Universidade Federal de São Paulo e V&V Editora, 2021

VARELLA, Drauzio; SCIVOLETTO, Sandra. Entrevista com o Dr. Drauzio Varella e a Dra. Sandra Scivoletto, - <https://drauzioarella.uol.com.br/entrevistas-2/depressao-infantil-e-na-adolescencia/> - acessado em 27/03/2019.

Recebido para publicação em 02-09-21; aceito em 03-11-21

## Estudos keirseyanos nas revistas do Cemoroc: 2017-2021

Alexandre Medeiros<sup>55</sup>

**Resumo:** Por ocasião da celebração do 25º. aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em [www.hottopos.com](http://www.hottopos.com), a Editora pediu a alguns autores, como também a editores, um artigo de retrospectiva de suas contribuições nessas revistas e relacionamentos com o Cemoroc, especialmente nos últimos cinco anos. Neste artigo, relata-se as pesquisas sobre a tipologia de David Keirseyan nas revistas do Centro desde 2017.

**Palavras Chave:** Revistas Cemoroc. David Keirseyan. tipos. temperamento.

**Abstract:** To celebrate this 25<sup>th</sup> anniversary of Cemoroc's journals (in 2022), the publisher has asked an article summarizing the researches on David Keirseyan in journals of Cemoroc, especially since 2017.

**Keywords:** Cemoroc Journals. David Keirseyan. types. temperament.

### Keirseyan [verbete]

Metodologia de autoavaliação da sua personalidade com ajuda de um questionário que possibilita o melhor entendimento sobre você e os outros. Essa metodologia ganha o nome de seu fundador, David Keirseyan, que nomeou quatro temperamentos básicos (artesão, guardião, idealista e racional), cada um depois subdividido em quatro perfis. Os testes de Keirseyan são utilizados por grandes empresas multinacionais para ajudar no desenvolvimento de seus funcionários. (Glossário "Sua Carreira" do jornal O Estado de S. Paulo – <https://www.estadao.com.br/infograficos/economia/glossario-sua-carreira-de-a-a-z,1126530>)

### Estudos sobre Keirseyan no Cemoroc

Há cinco anos, publicou-se um artigo sobre esse mesmo tema, fazendo um balanço das pesquisas sobre o pensamento de David Keirseyan (abreviaremos por DK) em nosso Cemoroc, então na edição comemorativa dos 20 anos de nossas revistas: <http://www.hottopos.com/isle25/85-90JSLauKeirseyanF.pdf>.

Contávamos então com cerca de 20 artigos sobre o tema, analisados naquele estudo. Desta vez, limitar-nos-emos aos artigos, em número de 18, publicados desde então.

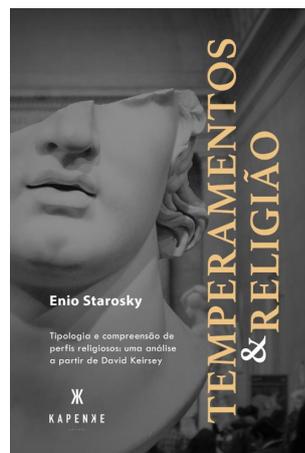
Nestes últimos cinco anos, o grupo de pesquisadores do Cemoroc sobre o tema cresceu em quantidade e qualidade: Nadia Vianna e Chie Hirose concluíram seus pós-doutorados sobre DK na Faculdade de Educação da USP e Enio Starosky defendeu seu doutorado (também sobre DK) na Umesp, já publicado em livro (Santo André: 2020).

---

<sup>55</sup>. Doutor em Ciências da Religião – UMESP/SP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

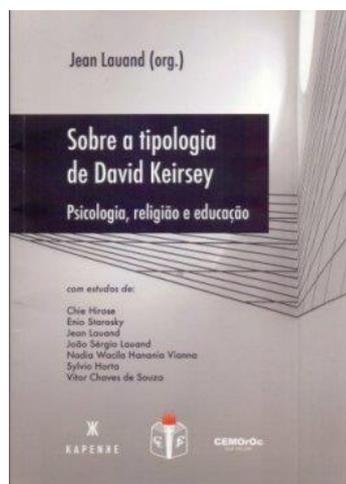


Nadia Vianna (2ª. em pé) e Chie Hirose (4ª. em pé) no XX Seminário Internacional Cemoroc (2109), no qual apresentaram as conclusões de seus pós-doutorados.



O grupo de pesquisadores sobre DK do Cemoroc era composto originalmente por cinco pesquisadores: Jean Lauand, João Sérgio Lauand (doutor pela Feusp com tese sobre DK), Nádia Vianna, Chie Hirose e Enio Starosky. Hoje, podemos contar já com estudos keirseyanos de Sylvio Horta, Vítor Chaves de Souza e do mais novo membro do grupo: o autor deste artigo.

O grupo já lançou um livro com seus estudos (Santo André: 2019):



<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/tipologia.pdf>

Antes de elencar os artigos sobre Keirsej nestes últimos anos, indico para o leitor não familiarizado com a teoria de DK, que há em **Apêndice**, uma breve introdução aos conceitos fundamentais, que Jean Lauand e eu, redigimos em outro artigo, também para a revista *Convenit Internacional*.

## **Artigos sobre DK nas revistas do Cemoroc: 2017-2021**

### ***Em Convenit Internacional***

<http://www.hottopos.com/convenit35/AlexJeanDK.pdf>

No. 35 (jan-abr 2021). Jean Lauand e Alexandre Medeiros: “Tipos de David Keirsej na escola - um roteiro de pesquisas”.

Os autores apontam algumas linhas de pesquisa sobre como utilizar DK para identificar (e solucionar) problemas que ocorrem – em diversas dimensões – no cotidiano escolar.

<http://www.hottopos.com/convenit34/jsergio.pdf>

No. 34 (set-dez 2020). João Sérgio Lauand: “As diferentes formas de liderar e a influência do temperamento individual nas relações de trabalho”.

Analisa como os diferentes tipos psicológicos se comportam na empresa. Mostra que sua atuação é influenciada pela sua forma psicológica. Apresenta sugestões que podem ser úteis no trabalho e convivência, baseadas na diferentes formas de liderar e nas capacidades e habilidades de cada um.

<http://www.hottopos.com/convenit32/79-84Enio.pdf>

No. 32 (jan-abr 2020). Enio Starosky: “A tipologia de David Keirsej e os evangelhos – observações sobre Marcos, o SP”.

Tal como faz com os outros três evangelistas, o autor busca identificar o tipo psicológico do hagiógrafo, no caso, o evangelho de S. Marcos como um livro escrito por um SP, *artisan*.

<http://www.hottopos.com/convenit29/115-124JeanNT.pdf>

No. 29 (jan-abr 2019). Jean Lauand: “Tipos de David Keirsej – identificando algumas características IV”.

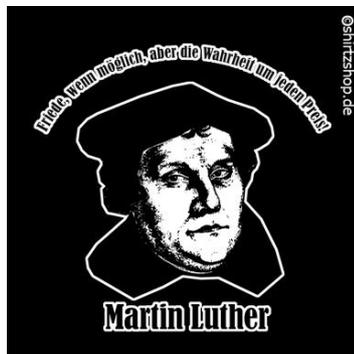
Assim como fez com os outros três tipos, o autor busca mostrar como se manifesta concretamente cada tipo psicológico, no caso deste artigo, o NT.



<http://www.hottopos.com/convenit29/125-128VitorEnio.pdf>

No. 29 (jan-abr 2019). Enio Starosky & Vitor Chaves de Souza: “Martin Lutero e David Keirsej”.

Estudo do tipo de temperamento de Martin Lutero à luz da teoria de DK.



<http://www.hottopos.com/convenit27/55-60JSergioF.pdf>

No. 27 (mai-ago 2018). João Sérgio Lauand: “Projeto Pigmaleão”.

Discute, na perspectiva de DK o “Projeto Pigmaleão”, a tentativa de fazer o outro igual ao que somos.

<http://www.hottopos.com/convenit27/61-66Nadia.pdf>

No. 27 (mai-ago 2018). Nadia Wacila H. Vianna: “Keirsej: temperamento e comportamento de crianças na escola”.

Salienta a importância de se conhecer o temperamento das crianças e do comportamento a cada um deles associado no ambiente escolar. O relato de experiência prática ilustra a contribuição de DK para a condução da relação ensino-aprendizagem.

<http://www.hottopos.com/convenit26/33-38MichelDK.pdf>

No. 26 (jan-abr 2018). Michel Nahas Filho: “Os quatro temperamentos no site de David Keirsej”.

Nota introdutória e tradução.

<http://www.hottopos.com/convenit23/55-604Ariadne.pdf>  
No. 23 (jan-abr 2017). Ariadne Guimarães Dias: “Identificando os tipos NT de Keirsey”.

Nota introdutória e tradução do site de DK.

### **Em Notandum**

<http://www.hottopos.com/notand48/143-150ChieEnioDK.pdf>  
No. 48 (set-dez 2018). Chie Hirose & Enio Starosky: “Keirsey, tradicionalismo religioso e educação—o fator T”.

O artigo discute o discurso do tradicionalismo religioso no Brasil de hoje, focando em suas relações com o fator T (em oposição ao fator F) da tipologia de David Keirsey.

### **Na Revista Internacional d’Humanitats**

<http://www.hottopos.com/rih51/33-38JL.pdf>  
No. 51 (jan-abr 2021). Jean Lauand: “Enio Starosky, a teoria de Keirsey e os tipos religiosos”.

Apresentação do já citado livro “Temperamentos & Religiões”.

<http://www.hottopos.com/rih49/41-46Enio.pdf>  
No. 49 (mai-ago 2020). Enio Starosky: “A tipologia de David Keirsey e os evangelhos—observações sobre Mateus, o SJ”.

Análise keirseiana do evangelista Mateus e de seu livro.

<http://www.hottopos.com/rih48/83-106JSLau.pdf>  
No. 48 (jan-abr 2020). João Sérgio Lauand: “David Keirsey e o temperamento das crianças – estilos de aprender e de ensinar”.

Análise keirseiana dos temperamentos nas crianças e correspondentes estilos de aprender. Como em diversos outros artigos, discute-se a particular afinidade do tipo SJ com a escola.

<http://www.hottopos.com/rih46/113-128JeanEnioJSg.pdf>  
No. 46-47 (maio-dez 2019). Jean Lauand, Enio Starosky & João Sérgio Lauand: “Tipos de David Keirsey – identificando algumas características III”.

Análise keirseiana do temperamento NF, evidenciando sua manifestação em instâncias concretas.

<http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirse.pdf>

No. 45 (jan-abr 2019). Jean Lauand & Enio Starosky: “Tipos de David Keirse – identificando algumas características II”.

Análise comparativa dos tipos de temperamento SJ e SP, vivamente contrastantes em suas manifestações concretas.

<http://www.hottopos.com/rih43/121-130ChieKeirse.pdf>

No. 43 (mai-ago 2018). Chie Hirose & Enio Starosky: “Keirse, tradicionalismo religioso e educação – a *prudentia*”.

Mais uma análise do tradicionalismo religioso, contrastando-o com a clássica virtude cardeal da prudência.

### ***Na Internacional Studies on Law & Education***

<http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>

No. 33 (set-dez 2019). Jean Lauand & Chie Hirose: “Tipos de David Keirse – Identificando algumas características”.

Análise de diversos personagens (Neymar, Gustavo Kuerten, Sérgio Vieira de Mello etc. como sub-tipos do temperamento SP.

<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>

No. 28 (jan-abr 2018). Jean Lauand, Sylvio Horta & Enio Starosky: “Análise keirseiana de clássicos cristãos e chineses”.

Análise de diversos personagens (São Francisco, São Bento, Lao-Tsé, Confúcio, Bento XVI etc.) à luz da teoria de DK.

### **Considerações finais**

Ao concluir a re-visitação desses artigos, a impressão que se impõe é – antes de mais nada – a notável ampla gama de campos a que se estendem essas análises, sempre profundas. Por exemplo, na educação, a prevalência do estilo do tipo SJ na escola (da administração à sala de aula), os diversos modos pelos quais cada temperamento tende a ensinar e a aprender; na administração, os talentos específicos de cada tipo para a organização; na religião e na política, as finas análises da correlação entre tradicionalismo e perfis keirseianos etc.

Além disso, temos frequentemente uma abordagem que o leitor agradece profundamente: o **sabor do concreto** que, a cada passo, permite “visualizar” aquilo que, em teoria, é distante e abstrato. Por exemplo, tornar acessível as quase enormes dificuldades (que os outros tipos têm) para identificar os NF e suas motivações.

Trata-se, portanto, de um material riquíssimo para os estudiosos de DK em nosso meio.

## APÊNDICE – Elementos básicos na teoria de DK

(extraído do artigo de Lauand, J. & Medeiros, A. “Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas”: <http://www.hottopos.com/convenit35/AlexJeanDK.pdf>)

[...] Começamos pela recordação dos elementos básicos da teoria dos temperamentos de David Keirsey (abreviaremos por DK) [...]. DK distinguiu-se no campo da Psicologia, por aplicar, a seu modo, os pares de fatores de Jung (2015) em seu clássico livro *Tipos Psicológicos*, junto com outro par (JxP), proposto pela tipologia de Myers-Briggs (1995), em seu clássico teste MBTI, *Myers-Briggs Type Indicator*.

A originalidade de DK – e que constitui um poderoso diferencial em relação a Myers-Briggs – é agrupar os 16 tipos do MBTI em torno de 4 tipos de temperamentos (com quatro “sub tipos” cada um). Ao reabilitar, em versão contemporânea, a antiquíssima doutrina dos temperamentos, DK fornece uma poderosa ferramenta para auxiliar na compreensão do modo de ser de cada um, suas preferências de gostos, conhecimento, modos de agir e de reagir aos estímulos exteriores, estilos, enfim, sua instalação no mundo.

A palavra “compreensão” utiliza-se aqui com a feliz acumulação semântica que se dá em nossa língua (também no inglês, e em tantas outras): para além da mera captação intelectual, uma atitude de empatia e aceitação do modo (diferente) de ser do outro. Não por acaso, os dois livros fundamentais de DK se intitulam: *Please understand me* (1984) e *Please understand me II* (1998).

O temperamento, para DK, é uma “configuração” inata de alguns desses fatores, que é a base da personalidade: tudo aquilo que se constrói em cada um (e que cada um constrói) por conta de tantos fatores: educação, experiências marcantes, diversas influências da sociedade etc. etc. [...]

Tenhamos em conta também que pertencer a este ou àquele tipo de temperamento não tem **nenhuma** conotação moral: há grandes santos e grandes criminosos em cada um dos 4 temperamentos e seus 16 “sub tipos”. Nem, de forma alguma, “é melhor” ser humano aquele que é deste ou daquele tipo. Trata-se simplesmente de uma preferência natural da pessoa em seu modo de relacionar-se com o mundo, como a preferência pelo uso da mão direita ou da esquerda.

Na teoria de DK, como na de Myers-Briggs, intervêm 4 pares de fatores, de preferências opostas: 3 deles procedem de Jung (as preferências I/E, S/N e F/T) e o quarto par é J/P (Myers Briggs e DK).

Desses 4 pares, DK extrai seus 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT que, combinados às possibilidades restantes, resultam em 16 tipos mais específicos (ESTJ, ISTJ, ESFJ, ISFJ, ESTP etc.).

Advertimos, desde já, que nos parece mais adequado designar os tipos pelas letras que abreviam cada caso, ao contrário de DK, que além dessas siglas, vale-se também de nomes para designá-los: o SJ sendo o Guardião; o NF, Idealista; o NT, o Racional etc. Essas siglas preservam-nos de equívocos e mal entendidos, que poderiam ser sugeridos pelos nomes dos tipos ou dos fatores (por exemplo, J x P seria a oposição entre Julgamento e Percepção, que nada têm que ver com o uso comum dessas palavras...). Na verdade, muitas vezes em nossa comunicação geral, ficamos com as siglas e não sabemos (nem precisamos saber) o que estão elas abreviando: a Confederação Sul Americana de Futebol é a *Conmebol* e ninguém tem a menor ideia de que o *http* da internet abrevia *Hyper Text Transfer Protocol*?

Passemos agora a resumir, brevemente (somente para uma recordação sumária e alusiva), os fatores de que DK se vale.

Os fatores ExI (os mais fundamentais para Jung e os menos essenciais para DK, que não os faz integrar o núcleo de nenhum dos 4 temperamentos) são simplesmente a preferência pela Extroversão / Introversão. Quem tem a preferência pelo fator E energiza-se em contato com os outros, que podem ser muitos e desconhecidos, enquanto o I recarrega suas baterias sozinho, ou em contato com muito poucos e muito conhecidos. O fato de 80% ou mais das pessoas serem E e, além do mais, nossas instituições sociais (a escola entre elas), as *vigências*, de que falava Ortega y Gasset, são feitas para os E (em detrimento das preferências I) e são um fator a mais de exclusão e desconforto para os introvertidos... O choque do 1º. Dia de retorno às aulas (para não falar do primeiro dia de ingresso na escola!) pode ser traumático para a criança I. Além do suplício de ser constantemente convocada para opinar e “participar”, em moldes que estão feitos para as crianças E. Sem falar nos rótulos, “Ela é quietinha assim mesmo, é o jeito dela, deixa ela...”, no bullying por conta da própria extroversão etc.

O par S/N indica a preferência pelo fator S (de *sensible*, cerca de 80% da população), realista e de pés no chão, que se atém aos fatos enquanto tais, em oposição ao N (de *iNtuição*), para quem os fatos são mero trampolim para outra “dimensão”: a da leitura científica racional dos fatos (NT) ou a da realidade humana em seu sentido mais profundo (NF). Daí que os NF (ainda mais que os NT) encontrem-se muito à vontade com a comunicação por metáforas, enquanto a linguagem dos S tende a ser direta e factual. [...]

A oposição FXT é de mais fácil e direta compreensão. F (de *feeling*) indica uma *approach* pessoal da realidade, incluindo as emoções e a afetividade. Já para o T (de *thinking*), o que conta é o *Sachverhalt*, o estado “objetivo” das coisas, à margem de considerações sobre as subjetividades envolvidas. No caso extremo, o T é um computador jogando xadrez: a decisão sobre o lance envolve somente a fria análise do tabuleiro. [...]

Finalmente, a oposição JxP. Keirse (1984, p. 22 e ss.) distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas. (...)

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao “deixa a vida me levar”... Claro que nas escolas tradicionalmente prevalece, por parte da direção e de muitos docentes, a preferência J.

Para DK, das combinações com os fatores S e N surgem os 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT.

Os SP, sempre tipicamente falando, são movidos pelo desejo de ação e pelo impulso: são lúdicos, hedonistas e focados no “aqui e agora”. Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos.

Os SJ são muito focados no dever e na responsabilidade. Valorizam as tradições e as instituições, que transmitem às novas gerações os valores para o bom funcionamento da sociedade. Tendem ao pessimismo. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiões de regras.

O grande propósito do NF é a busca por encontrar o (sempre enigmático) sentido humano e do seu self.

Já o frio NT procura as possibilidades racionais e tecnológicas oferecidas pela realidade.

Recebido para publicação em 19-01-21; aceito em 22-02-21

## Enio Starosky, a teoria de Keirsey e os tipos religiosos

(apresentação do livro: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. Santo André: Kapenke, 2020)

Jean Lauand<sup>56</sup>

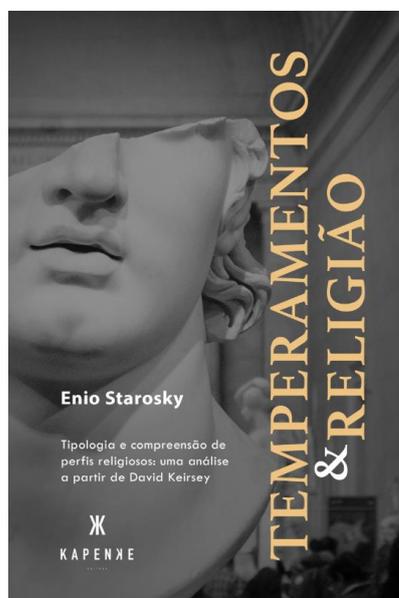
**Resumo:** Apresentação do livro de Enio Starosky: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. O artigo traz uma introdução ao pensamento de Keirsey e seu alcance no campo da tipologia religiosa.

**Palavras Chave:** Enio Starosky. David Keirsey. Psicologia dos temperamentos. Tipos religiosos.

**Abstract:** Presentation of the book of Enio Starosky: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. The article presents briefly an introduction to the psychology of Keirsey and its importance to religious analysis.

**Keywords:** Enio Starosky. David Keirsey. psychology of temperaments. religious types.

Lembro da data exata em que conheci Enio Starosky pois, para cada disciplina que leciono, crio uma página em meu site pessoal, na qual, além de programação e bibliografia, incluo dados dos alunos, seus seminários etc. Assim, no dia 8 de agosto de 2012, na primeira aula de “Abordagens Filosóficas da Educação” no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, lá estava o Prof. Enio, como aluno especial de mestrado. Apresentou-se como bacharel em teologia e Diretor do Colégio Luterano São Paulo.



<sup>56</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

Recordo-me também que, naquela primeira aula, discutimos amplamente uma concepção antropológica fundamental das tradições clássicas de pensamento e religião – tanto do Ocidente como dos Orientes –, a de que o homem é um ser que esquece! Esquece-se não das minudências do quotidiano (fazer as compras do mercado, pagar as contas, a data da estreia de um filme etc.), mas das verdades essenciais: sobre Deus e o mundo e sobre seu próprio ser.

Enio ficou impressionado com essa ideia e, desde então, estabeleceu-se entre nós uma forte comunhão de pensamento que, ao longo daquele semestre, foi-se consolidando: compartilhávamos o entusiasmo por autores como Josef Pieper e C. S. Lewis e por tantos temas filosóficos e pedagógicos, como o da “voz média” ou o dos fundamentos clássicos da ética.



29-01-2015 – Enio Starosky proferindo conferência no XVI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação

Para minha alegria e honra, no semestre seguinte fui escolhido como seu orientador de mestrado, uma notável dissertação, publicada em livro, já na segunda edição: “Amor e Educação em C. S. Lewis e Josef Pieper” (Santo André: Kapenke, 2018)”. Tive o privilégio também de ser seu primeiro orientador no doutorado (tarefa concluída pelas boas mãos do brilhante Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza), que ora se publica como livro, em mais uma bela edição da Editora Kapenke: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”.

Enio Starosky, intelectual sério e profundo, tem uma incomparável vantagem para pesquisas – como esta do doutorado – sobre os diversos tipos de personalidade: como diretor de um importante colégio e como pastor, tem contato diário e conhecimento efetivo de alunos, pais e professores: compreende bem a realidade dos fiéis e as da educação e da Igreja. Claro que o preço a pagar é uma sobrecarga de trabalho que ele, como bom SJ (tipo de temperamento descrito neste livro), sabe levar sem descuidar nenhum detalhe dessas diversas atividades. Mas, por trás da aparência silenciosa de um ISJ, Enio é um ardente apaixonado por tudo o que faz. Afinal, vocação, dizia Julián Marías (outro de nossos filósofos favoritos), é “aquilo que não se pode deixar de fazer”. Para além da sua reconhecida atuação no âmbito pedagógico-administrativo, a vocação desse SJ é apontar, por meio de suas pesquisas científicas, perspectivas de ação e reflexão nos campos da Educação e da Religião.

O que o Dr. Enio Starosky faz neste livro é precisamente resgatar um daqueles “essenciais esquecidos”, de extrema importância para a convivência, para a Educação e para as Igrejas: a de que somos diferentes! Como escreveu George Orwell em “1984”, “Os melhores livros... são aqueles que nos dizem o que nós já sabíamos”. Já sabíamos, mas não tínhamos reparado; já sabíamos, mas tínhamos nos esquecido; já sabíamos, mas não tínhamos conhecimento claro, organizado, científico...

Como dizia, o primeiro ponto essencial que Starosky resgata é a ideia – tão simples quanto fundamental – de que somos diferentes: nossos modos de ser, de perceber o mundo, de sentir, de agir e reagir, nossos estilos etc. não são iguais e, em alguns casos, até opostos. Uma obviedade, sim, mas que na prática, no dia a dia, encontra-se embotada, fora de foco de nossa percepção e consciência. O autor não só reafirma essa realidade básica, mas a repropõe em sua leitura mais moderna e avançada, oferecendo-nos uma análise concreta e fundamentada das bases e fundamentos dessas diferenças: o que nos ajuda na árdua tarefa de compreender o outro, especialmente no âmbito religioso.

Este livro de Enio Starosky é pioneiro, trata-se da primeira pesquisa keirseyaniana no Brasil sobre os tipos na religião. A obra ajuda-nos – e muito – a compreender melhor o porquê das diferenças entre os estilos religiosos e seus líderes. Um exemplo, entre as dezenas que o leitor encontrará na leitura desta tese: a ordem beneditina (assim como seu fundador, S. Bento de Núrsia), com suas regras estritas, é radicalmente SJ; os franciscanos, seguindo o *Poverello* de Assis, voltados para a espontaneidade e a alegria, são SP. Não por acaso, Ratzinger escolheu seu nome papal Bento; e Bergoglio, Francisco. E a análise staroskyana estende-se, deliciosamente, para as diferenças de estilo em todos os campos da religião: a moral, a liturgia e as celebrações, a doutrina, a liderança, a pastoral etc.

Intencionalmente, temos insistido na palavra “compreender”. Ela é utilizada aqui com a feliz acumulação semântica que se dá em nossa língua (também no inglês, e em tantas outras): para além da mera captação intelectual, uma atitude de empatia e aceitação do modo (diferente) de ser do outro. Observe-se que os dois livros fundamentais de David Keirsey, se intitulam: *Please understand me* (1984) e *Please understand me II* (1998).

É chegado o momento de dizer umas breves palavras (tomando-as, por vezes, deste próprio livro), um resumo sumário e sem a preocupação do rigor de uma tese, da teoria que Enio aplica à religião, antecipando a própria introdução do trabalho: a teoria dos tipos de temperamento de Keirsey. Começemos pela recordação dos elementos fundamentais.

Keirsey distinguiu-se no campo da Psicologia, por aplicar, a seu modo, três pares de fatores de Jung em seu clássico livro “Tipos Psicológicos” (1921), junto com outro par (JxP), proposto pela tipologia de Myers-Briggs (1995), em seu famoso teste MBTI, *Myers-Briggs Type Indicator*.

A originalidade de Keirsey – e que constitui um poderoso diferencial em relação a Myers-Briggs – é agrupar os 16 tipos do MBTI em torno de 4 tipos de temperamentos (com quatro “sub tipos” cada um). Ao reabilitar, em versão contemporânea, a antiquíssima doutrina dos temperamentos, Keirsey fornece uma poderosa ferramenta para auxiliar na compreensão do modo de ser de cada um, suas preferências de gosto, conhecimento, modos de agir e de reagir aos estímulos exteriores, estilos, enfim, sua instalação no mundo.

O temperamento, para o autor, é uma “configuração” inata de alguns desses fatores, que é a base da personalidade: tudo aquilo que se constrói em cada um (e que

cada um constrói) por conta de tantas variáveis: educação, experiências marcantes, diversas influências da sociedade etc.

Adverta-se desde logo que Starosky nunca faz uso reducionista da teoria: o temperamento é apenas um fator na compreensão de cada pessoa e, além do mais, é nada mais que um *Idealtypus*, com todas as limitações que a metodologia do tipo ideal impõe para o acesso à realidade. Assim, o tipo nunca pode se confundir com a própria realidade; o uso comum da palavra “tipo” parece confirmar essa prudente limitação para o método. Na gíria, “tipo” é uma aproximação, que indica imprecisão: “orçamento eu não tenho, mas deve custar tipo uns 10 ou 15 mil reais”, “essa moça [junto com outras milhões] não faz meu tipo”. E quando dizemos que um salame é tipo italiano, estamos implicitamente afirmando que **não** é italiano. Um tipo é só uma acentuação teórica, caricata (não no sentido pejorativo), a qual permite uma primeira aproximação de uma realidade que, insistamos, está sempre longe de se esgotar no tipo.

Tenhamos em conta também que pertencer a este ou àquele tipo de temperamento não tem **nenhuma** conotação moral: há grandes santos e grandes criminosos em cada um dos 4 temperamentos e seus 16 “sub tipos”. Nem, de forma alguma, “é melhor” ser humano aquele que é deste ou daquele tipo. Trata-se simplesmente de uma preferência natural da pessoa em seu modo de relacionar-se com o mundo, como a preferência por cores ou sabores.

Na teoria de Keirsey, como na de Myers-Briggs, intervêm 4 pares de fatores, de preferências opostas: 3 deles procedem de Jung (as preferências I/E, S/N e F/T) e o quarto par é J/P (Myers Briggs e Keirsey).

Desses 4 pares, Keirsey extrai seus 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT que, combinados às possibilidades restantes, resultam em 16 tipos mais específicos (ESTJ, ISTJ, ESFJ, ISFJ; ESTP, ISTP, ESFP, ISFP; ENFJ, INFJ, ENFP, INFP; ENTJ, INTJ, ENTP, INTP).

Parece-nos mais adequado designar os tipos pelas letras que abreviam cada caso, ao contrário de Keirsey, que além dessas siglas, vale-se também de nomes para designá-los: o SJ sendo o Guardiã; o NF, Idealista; o NT, o Racional etc. Essas siglas preservam-nos de equívocos e mal entendidos, que poderiam ser sugeridos pelos nomes dos tipos ou dos fatores (por exemplo, J x P seria a oposição entre Julgamento e Percepção, que nada têm que ver com o uso comum dessas palavras...). Na verdade, muitas vezes em nossa comunicação geral, ficamos com as siglas e não sabemos (nem precisamos saber) o que estão elas abreviando: a **Confederação Sul Americana de Futebol** é a *Conmebol* e ninguém tem a menor ideia de que o *http* da internet abrevia *Hyper Text Transfer Protocol*.

Passemos agora a resumir, brevemente, esses fatores de que Keirsey se vale.

Os fatores ExI (os mais fundamentais para Jung e os menos essenciais para Keirsey, que não os faz integrar o núcleo de nenhum dos 4 temperamentos) são simplesmente a preferência pela Extroversão / Introversão. Quem tem a preferência pelo fator E energiza-se em contato com os outros, que podem ser muitos e desconhecidos, enquanto o I recarrega suas baterias sozinho, ou em contato com poucos e, em geral, bem conhecidos. O fato de 80% ou mais das pessoas serem E e, além do mais, nossas instituições sociais (a escola entre elas), as *vigências*, de que falava Ortega y Gasset, são feitas para os E (em detrimento das preferências I), constituindo-se como um fator a mais de exclusão e desconforto para os introvertidos... Vale ainda lembrar que o fator E predomina nas celebrações de muitas igrejas, para desconforto dos fiéis I.

O par S/N indica a preferência pelo fator S (de *Sensible*, cerca de 80% da população), realista e de pés no chão, que se atém aos fatos enquanto tais, em oposição ao N (de *Intuição*), para quem os fatos são mero trampolim para outra “dimensão” – a da leitura científica racional dos fatos (NT) ou a da realidade humana em seu sentido mais profundo (NF). Daí que os NF (ainda mais que os NT) encontrem-se muito à vontade com a comunicação por metáforas, enquanto a linguagem dos S tende a ser direta e factual.

A oposição FxT é de mais fácil e direta compreensão. F (de *Feeling*) indica um *approach* pessoal da realidade, incluindo as emoções e a afetividade. Já para o T (de *Thinking*), o que conta é o *Sachverhalt*, o estado “objetivo” das coisas, à margem de considerações sobre as subjetividades envolvidas. No caso extremo, o T é um computador jogando xadrez: a decisão sobre o lance envolve somente a fria análise do tabuleiro.

Evidentemente, para a vida e para o convívio social em geral, são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...). O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”. Uma das melhores análises de Starosky é precisamente sobre a oposição FxT nas religiões.

Finalmente, a oposição JxP. Keirsey distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem – horários, datas, planejamento etc. – enquanto o P propende mais ao “deixa a vida me levar”. Claro que nas igrejas tradicionalmente prevalece, por parte das lideranças e de muitos ministros, a preferência J.

Quando esses 4 pares de fatores se combinam, formam os 4 tipos de temperamentos (SJ, SP, NF e NT) e os 16 sub tipos que deles decorrem.

Uma palavra também sobre esses temperamentos: SJ é o tipo que tem suas preferências pelo dever, pelo cumprimento das regras, pela responsabilidade; que se empenha em transmitir os valores que dão estabilidade à sociedade; avesso a mudanças rápidas etc. Sendo os SJ a maioria da população e o tipo que mais sente a atração natural por envolver-se com as igrejas e com os serviços eclesiais, há sempre o risco de uma hipertrofização do viés (e eventuais disfunções) desse tipo em detrimento dos demais. Já os SP voltam-se para a ação, movido pela impulsividade, pelo lúdico. Os NF, por sua vez, constituem um tipo de especial interesse para a religião, já que sua motivação maior é o sentido do humano e a busca do autêntico “*self*”. Finalmente, os NT buscam, naturalmente, a estruturação racional do mundo (e da religião).

A partir desta base, o leitor acompanhará a trajetória do livro, repleto de deliciosos exemplos concretos, verificando as preferências de cada tipo nos grandes temas da religião: a espiritualidade; a tradição e a inovação; a própria compreensão da religião; os tipos de cada um dos 4 evangelhos; o serviço e a caridade; a pastoral; as lideranças etc. etc. etc.

Tornar-se-á evidente também a imensa importância da mensagem desta obra: um libelo contra a exclusivização do umbigo de cada um na concepção de Igreja e um

chamado à harmônica diversidade, na qual cada tipo dá o seu melhor para a comunidade. O que é, afinal, o plano do Logos, a Inteligência criadora de Deus. Parafrazeando o cap. I de Gênesis: “E Deus criou os SJ (SP/ NF / NT) e viu que era muito bom”.

Retomemos a ideia de que os melhores livros nos dizem o que já sabíamos... Este, além da leitura por dentro (que é etimologicamente “inte-ligência”) da realidade religiosa, abre-nos o caminho para a construção de uma sadia convivência entre as religiões (e intra-religião, em cada caso), tão necessária em nosso tempo, ameaçado por fundamentalismos e intolerâncias.

Uma leitura indispensável, que pode contribuir também para um salto de qualidade em nossa visão do mundo.

São Paulo, 06 de setembro de 2020

Recebido para publicação em 11-09-20; aceito em 14-10-20